



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharias

Resiliência multicultural
Projeto de reestruturação de um quarteirão em
Kreuzberg (Berlim)

Inês Nascimento Lopes Bilhota Xavier

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(ciclo de estudos integrados)

Orientadora: Prof. Doutora Ana Lúcia Virtudes
Co-orientadora: Prof. Doutora Ana Rita Ochoa

Covilhã, outubro de 2017

Dedicatória

À Anita e ao Chico, os meus pais.

Agradecimentos

Um sincero agradecimento à minha família que providenciaram esta oportunidade com perseverança e nunca permitiram que os erros cometidos, se tornassem desesperanças.

Para a minha orientadora professora Ana Lúcia Virtudes, um agradecimento pela disponibilidade comprometida ao longo deste trabalho, pela sua compreensão que auxiliou a torná-lo exequível.

À minha co-orientadora professora Ana Rita Ochoa, pelo incentivo e ajuda prestada nos comentários críticos e ideias, que tanto influenciaram o processo conceptual.

Ao longo desta jornada gratifico com carinho e afeto todas as ‘encruzilhadas’ sucedidas, cujas especialmente cruzadas, fortes alicerces de amizade se tornaram: a Rita Afonso por me ter acompanhado numa aventura a Berlim, a Inês Barreira, a Joana Forte e o Xu Belgas pela pujança prestada num companheirismo inigualável.

Resumo

No âmbito da mais recente evolução urbana e sociológica, a prevenção da gentrificação é um fenómeno catalisador, sobre um processo que depende da sustentabilidade do desenvolvimento urbano-económico e político, como se verifica, quer em cidades dos Estados Unidos da América, nomeadamente em São Francisco e Chicago, quer na União Europeia como por exemplo em Berlim, Paris ou Istambul.

Por gentrificação entende-se o processo de valorização de um determinado bairro de uma cidade, deslocando os seus moradores para outros sítios, por deixarem de ter poder económico em acompanhar esta dinâmica, sem capacidade para aí continuar a residir.

O aumento de fenómenos como a segregação sócio urbanística, acompanham a fragmentação da sociedade neoliberal atual, produzindo cidades como lugares de inovação, mas paradoxalmente, como lugares de tensão e de confronto cultural.

O conceito social está associado a várias vertentes da cidade que estão atualmente no topo da agenda à escala global. Verifica-se, pois, uma disputa mediática em torno do termo "social" que poderá consequentemente esvaziar-se de sentido, tal como aconteceu com o termo "sustentabilidade", ainda que ambos continuem a dar visibilidade a caminhos alternativos, quer na arquitetura, quer à escala da cidade. Consequentemente, a arquitetura ligada a estes conceitos, poderá ser descrita como tendo dimensões temporais variáveis.

Por outro lado, a crescente proliferação cultural de projetos de arquitetura temporários, tem vindo a redefinir as expectativas contemporâneas, em que o Tempo persiste como uma definição da arquitetura, isto é, a forma e o significado da impermanência ou da permanência.

Para colmatar esta lacuna e face ao exposto, visando a definição de gentrificação (como processo de valorização de um determinado bairro), esta dissertação tem como objetivo a elaboração de uma proposta arquitetónica e urbanística de reestruturação para um vazio urbano, num quarteirão, no bairro de Kreuzberg, localizado no centro da cidade de Berlim. É baseada num concurso de arquitetura promovido pela "ARCHmedium", para tentar relacionar com a impermanência no desenvolvimento do quarteirão.

Neste contexto foi necessário redefinir os modos coletivos e temporários enquanto um complexo agrupado que integra os edifícios e o espaço envolvente. Historicamente, a área do caso de estudo constituiu um bairro cujo extrato social correspondia a imigrantes pobres. Contudo, é atualmente por excelência um local interessante de foco artístico e boémio, considerado parte integrante de um dos principais enclaves do poder e da cultura na Europa, na maior cidade da Alemanha. Este bairro é um dos principais focos artísticos e exemplo marcante da resiliência multicultural da cidade. Entre outros aspetos, verificou-se a

necessidade de implementar uma residência de estudantes e unidades de habitação complementadas com espaços coletivos, unidos aos elementos naturais existentes, para dar destaque ao rio Spree.

Palavras-chave

Gentrificação; Kreuzberg (Berlim); Resiliência; Projeto de Restruturação; Quarteirão.

Abstract

Under the context of the latest urban sociological evolution, preventing gentrification is a catalyst phenomenon on a process that depends on the sustainability of urban-economic and political development, as reflected both in countries like the United States of America, particularly in San Francisco and Chicago, and in European Union such as Berlin, Paris or Istanbul.

By gentrification, what it means is the valuation process of a particular neighborhood within a city, by displacing its residents to other locations, for no longer having economic power to keep up this dynamic without the capacity to remain residing there. The increase of phenomena such as the socio-urban segregation, accompany the fragmentation of current neoliberal society in the cities as places of innovation, but instead as focal points of tension and cultural clash.

The social concept is associated with various aspects cities and it's currently at the top of the agenda. There is a dispute in the *media* over the term "social" which could consequently devoid it of meaning, as it happened with the term "sustainability". However, both present alternative ways either in architecture or to the city scale. Consequently, architecture can be described as having variable temporal dimensions.

On the other hand, the increasing cultural proliferation of temporary projects has come to re-define contemporary expectations, in which Time persists as a definition of architecture, that is, the form and meaning of impermanence or permanence.

In order to close this gap and in view of the above, aiming at the definition of gentrification (as a appreciation process of a specific neighborhood), this dissertation also has as goal the elaboration of a proposal in the scope of the architecture contest promoted by Archmedium to try to relate with the absence of a development and reconstruction proposal for the Kreuzberg district, located in Berlin's city center.

In this context, it is necessary to redefine the collective and temporary modes as a clustered complex that integrates buildings and the surrounding area. Historically, the area of the present case study constituted a district, whose demographic corresponded to that of poor immigrants. In the present day, however, it is a focal point of artistic and bohemian expressions and it's considered by many to be one of the main enclaves of Europe's power and culture, in Germany's the largest city. The intervention area is currently an urban (intervention) void, for which the current proposal will inside on the rebuilding of the block. Among other things there was a need to implement a student residence and housing units

complemented by collective spaces attached to existing natural elements, such as the river Spree.

Keywords

Gentrification; City Block; Kreuzberg (Berlin); Resilience; Reconstruction Project.

Índice

Capítulo 1 Introdução	1
1.1 Relevância da temática	2
1.2 Objetivos	4
1.3 Metodologia	5
1.4 Estrutura	6
1.5 Estado da arte	7
I Enquadramento Teórico: A cidade pós-moderna	8
Capítulo 2 Contextualização histórica e social	8
2.1 Evolução urbana pós-moderna	10
2.2 Traços da cidade contemporânea	17
Capítulo 3 A Sociedade multicultural	22
3.1 Cidade, lugar de inovação e confronto cultural	23
3.1.1 Diversidade intercultural.....	26
3.1.2 Gentrificação	28
3.2 Segregação sócio urbanística	34
3.2.1 Aspectos fundamentais	34
3.2.2 Um caso exemplar: Casas quinta Monroy	37
II Enquadramento Prático: Berlim na pós-modernidade	38
Capítulo 4 A cidade resiliente	39
4.1 Condição de (im)permanência	39
4.2 À procura de identidade	43
4.2.1 Cidade palimpsesto	43
4.2.2 Apropriações arquitetónicas	47
4.3 Programas da ‘Reconstrução Crítica’	53
4.3.1 Interbau 1957	53
4.3.2 IBA 1979 a 1987	55
4.3.3 “Media Spree”	61
Capítulo 5 O bairro de Kreuzberg	64
5.1 Situação atual	67
5.1.1 Caracterização morfológica	67
5.1.2 Vazio expectante.....	73
5.1.3 Reinterpretações de quarteirões	77
A- Bonjour tristesse	79
B- Quarteirão de ‘Schutzenstrasse’.....	81
C- Embaixada Holandesa	83
5.1.4 Água como elemento físico visual e simbólico	83
5.2 O quarteirão: projeto de reestruturação	87
5.2.1 Caracterização Cuvry-Brache local de intervenção	87
5.2.2 Edificado adjacente	91
5.2.3 Concurso “BUR” da Archmedium	95
5.2.4 Descrição e justificação de proposta	103
Capítulo 6 Conclusões	107
Bibliografia	

Lista de Figuras

Fig. 1.1 Maqueta do plano urbano utópico <i>Voison</i> de Paris, Arq. Le Corbusier 1925.....	10
Fonte: “ <i>El patrimonio para el Movimiento Moderno (Carta de Atenas)</i> ”. Disponível em [http://www.cosasdearquitectos.com/2014/07/el-patrimonio-para-el-movimiento-moderno-carta-de-atenas/]	
Fig.1.2 Le Corbusier fotografado pelo designer suíço Pierre Jeanneret 1950	10
Fonte: Disponível em [http://theredlist.com/wiki-2-18-393-1397-view-french-modernism-profile-jeanneret-pierre-2.html]	
Fig.1.3 Espaço utópico de ‘ <i>Gendarmenmarket</i> ’ da cidade de Berlim, Arq. Ludwig Hilberseimer, 1928	10
Fonte: Disponível em [https://www.stylepark.com/en/news/just-plans]	
Fig.1.4 CIAM 7, Bergamo Itália 1949	10
Fonte: Eric Mumford, <i>The CIAM discourse on Urbanism 1928-1960</i> (2002). Disponível em [http://architectureandurbanism.blogspot.pt/2011/03/eric-mumford-ciam-discourse-on-urbanism.html]	
Fig.1.5 Palácio do Planalto em construção, Arq. Óscar Niemeyer em Brasília, 1958	10
Fonte: Brasília - Arquitectura y Costruccion. Disponível em [http://www.taringa.net/post/imagenes/18386628/Brasilia---Arquitectura-y-Costruccion.html]	
Fig.2.1 Complexo habitacional <i>Pruitt-Igoe</i> ; Vista aérea do projeto elaborado pelo Arq. Minoru Yamasaki, localizado em St. Louis Missouri E.U.A. em 1954	12
Fonte: “ <i>Pruitt-Igoe Myth</i> ”. Disponível em [http://www.ghostofaflea.com/archives/018948.html]	
Fig.2.2 Implosão do complexo entre 1972-1976	12
Fonte: “ <i>The Pruiit-Igoe Myth of Public Housing</i> ”. Disponível em: [http://www.sustainablecitiescollective.com/ifmr-financing-small-cities/235081/pruitt-igoe-myth-public-housing]	
Fig.3 <i>Silodam</i> pelos arquitetos MVRDV, Amesterdão 2002	14
Fonte: [http://www.archdaily.com/537940/a-new-architectural-style-for-the-age-of-the-individual/]	
Fig.4 Parte do Muro integro na <i>East Side Gallery</i> , fotografia captada em Berlim Ocidental, 2016	16
Fonte: autora Rita Afonso	
Fig.5 “ <i>Dense City</i> ” de Oswald Ungers 1970	20
Fonte: AA <i>Visiting School at the Ungers Archive in Cologne, Germany 12-21 August 2015</i> . Disponível em [http://cologne.aaschool.ac.uk/]	
Fig.6 Linguagem ‘diversificada’ de uma das fachadas na <i>Leipziger Platz</i> , Berilm	26
Fig.7 Torre de David no centro da cidade de Caracas, na República Bolivariana da Venezuela	28
Fonte: “ <i>Caracas’ Tower of David - Vertical Favela</i> ” por Marcel Krenz, janeiro de 2016. Disponível em [https://www.linkedin.com/pulse/caracas-tower-david-vertical-favela-marcel-krenz]	
Fig.8.1 Desinvestimento na disponível habitação urbana: um prédio abandonado e reabilitação baseado na comunidade (community-based rehabilitation) em Nova Iorque	30
Fonte: Neil Smith, “ <i>The new urban frontier</i> ”, p.61	

Fig.8.2 Motim “ <i>Gentrification is a class war, fight back</i> ” em Tompkins square park, Nova Iorque 1988	30
Fonte: “20 years after unrest, class tensions have faded and punk rock will be played by Colin Moynihan”, agosto 2008. Autor: Ángel Franco/The New York Times. Disponível em: [http://www.nytimes.com/2008/08/02/nyregion/02tompkins.html]	
Fig.9.1 Fotografia fachada de um edifício em Veneza, um exemplo que, por muito bonito e recuperado esteja, não é o seu edifício que a define como cidade não atrativa 2012	32
Fonte: autor Arq. Victor Rente. Disponível em [http://www.vscantlebury.com/fotografia?lightbox=dataltm-inbw94ec]	
Fig.9.2 Faixa colocada sobre um edifício recuperado direcionado a investidores estrangeiros de modo a promover a compra de apartamentos no centro de Lisboa. Autor: cortesia Trienal de Arquitetura de Lisboa	32
Fonte: ArchDaily Brasil, julho 2016. Disponível em: [http://www.archdaily.com.br/br/790883/quem-vai-poder-morar-em-lisboa-da-gentrificacao-e-do-turismo-a-subida-no-preco-da-habitacao-causas-consequencias-e-propostas]	
Fig. 9.3 Mapa de alugueres <i>Airbnb</i> (alojamento local online) ativos em Lisboa: casa inteira, quarto privado e partilhado, Maio 2016	32
Fonte: ArchDaily Brasil, julho 2016, via AIRDNA. Disponível em: [http://www.archdaily.com.br/br/790883/quem-vai-poder-morar-em-lisboa-da-gentrificacao-e-do-turismo-a-subida-no-preco-da-habitacao-causas-consequencias-e-propostas]	
Fig. 10.1 Casas Quinta Monroy; projetadas em Iquique, região Tarapacá do Chile, 2003. Autor: © Cristóbal Palma	36
Fonte: ArchDaily Brasil, Maio 2016. Disponível em [http://www.archdaily.com.br/br/767085/cidades-radicaais-solucoes-radicaais-livro-de-justin-mcguirk-encontra-oportunidades-em-lugares-inesperados]	
Fig. 10.2 Planta do segundo piso, da esq. para a dir.: módulo unidade inicial duplex seguida por uma unidade duplas ampliada e por outra unidade inicial duplex	36
Fonte: ArchDaily Brasil, fevereiro 2012. Disponível em [http://www.archdaily.com.br/br/01-28605/quinta-monroy-elemental]	
Fig. 11 “Entrada de casa em Kopenick”, Berlim. Autor: Paul Langrock	38
Fonte: autora da dissertação Postal fotográfico, Maio 2016	
Fig. 12 Museu Neues 1997-2009 por arq. David Chipperfield, ilha dos museus, Berlim ...	40
Fonte: Fotógrafo de arquitetura Jim Stephenson. Disponível em [http://clickclickjim.com/project/38/neues-museum-berlin-david-chipperfield-architects]	
Fig. 13.1 Vista aérea da cidade de Berlim tirada de um avião bombardeiro aliado, durante a 2ª Guerra Mundial, Fevereiro 1945	42
Fonte: autora da dissertação, Maio 2016. Disponível em: Exposição fotográfica na Topografia do Terror em Berlim	
Fig. 13.2 A Porta de Brandemburgo (<i>Brandenburger Tor</i>) 1961. Autor: © Katernedition Pawlowski Souvenirs & Postkarten Berlin	42
Fonte: Autora da dissertação, postal turístico	
Fig. 14 Serigrafia representação da Porta de Brandemburgo sobreposição de guas que simbolizam o carácter da cidade	44
Fonte: Villard Salibi artist & industrial designer, Atelier for Art & Design, Berlim	
Fig. 15.1 Planta da cidade Berlim em 1652	46
Fonte: “Berlim: Reconstrução Crítica”, p.99	

Fig.15.2 Planta da cidade Berlim em 1802	46
Fonte: “Berlim: Reconstrução crítica”, p.99	
Fig.15.3 Esquemas demonstrativos do regulamento para a construção de 1897 e possibilidade de articulação do quarteirão edificado segundo o regulamento de 19.....	46
Fonte: Carlo Aymonino “O significado das cidades” p.150	
Fig.16.1 ‘Zeppelinfeld Stadium’ Arq. Albert Speer para os eventos de propaganda Nazi durante o terceiro Reich, em Nuremberg na Alemanha 1935-1937	48
Fonte: “Traces of evil”, fevereiro 2015. Disponível em [http://2.bp.blogspot.com/-6ewWYreiM-A/VOzKoxUd6bl/AAAAAAAAAdEo/_PyHgg4UzpY/s1600/696px-Zeppelin_Field_1937.jpg]	
Fig.16.2 Hitler a chegar a Berlim depois da ocupação austríaca em 16 de Março 1938; a comitiva dirigia na avenida Wilhelmstrasse, que estava repleta de multidões, no fundo está o Ministério da Aviação do Reich	48
Fonte: Autora da dissertação, Maio 2016. Disponível em: exposição fotográfica na Topografia do Terror em Berlim	
Fig.16.3 Edifício sede da Bauhaus, em Dessau 1983	48
Fonte: Fotografia Autor: Thomas Lehmann, Bundesarchiv. Disponível em [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bundesarchiv_Bild_183-1983-0804-025,_Dessau,_Bauhaus.jpg]	48
Fig.16.4 Panorama de edifícios construídos em painéis de <i>planteubau</i> , Berlim 1971	
Fonte: Autor: Hubert Link, novembro de 1971. Disponível em [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bundesarchiv_Bild_183-K1122-0312,_Berlin,_Stadtzentrum,_Plattenbauten,_Fernsehturm.jpg]	
Fig. 17.1 Mapa representativo do limite do muro na divisão da cidade de Berlim entre a parte oeste (ocidental) e a parte (oriental) com os respectivos poste de ... <i>checkpoint</i>	50
Fonte: Autora da dissertação, Maio 2016. Disponível em exposição fotográfica na Topografia do Terror de Berlim	
Fig.17.2 Crianças brincam no muro de Berlim, ex-RFA 1962	50
Fonte: Fotografia de Henri Cartier-Bresson. Disponível em [http://jornalggn.com.br/tag/blogs/henri-cartier-bresson]	
Fig.18.1 Neue National Gallery Arq. Mies van der Rohe, 1968	51
Fonte: © Dan Gamboa Bohurquez. Disponível em [http://www.archdaily.mx/mx/762572/clasicos-de-arquitectura-neue-nationalgalerie-mies-van-der-rohe]	
Fig.18.2 Planta de implantação do “Kulturforum”: (1)Neue National Gallery; (2)Museus Estatais de Berlim; (3)Filarmónica; (4)Biblioteca de Berlim; (5)Museu de Artes Decorativas; (6)Igreja de S.Mateus; (7)Centro de Ciência Social de Berlim; (8) Biblioteca de artes; (9)Galeria de arte “Gemalde”; (10)Museu “Villa Parey”	51
Fonte: “Berlim: Reconstrução crítica”, p.59	
Fig.19.1 Vista panorâmica do plano urbano de Hansaviertel no parque Tiergarten de Berlim (1) luciano baldessari; (2)Bakema e Broek; (3) Gustav Hassenpflug; (4) Raymod Lopez e Eugene Beaudonin; (5) Ego Eiermann	52
Fonte: Wikipedia alemão, fotografia usuário ‘Dilund’, Johann Bonickhaussen 2005. Disponível em [http://www.wikiwand.com/de/Berlin-Hansaviertel]	
Fig.19.2 Fachada oeste edifício arq. Le Corbusier	52
Fonte: © “formensprache”. Disponível em [https://www.flickr.com/photos/52212066@N02/4952853238/in/photolist-8xEEHm-8xBD14-8xEFpm-8xEFhL-8xBDVn-8xEEXN-8xEGay-8xEFpS-8xBCKF-7KEHEK]	
Fig.19.3 Plantas módulo unitário T1 duplex	52
Fonte: [http://www.blog.arquitectos.com/pt/blog/arquitectura/corbusier-haus-en-berlin-interbau/]	

Fig.19.4 Fachada Sul Arq. Bakema & Van de Broek	52
Fonte: fotografia de Alexander Rentsch, abril 2015. Disponível em [http://www.alexanderrentsch.com/Berlin-Hansaviertel/]	52
Fig.19.5 Desenhos técnicos alçado frontal e corte transversal	
Fonte: [http://berlin2010.blog.hu/2010/05/31/interbau_1957]	
Fig.20 Planta de implantação dos novos edifícios (re)construídos desde 1990, em Berlim	54
Fonte: “Berlim: Reconstrução crítica”, p.107	
Fig.21 Panorâmica ‘Space-between’	56
Fonte: “Kreuzberg 1968-2013 Abbruch, Aufbruch, Umbruch”, p.103	
Fonte: Autora da dissertação	
Fig. 22.1 Museu Judaico arq. Daniel Libeskind	58
Fonte: autora da dissertação, fotografia Maio 2016	
Fig. 22.2 Postdarder <i>Platz</i>	58
Fonte: fotografia Rita Afonso, Maio 2016	
Fig. 22.3 Memorial e Museu do Holocausto pelo Arq. Peter Eisenman	
Fonte: fotografia Rita Afonso, Maio 2016	58
Fig. 22.4 Cúpula do ‘Reichtag’ (Parlamento) por Arq. Norman Foster	
Fonte: fotografia Rita Afonso, Maio 2016	58
Fig. 22.5 ‘Reichtag’ antes 1945 e após a renovação	58
Fonte: [https://quintinlake.files.wordpress.com/2013/07/05054.jpg] e [https://www.insider-tour.com/Reichstag.html]	
Fig.23.1 Fotografia aérea das margens do rio Spree e algumas novas intervenções como.....	60
Fonte: “Kreuzberg 1968-2013 Abbruch, Aufbruch, Umbruch”, p.23	
Fig.23.2 Planta de localização do desenvolvimento urbano nas margens este e oeste do rio Spree em Kreuzberg e Friedrichstain, respetivamente	60
Fonte:[http://www.stadtentwicklung.berlin.de/planen/stadtentwicklungsplanung/en/wasserlagen/raeume/spreeufer.shtml]	62
Fig.24.1 Margem Leste Rio Spree Livro Kreuzberg 1989	
Fonte: “Kreuzberg 1968-2013 Abbruch, Aufbruch, Umbruch”, p.9	
Fig.24.2 Estação de comboios Osthan... 2012	62
Fonte: “Kreuzberg 1968-2013 Abbruch, Aufbruch, Umbruch”, p.11	
Fig.24.3 Antigo porto <i>Der Osthanfen</i> 1913	62
Fonte: “Kreuzberg 1968-2013 Abbruch, Aufbruch, Umbruch”, p.18	
Fig.24.4 Margem Leste Rio Spree	62
Fonte: Autora da dissertação	64
Fig.25 Vista aérea margem sul rio Spree onde se vê o espaço vazio	
Fonte: “Kreuzberg 1968-2013 Abbruch, Aufbruch, Umbruch”, pp.44-45	
Fig.26 Mapa dos limites dos distritos da cidade de Berlim e especificamente os limites entre Kreuzberg e Friedrischshain	65
Fig.27.1 Vão de entrada Hofe	66
Fig.27.2 Aspeto paredes grafitadas	
Fonte: Rita Afonso	
Fig.27.3 Empena cega grafitada	66
Fonte: Rita Afonso	
Fig.27.4 Kreuzberg Leste movimento população diferentes nacionalidades	66
Fig.27.5 Portas edifícios	
Fonte: Archmedium	66

Fig.28 Espaços verdes e pátios interiores dos quarteirões a preto, Kreuzberg - Berlim	68
Fig.29 Dados estatísticos do Departamento de estatística de administração do Senado de Berlim, para o desenvolvimento urbano e meio ambiente, indexado do inventário populacional e habitacional, entre 2005 a 2015.....	70
Fonte: Disponível em [http://www.wohneigentumsreport-berlin.de/en/bezirk-friedrichshain-kreuzberg.php]	
Fig.30 Cheios e vazios entre o edificado e a vias várias, Kreuzberg-Berlim	72
Fig.31.1- 'Hackeschen Hofe' 2016	74
Fig.31.1 Quarteirão desfigurado, panorâmica 'Space-between'	74
Fonte: "Kreuzberg 1968-2013 Abbruch, Aufbruch, Umbruch", p.163	
Fig.32 Esquema abstrato	74
Fig.33.1 Á direita o espaço anterior ... na rua Schleisische StraBe lotes 9 e 8, 1975	76
Fonte: "Kreuzberg 1968-2013 Abbruch, Aufbruch, Umbruch", p.77	
Fig.33.2 Esquina do quarteirão anterior	78
Fonte: "Kreuzberg 1968-2013 Abbruch, Aufbruch, Umbruch", p.78	
Fig.33.3 Fachada posterior	78
Fonte: Autora da dissertação, maio 2016	
Fig.33.4 Planta do primeiro piso do edifício	78
Fonte: ArchDaily Brasil, junho 2016. Disponível em [http://www.archdaily.com.br/br/788901/classicos-da-arquitetura-wohnhaus-schlesisches-tor-bonjour-tristesse-alvaro-siza-vieira-plus-peter-brinkert/537290a7c07a80acfd000002-ad-classics-wohnhaus-schlesisches-tor-bonjour-tristesse-alvaro-siza-vieira-peter-brinkert-typical-floor-plan]	
Fig.34 Alçados rua x e rua x planta de cobertura arq. Aldo Rossi IBA 1992-96	80
Fonte: Alan Balfour "Berlin", p.267	
Fig.35.1 Embaixada Holandesa, março 2008	82
Fonte: © Achim Raschka, <i>Wikimedia Commons</i> . Disponível em [https://de.wikipedia.org/wiki/Liste_architekturgeschichtlich_bedeutsamer_Bauwerke_in_Berlin_ab_1900#/media/File:Be_Dutch_Embassy_06.JPG]	
Fig.35.2 Planta 7º piso	82
Fonte: Prémio europeu Mies van der Rohe. Disponível em http://miesarch.com/work/1909	
Fig.35.3 Embaixada	82
Fonte: [http://oma.eu/projects/netherlands-embassy]	
Fig. 36.1 "Badebetrieb", 2004	84
Fonte: artista e arq.Susanne Lorenz. Disponível em [http://www.komat.de/susanne-lorenz/?site=realized/09_badeschiff&lang=deAu]	
Fig. 36.2 Cortes transversais época de verão e inverno como sauna	84
Fonte:[http://www.archello.com/en/project/badeschiff%E2%80%8B] e [http://www.archdaily.com/433692/badeschiff-wilk-salinas-architekten/524a15e2e8e44e67bf00031b-badeschiff-wilk-salinas-architekten-elevation] e	
Fig.36.3 "Badebetrieb", Verão 2010	84
Fonte: "Kreuzberg 1968-2013 Abbruch, Aufbruch, Umbruch", p.21	
Fig.37 Vista aérea do local	86
Fonte: bingmaps	
Fig.38.1 Kreuzberger Freiflache' (Free Space)	88
Fonte: Autor Bernd Fiedel 2015 Disponível em [http://www.berliner-kurier.de/berlin/kiez---stadt/kreuzberg-slum-endlich--der-schandfleck-kommt-weg-1168610]	

Fig. 38.2 Grafiti artista Blur 2007	88
Fonte: [http://www.berlin-ist.de/index.php5?node_id=355&lang_id=1]	
Fig. 38.3 Ambiente e Graffiti 2ª fase 2010	88
Fonte: [http://www.doyouspace.net/tempelhof-power-a-user-generated-process/]	
Fig. 38.4 Desocupado 2016	90
Fonte: Archmedium	
Fig.39.1 Engelsflügel e Wolkenriegel	90
Fonte: [http://www.ruiken-vetter-architekten.de/wolkenriegel.html]	
Fig.39.2 Pátio n.º 4 do Hofe am Osthafen	90
Fonte: [http://berliner-hoefe.de/reichelthof]	
Fig. 39.3 Interior da renovação Hofe am Osthafen	90
Fonte: arquitetos Augustin e Frank fotografia 08. Disponível em [http://www.augustinundfrank.de/english/dia/12_remise/12_dia_remise_01.html]	
Fig.39.4 Edifício anterior ao “CuvrySpeisher”	90
Fonte: [http://www.cmib.de/diashow-cuvryspeicher]	
Fig.39.5 Edifício “CuvrySpeisher”	90
Fonte: Autora da dissertação	
Fig.40 Mapa de localização de Hostels no distrito de Kreuzberg, em Berlim e localização do limite do terreno do ‘Cuvry.brache’	92
Fonte: <i>Google maps</i>	
Fig.41.1 Vista aérea do local	94
Fig.41.2 Foto montagem Rua Cuvry	94
Fig.41.3 Foto montagem Rua Schesische	94
Fig. 42 Eixos de orientação de conceção do conjunto volumétrico	96
Fig.43 Desenho de estudo da volumetria do conjunto.	98
Fig.44 Desenho de estudo da volumetria dos blocos habitacionais	100
Fig.45 Desenho de estudo da volumetria do conjunto	102

Lista de Acrónimos

BUR	<i>(Berlin University Residences)</i> Residências universitárias em Berlim
CIAM	Congresso Internacional da Arquitetura Moderna
DGOTDU	Direção geral do ordenamento do território e Desenvolvimento urbano
IBA	<i>(Internationale Bauausstellung Berlin)</i> Exposição Internacional de Arquitetura)
OMA	<i>Office for Metropolitan Architecture</i>
RDA	República Democrática Alemã (Alemanha Oriental)
RFA	República Federal Alemã (Alemanha Ocidental)
SAAL	Serviço de Apoio Ambulatório Local
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Capítulo 1 - Introdução

1.1 Relevância da temática

As transformações urbanísticas podem conduzir a um esvaziamento funcional e demográfico de áreas urbanas centrais, em favor das áreas periféricas, se as cidades não tiverem estratégias racionais e coerentes à escala geral da rede urbana. Adquire-se, conseqüentemente uma relevância do centro face ao contexto histórico sem que, em muitos casos, se verifique uma estratégia de revitalização dos vazios urbanos, nem a aplicação de um novo modelo de urbanismo para as áreas centrais. Aspectos, como a sensibilidade cautelar do uso de ferramentas urbanísticas, como a reestruturação urbana e a recuperação sustentável, contribuem para a valorização e inovação destes espaços que, paradoxalmente, são lugares de tensão e de confronto cultural.

O aumento de fenômenos como a segregação social, acompanha a fragmentação espacial, da qual se processa a gentrificação, associada a vantagens como a promoção da regeneração urbana, mas também com inúmeros problemas como o esvaziamento funcional e demográfico.

Por outro lado, refira-se que a condição de mobilidade dos indivíduos através do ato migratório tem evoluído de uma maneira independente, de maior liberdade, na procura de melhores condições de vida além-fronteiras. Cresce, assim, o número de indivíduos em deslocação permanente, desencadeando uma mudança nos modos de habitar coletivos temporários das cidades. Existe, pois, uma transição sucessiva no que respeita à diversidade cultural, acelerada pelo caráter global e tecnológico da sociedade contemporânea.

Conseqüentemente, quer na arquitetura, quer à escala da cidade, redefinem-se as expectativas perante a complexa condição da (im)permanência (a nível social e espacial), em que o tempo é o elemento definidor. Isto é, o espaço construído e a população que o ocupa, integram-se enquanto complexa linguagem da cidade.

Refira-se ainda que as transformações urbanísticas exploram a capacidade de adaptabilidade e recuperação após um trauma, na interação mutável entre os espaços físicos e o tempo, ou seja, de pôr à prova a sua resiliência. Numa situação caótica como a destruição da malha urbana, em resultado de guerras ou sismos, importa preparar as cidades para os problemas, encontrando respostas que surgem como estratégias dinamizadoras.

Neste contexto, Berlim é uma cidade excêntrica, espécie de caos no desenvolvimento urbano entre o velho e o novo. É um exemplo que se destaca pela sua malha complexa, em resultado de diversas relações no desenho construído e acontecimentos espontâneos, que vão desde a destruição, divisão e reconstrução significativas, no pós-guerra. Caracteriza-se por uma fragmentação espacial e social à qual não é alheio o período do Muro, que tem agregado esforços e preocupações acrescidas para gerar eixos de ligação entre diferentes realidades

espaciais e culturais. Por conseguinte, surge o tema do multiculturalismo indissociável da reestruturação urbana, tendo em conta dois aspetos a (im)permanência dos espaços e as alterações populacionais como a recente chegada de refugiados.

Atualmente, surgem novas abordagens para projetar um futuro comum onde a tolerância, cultura e a vida dos jovens são protagonistas, abrindo espaço para o desenvolvimento de outras formas de viver em torno desta cidade. É ainda um desafio nesta matéria, a definição de medidas de intervenção arquitetónica e urbanística, capazes de gerar maior coesão social entre o local, os jovens e os imigrantes. O bairro central de Kreuzberg, é um exemplo onde tal desafio se coloca com grande premência, uma zona junto ao rio Spree.

Tendo inúmeras possibilidades como a oferta de trabalho ou criatividade associada aos seus habitantes, carece contudo destas novas abordagens que o projetem no contexto contemporâneo. Inserido numa cidade congestionada inclui, paradoxalmente um quarteirão, que é atualmente um vazio urbano onde faltam, por exemplo, equipamentos aliados à habitação como residências de estudantes e a espaços públicos e se fazem sentir os efeitos negativos do processo de gentrificação.

1.2 Objetivos

Tendo em consideração a problemática anteriormente descrita, esta dissertação propõe-se alcançar como objetivo principal, a composição de um projeto de reestruturação do quarteirão, que é atualmente um vazio urbano referido no bairro berlinense de Kreuzberg. A escolha deste objeto de estudo foi inspirada no concurso de ideias “BUR” (*Berlin university residences*) promovido pela plataforma *Archmedium* em Maio de 2016, que procurava encontrar soluções de projeto para a construção de intervenção urbana e arquitetónica neste quarteirão, incluindo residência de estudantes.

Assim, esta dissertação visa elaborar uma proposta de desenho urbano para este quarteirão de modo a criar eixos de ligação com a envolvente, bem como apresentar um projeto de arquitetura do edifício destinado à residência de estudantes e unidades de habitação coletiva.

Seguem-se algumas etapas com o fim de atingir este propósito: enquadrar a evolução da arquitetura a partir do movimento Moderno na cidade até aos dias de hoje e a relação social que contextualize a cidade de Berlim; incidir na necessidade de preservação e importância dos conceitos de história e memória na dicotomia temporal dos lugares; evidenciar problemas relacionados com a reconstrução e reestruturação entre o equilíbrio dos espaços vazios; analisar e identificar os modelos de construção da cidade de Berlim; e por último a leitura de perspetivas demográficas que permitam identificar o quarteirão de Kreuzberg.

Deste modo pretende-se contribuir para o envolvimento da comunidade local, refletindo o objeto de estudo, promovendo uma relação de proximidade e fluidez da população na promoção do desenvolvimento quer do bairro e quer da cidade. Neste sentido é essencial explorar a sua parcial ocupação, numa intervenção social coerente para dar relevo a elementos da natureza existentes, como o rio Spree, através do uso das ferramentas de reestruturação urbana. Espera-se que esta solução de projeto arquitetónica e urbanística se possa vir a associar a uma maior resiliência para a multiculturalidade.

1.3 Metodologia

A metodologia desta dissertação distribui-se nas quatro seguintes fases:

A primeira fase consiste em pesquisar literatura relevante sobre diversos temas, no sentido de organizar uma bibliografia que responda à compreensão do problema, de modo a criar um quadro de conceitos, teorias e info-ideologias, que possam vir informar o projeto de intervenção no quarteirão de Kreuzberg. Esta pesquisa incide sobre temáticas como a evolução histórica (cidade contemporânea) e características espaciais da cidade de Berlim, o multiculturalismo, a gentrificação e a reestruturação de quarteirões.

A segunda fase consistirá em escolher um conjunto de alguns projetos de 'Reconstrução Crítica' levados a efeito em Berlim e refletir sobre os conceitos indagados, fatores de composição e de contextualização do tema, de modo informar a proposta de projeto para o quarteirão. Esta escolha justifica-se por se tratar de situações com problemáticas similares às identificadas para a área de estudo.

A terceira fase será a recolha documental relativa ao estudo de caso, o bairro de Kreuzberg, com vista ao diagnóstico da situação existente (análise da caracterização do quarteirão). Inclui o levantamento fotográfico *in loco*, elementos cartográficos, iconografia (como postais). Utilizar-se-ão dados e informações disponíveis recolhidas em diferentes contextos geográficos e temporais, de modo a apresentar uma reflexão para a compreensão da essência da arquitetura do local, a motivação e pertinência da intervenção.

A última fase constituirá a análise da caracterização do quarteirão e elaboração de projeto quer urbanístico e arquitetónico de reestruturação. Será uma proposta na tentativa de representar uma solução urbanística e reflexiva da temática em causa.

1.4 Estrutura

Esta dissertação será organizada em duas partes. A parte I reunirá o enquadramento teórico acerca da cidade pós-moderna (compreenderá o estudo da evolução da cidade contemporânea e os problemas de carácter social aliados à tolerância cultural) e a parte II visará o estudo da reconstrução do espaço urbano de Berlim e o respetivo projeto urbanístico de reestruturação do quarteirão em Kreuzberg.

A parte I - “A Cidade Pós-moderna”: está dividida em dois capítulos. O capítulo 2 “Contextualização histórica e social” pretenderá definir os principais traços da evolução urbana no contexto pós-moderno e as influências de organização, perante a forma dos indivíduos lidarem entre si. Relativo ao Capítulo 3 “A sociedade multicultural” pretende-se entender o lugar de cidade como um ponto de inovação e confronto cultural e a segregação subjacente à gentrificação urbana, na sociedade. O exemplo das casas quinta Monroy é considerado um caso exemplar neste contexto.

A parte II - “Berlim na pós-modernidade”: está dividida por dois capítulos. No capítulo 4 “A cidade resiliente” expõe-se uma abordagem à condição de (im)permanência através da mobilização dos fragmentos da cidade bem como o ser humano no espaço, como capacidade de se recuperar após uma alteração ou trauma. Inclui ainda “À procura de identidade” onde se opta Berlim como cidade exemplo, na qual se incidirá a contextualização histórica e a sua revitalização pós-guerra, as apropriações arquitetónicas sob uma “Reconstrução Crítica” do planeamento urbano. Por último no capítulo 5 “O bairro de Kreuzberg” introduz-se o bairro geograficamente na contextualização social e cultural. Apresentam-se algumas manifestações do vazio urbano, dando exemplos de reinterpretação de um quarteirão para o local de intervenção. Far-se-á a caracterização do local de estudo e do quarteirão a intervir, baseado no concurso *Archmedium*. Apresenta-se posteriormente a proposta do projeto de arquitetura urbanística do quarteirão de Kreuzberg, composto pela descrição e justificação da proposta.

1.5 Estado da arte

As abordagens que concorrem à resolução do problema desta dissertação, estão baseadas em afirmações concretas suportadas por referências bibliográficas. Estas sugerem de uma forma explícita um esforço interpretativo das seguintes temáticas variáveis que se irão desenvolver: a cidade pós-moderna, o conceito de gentrificação, o planeamento ‘Reconstrução Crítica’ e o estudo de caso do bairro de Kreuzberg. Neste ponto não se pretende apresentar de modo exaustivo o estado da arte sobre estas quatro temáticas, as quais serão desenvolvidas ao longo da dissertação, nos respetivos temas. Apresenta-se apenas uma referência a obras que se consideram mais relevantes. Situando o movimento moderno a partir da Segunda Guerra Mundial, pretende-se expor as implicações culturais, políticas e sociais no seu percurso evolutivo posterior, através das vanguardas arquitetónicas, sendo pertinente a leitura do livro “Depois do movimento moderno - arquitetura da segunda metade do século XX” (2001). O autor, arquiteto professor catedrático Josep M. Montaner, relata as diversas posturas expostas do pós-modernismo nos últimos anos, entre 1977 e 1992. Faz uma análise da nova posição que a cultura assume na época multinacional do capitalismo, do pós-guerra.

De acordo com o livro “The new urban frontier” (1996) o conceito de gentrificação é parte de uma mudança na economia política e na cultura do final do século XX. O autor Neil Smith, professor de antropologia e geografia, confronta-o não por ser apenas um resultado da vontade dinâmica da nova classe média, mas como um condutor de conflitos. Documenta e explora as “interconexões das políticas urbanas, padrões de investimento, despejo e o fenómeno dos sem-abrigo”¹. Também examina o conseqüente desenvolvimento da globalização desigual à escala local e global. Tendo em conta a localização na qual se irá desenvolver a proposta de intervenção urbana e arquitetónica, importa fazer uma reflexão sobre as formas estudadas para a renovação urbana pós-guerra da cidade de Berlim. O livro “Berlim: Reconstrução Crítica” (2008) faz uma alusão direta ao método de planeamento “*kritische rekonstruktion*” (Reconstrução Crítica) durante a IBA (Exposição Internacional de Arquitetura) e uma vontade de reconstruir criticamente Berlim. Esta reconstrução foi para reavaliar e debater a história e polémicas da cidade “(...) que viveu e continua a viver num confronto eterno com a dimensão trágica e fatal do tempo.”²

Por último, mais do que qualquer outra parte de Berlim, o bairro Kreuzberg reflete a história viva desta cidade, os estilos de vida alternativos de 1960 e 1970, bem como o multiculturalismo e as mudanças desde a queda do Muro. O fotógrafo Dieter Kramer recolheu milhares de fotografias antigas e atuais neste bairro nas últimas quatro décadas. Estão documentadas no livro “Kreuzberg 1968-2013 *Abbruch, Aufbruch, Umbruch*” (2013), isto é, demolição, partida e transformação de Kreuzberg. Faz comentários sobre o desenvolvimento urbano e sociocultural do distrito refletindo a sua história.

¹ Neil Smith, “*The new urban frontier*”, p.92

² Pedro Baía, “*Tragic new Berlin*”, pp.16-17

**I ENQUADRAMENTO TEÓRICO:
A CIDADE PÓS-MODERNA**

Capítulo 2 - Contextualização histórico e social

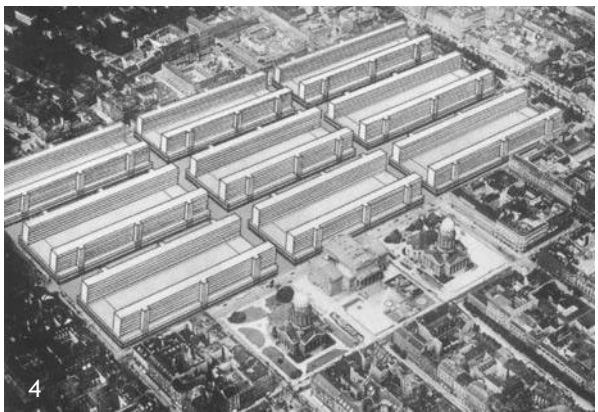


Fig. 1 Modernismo: 1 - Maqueta do plano urbano utópico Voison de Paris, Arq. Le Corbusier 1925; 2 - Le Corbusier fotografado pelo designer suíço Pierre Jeanneret 1950; 3 - Espaço utópico de 'Gendarmenmarket' da cidade de Berlim, arq. Ludwig Hilberseimer 1928; 4 - CIAM 7, em Bergamo Itália 1949; 5 - Palácio do Planalto em construção, arq. Oscar Niemeyer em Brasília 1958.

2.1 Evolução urbana pós-moderna

A preocupação com ambiente urbano tem sido uma constante ao longo da história da arquitetura e um reflexo de vários problemas, que se desencadearam nas cidades. Este facto é consequência da concentração da população, da implantação das atividades económicas e da expansão do espaço construído, cada vez mais concentrado nas grandes cidades e suas áreas metropolitanas.

Há tendência cada vez mais crescente no encontro entre o espaço visível e o invisível na vertente urbanística, pelos elementos dos edifícios, na sua relação com espaço envolvente e com o contexto social.

O tema da cidade no urbanismo foi introduzido lentamente na cultura do séc. XIX pela ocorrência de uma reformulação como disciplina científica que tem como objeto de estudo a cidade. Este facto assume uma maior relevância na arquitetura do séc. XX. Ao longo dos anos 40 e 50 predominou a continuidade em relação à nova tradição do Movimento Moderno, que tendia para 2 direções: por um lado, o formalismo do Estilo Internacional e, por outro, uma gradual e coerente revisão que foi colocando em crise essa doutrina.

Após o funcionalismo concebido por Le Corbusier e outros arquitetos (fig.1.1 e 1.2), o urbanismo pós-moderno “resultou de uma violenta rejeição da cidade moderna (...) condenando as formulações contidas na Carta de Atenas³”, que proclamava a uniformização e a mecanização da vida urbana, esquecendo a dimensão antropológica, histórica e social da cidade. Inspirou-se em ideias como o “conceito de espírito do lugar, tendo desenvolvido instrumentos de estudo de análise urbana ao nível da morfologia, da tipologia ou da sociologia”⁴, para os quais contribuíram os trabalhos teóricos de autores como Aldo Rossi ‘A arquitetura da cidade’ que “entende a cidade como um bem histórico e cultural, como a familiar cidade europeia do séc. XIX”⁵. Ou seja, com a revisão do movimento moderno, a transposição da doutrina do funcionalismo para o domínio do urbanismo, foi altamente criticada através da análise de experiências diversas, codificadas pela Carta de Atenas, que tenderam a cincir na separação física das diferentes funções características das cidades e aplicação dos princípios da arquitetura moderna. Entre esses princípios destacam-se as máximas “menos é mais” e a “forma segue a função”, cunhadas pelos arq. Mies Van der Rohe e Louis Sullivan, respetivamente (fig.1.3).

³ Manifesto urbanístico do “IV CIAM” realizado em Atenas (1933), doutrina de urbanismo codificada pela Carta de Atenas

⁴ “Pós-modernismo” em “Artigos de apoio da Infopédia” [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. [consult. 2016-08-25]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/\\$pos-modernismo](https://www.infopedia.pt/$pos-modernismo)

⁵ Josep Maria Montaner, “Depois do movimento moderno: Arquitetura da segunda metade do século XX” (2001), p.139



Fig. 2 Complexo habitacional Pruitt-Igoe: 1 - vista aérea do projeto elaborado pelo arq. Minoru Yamasaki, localizado em St.Louis Missouri E.U.A. em 1954; 2 - implosão do complexo entre 1972-1976.

Todo o cenário ideário dos arquitetos da CIAM (Congressos internacionais da Arquitetura Moderna) de uma cidade moderna universal, foi corrompido por projetos indissociáveis cuja arquitetura não considerava o contexto social e pela falta de referências históricas.

Depois das dúvidas e da descomposição da unidade da arquitetura moderna, surgiram diversas alternativas metodológicas ao funcionalismo que esquecia a componente urbana relativa à vida social. O caso do complexo habitacional Pruitt-Igoe, em St.Louis E.U.A. (fig.2) tornou-se um lugar marginalizado e violento, e um símbolo do fim do período moderno. Os grandes desenvolvimentos urbanos transformavam-se em ambientes desagradáveis por se tornarem sombrios e muitas vezes, até perigosos, causados pela alienação sentida que a evolução homogênea causou, pela construção em massa de modelos repetidos.

A partir da Segunda Guerra Mundial, no final dos anos 50 e princípios dos 60 começa a evidenciar-se a definitiva crise e rutura em relação ao legado do Movimento Moderno. Começou a perceber-se que a convicção no progresso tecnológico obliterava as estratégias relacionadas com a preservação e conservação de edifícios, visto que “requeriam um enorme emprego de mão-de-obra e reduzida utilização de técnicas mecanizadas (...), não parecia constituir uma opção válida para a reconstrução e renovação urbana, num tempo que queria esquecer a história em prol de um grande otimismo no futuro”⁶. Surgem assim princípios considerados incorretos na substituição do existente arquitetónico e urbano pelo novo.

Deve-se levar em consideração que a cidade no contexto cultural e geográfico europeu, após os desastres das guerras, converteu-se num enquadramento debilitado que deveria ser cuidadosamente reconstruído. Isto explica a drástica mudança de visão que ocorreu em relação à cidade.

Neste sentido surgiu uma necessidade de resguardar as memórias físicas da história, levantando questões no entendimento do passado sobre as mudanças teóricas e metodológicas no urbanismo e na arquitetura. Adquiriu-se uma nova consciência pela defesa do património contra a destruição num período de pós-modernidade.

Ao longo dos anos 60, todo o esforço iniciado de reformulação da arquitetura europeia, alcança a sua expressão nas teorias e atividades de uma nova geração de arquitetos capaz de conceber uma necessária teoria da arquitetura contemporânea, como resposta às exigências internas da disciplina. Ao mesmo tempo, a favor dos objetivos sociais, culturais e políticos, contra o crescimento especulativo do capitalismo do pós-guerra. Este período de prosperidade, desenvolvimento e crescimento pós-moderno, é nos países capitalistas simultaneamente designado por "capitalismo pós-industrial".⁷

⁶ José Aguiar, “A cidade do futuro já existe hoje”(1999), p.2

⁷ “Pós-modernismo” em “Artigos de apoio Infopédia” [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. [consult. 2016-08-25]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/\\$pos-modernismo](https://www.infopedia.pt/$pos-modernismo)



Fig. 3 'Silodam' pelos arquitetos MVRDV, Amesterdão 2002

Mais que uma corrente coesa, o Pós-Modernismo revelou uma vasta difusão de abordagens conceituais e de interpretações individuais, marcadas geralmente por um ecletismo de tendência, ora vernacular, ora clássica, no respeito pelas identidades culturais pela complexidade do contexto físico e social da obra arquitetónica. Expandindo-se para todo o mundo, incluindo em vários países europeus, nos Estados Unidos e no Japão, empregou-se como um dos mais importantes movimentos arquitetónicos das décadas seguintes.

No início dos anos 80 verificou-se, assim, uma passagem gradual da cultura de expansão urbana para uma cultura de requalificação das cidades. Uma das cidades europeias que se destacaram pelo processo de completa transformação de certas áreas foi Berlim “impulsionada pelo programa do IBA (Exposição Internacional de Arquitetura), serviu de modelo de intervenção em outras cidades europeias, com propostas válidas tanto para remodelação de quarteirões residenciais semi consolidados, quanto para realização de importantes obras novas.”⁸

Porém, estas posturas metodológicas, foram perdendo força expandindo-se e diluindo-se num panorama de individualidades, sobretudo entre os novos arquitetos no princípio dos anos 90. Uma série de profundas transformações políticas definiram uma mudança transcendental da época. A homologação de propostas entre os chamados países do Leste e do Oeste europeu, ressalta o final definitivo do período da Guerra Fria e de 45 anos de divisão. A descomposição da União Soviética, acelerada pela revolução de *agosto de 1991*⁹, definindo o fim de um período e o início de outro com características e avanços imprevisíveis na época.

A arquitetura das últimas décadas distinguiu-se pela capacidade de reconverter a velha arquitetura para novos usos. Uma das imagens mais genuínas da situação pós-moderna da arquitetura é a dos contrastes formais que gera esta mudança de usos.

Existe portanto, uma enorme diversidade de possibilidades que a arquitetura dispõe dentro de uma situação contemporânea caracterizada pelo pluralismo. Tudo isto se manifesta em projetos que se destacam pela mistura de referências heterógenas, de diversas formas e linguagem utilizadas, que implicam por vezes uma encruzilhada de ecletismos difusos sem método. Diversidade e dispersão de qualidade são fiéis representantes do panorama da arquitetura contemporânea (fig.3).

⁸ Josep Maria Montaner, “Depois do movimento moderno - arquitetura da segunda metade do século XX”, p.203

⁹ Golpe de estado fracassado, que prejudicou a legitimidade da União Soviética, contribuindo para o seu colapso.



Fig. 4 Parte do Muro integro na *East Side Gallery*, fotografia captada em Berlim Ocidental, 2016

Outro aspeto é a adoção de “uma postura crítica em relação à ‘mitificação do novo’”¹⁰. Por exemplo Aldo Rossi propôs “uma série de critérios metodológicos que rapidamente foram adotados por uma grande parte da arquitetura contemporânea, especialmente na Europa”¹¹, tais como o diálogo entre a geografia e a sociologia inseparáveis da história, chamando a atenção para a importância da compreensão das estruturas dos factos urbanos na construção do novo.

O debate acerca da crescente atenção prestada entre o encanto da nudez das ruínas e a sua preservação, são fenómenos complexos da ambiguidade temporal que existe entre o passado, o presente e o futuro. Desde há muito que a obsessão da arquitetura com a ruína é uma meditação e alvo de contemplação reflexiva sobre os processos naturais e um estudo sobre formas espaciais. Neste sentido, as ruínas ajudaram a estabelecer os laços da arquitetura com a natureza e os processos naturais.

A ruína “não é o triunfo da natureza, mas um momento de transição, um frágil equilíbrio entre a persistência e a decadência”¹², pontua ainda G. Simmel, reconhecendo um novo sentido para este tipo de ‘sobrevida’ atingida pelos monumentos. Um exemplo desta relevância é o Muro de Berlim (fig.4) cuja destruição foi aclamada, simbolizando o fim da Guerra Fria (1947-1991), sendo a ruína mais icónica da cidade.

Atualmente sob influência da evolução urbana aparecem, como consequência do século passado (séc.XX), a recuperação e a renovação urbanas implícitas nas estratégias estilísticas contemporâneas, que surgem por manifestações individuais, dotadas de diversidade inerente à inovação tecnológica. Apela-se à mudança sobre práticas de preservação e restauro de edifícios, sujeitos a planos criativos através da romantização das ruínas e medidas ambientais e sustentáveis em união com a natureza.

¹⁰ Josep Maria Montaner, “Depois do movimento moderno - arquitetura da segunda metade do século XX”, p.139

¹¹ Ibid., loc. cit

¹² Georg Simmel, “*Les ruines: un essai d’esthétique*” Disponível na Internet: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.135/3997>

2.2 Traços da cidade contemporânea

O espaço urbano é um organismo diligente e ativo, sujeito a interferências externas e internas. É o espaço indeterminado da relação do privado com o público, que tem a capacidade de se reinventar para suportar acontecimentos distintos, moldados pela sociedade, como local de sociabilização. Logo, a arquitetura é o reflexo da sociedade envolvente, das suas necessidades e constantes adaptações.

Segundo Aldo Rossi, pode-se afirmar que existem dois grandes sistemas na arquitetura da cidade: “a cidade nasce da análise de sistemas políticos, sociais e económicos, produto de sistemas funcionais; o segundo ponto de vista pertence à estrutura espacial que relacionada com a arquitetura e a geografia.”¹³

Essa ideia de cidade resulta da organização do ambiente urbano, relacionada com as respetivas diferenças culturais. Estas intervêm nos efeitos exercidos por aspetos tais como, a mobilidade e a carga histórico e social, conseqüentemente transportados na ‘experiência pessoal’, entretanto adquirida. Segundo o referido autor trata-se da “soma das experiências pessoais que constitui a ideia da cidade.”¹⁴ Tal ideia deriva de uma prática de vida urbana, que ao longo do tempo vai reunindo conhecimento, conferindo identidade e afirmação dos espaços urbanos.

O significado das cidades é naturalmente “condicionado pelos parâmetros dimensional e temporal.”¹⁵ Nesta linha António Ramalho afirma “que enquanto o primeiro se relaciona com a interpretação dos aspetos físico-formais dos espaços urbanos, o segundo confronta-se com a perceção das suas componentes psicológicas subjacentes.”¹⁶

Considera-se evidente que a cidade contemporânea não é apenas um lugar integrado num único plano, mas o conjunto de vários lugares que concorrem para a unidade urbana, sendo, segundo Ungers, “uma complexa, multi-layer e multifacetada estrutura, feita de ideias complementares e interconectados conceitos e sistemas.”¹⁷

Este carácter descontínuo a que se assiste hoje na cidade, faz com que o espaço urbano acabe por ser o resultado da colagem de pequenos fragmentos heterogéneos, com os seus ritmos e períodos de atividade. Estes, encaixam-se no próprio espaço, na relação com a prática arquitetónica e as diferenças entre os lugares.

Assim, concordando com Rossi, a cidade contemporânea está integrada num sistema espacial constituído por várias partes, cada uma delas com características distintas do ponto de vista formal e histórico, correspondendo, assim, a uma estrutura urbana complexa.

¹³ Aldo Rossi, “A arquitetura da cidade”, p.17

¹⁴ Ibidem, p.99

¹⁵ Carlo Aymonino, “O significado das cidades”, p.15

¹⁶ António Ramalho, “Urbanismo retratos urbanos”, p.51

¹⁷ Oswald Mathias Ungers, “*The Dialectic City*”, p.17

Entre outros elementos morfológicos (como a rua, o largo ou a praça), uma destas suas partes é o bairro que se torna, por conseguinte, um sector intimamente ligado à forma da cidade, como uma unidade estrutural e, também ele constituído por partes.

Para Kevin Lynch o bairro “é uma unidade de análise social (...) urbana.” Desenvolveu-se então a ideia de que o bairro era a base territorial adequada de um grupo socialmente apoiado. De acordo com este autor, os teóricos do urbanismo pegaram na ideia de bairro “como bloco básico de construção de uma cidade.”¹⁸

Já para A. Rossi, “o conceito de bairro está intimamente ligado ao conceito de área.”¹⁹ Também aqui é necessário ter presente que a análise do bairro como um facto ou área social, é baseado na segregação de etnia, estrato social ou religioso, bem como nas funções económicas. Sustenta-se que estes bairros, “mais que subordinados uns aos outros, são partes relativamente autónomas devem ser reportadas, à inteira estrutura urbana”²⁰, que correspondem, sem dúvida, ao mesmo processo de formação da metrópole moderna.

Desta forma, pode-se dar voz a individualidades distintas presentes na sociedade e na cidade contemporânea, conferindo uma nova consistência à cidade, numa paisagem articulada baseada na confrontação e na contínua existência de partes excluídas.

Ungers sugere que, entre os contrastes e as contradições inerentes à própria cidade, identifica-se a sua noção atual como uma estrutura feita de “lugares complementares”²¹ (fig.5). Refere ainda, à semelhança de Rossi, que a conceção da cidade consiste num sistema de layers, inspirado na linguagem técnica dos programas de desenho digital que significa ‘camadas’ para criar a alegoria da densa composição, na qual algo é sobreposto como base da reflexão de cidade em sucessivos momentos históricos.

Assim a “cidade é vista precisamente através das suas partes.”²² Em consonância com este pressuposto, as *layers* complementam-se pelas partes dos lugares que variam entre a ambivalência distinta dessas partes e a sua transformação na grande dimensão do sistema urbano. A cidade feita de lugares complementares é aberta à inovação, enquanto simultaneamente preserva o passado. Rossi afirma além disto que esta cidade, “constituída por tantos bocados em si completos, é a que melhor permite a liberdade das opções.”²³

¹⁸ Kevin Lynch, “A boa forma da cidade”, pp.233-234

¹⁹ Aldo Rossi, “A arquitetura da cidade”, pp.84-87

²⁰ Ibid., op.cit., p.88

²¹ Oswald Ungers, “*The Dialect City*, 1997” pp.20-21

²² Aldo Rossi, “A arquitetura da cidade”, p. 17

²³ Ibid., loc. cit

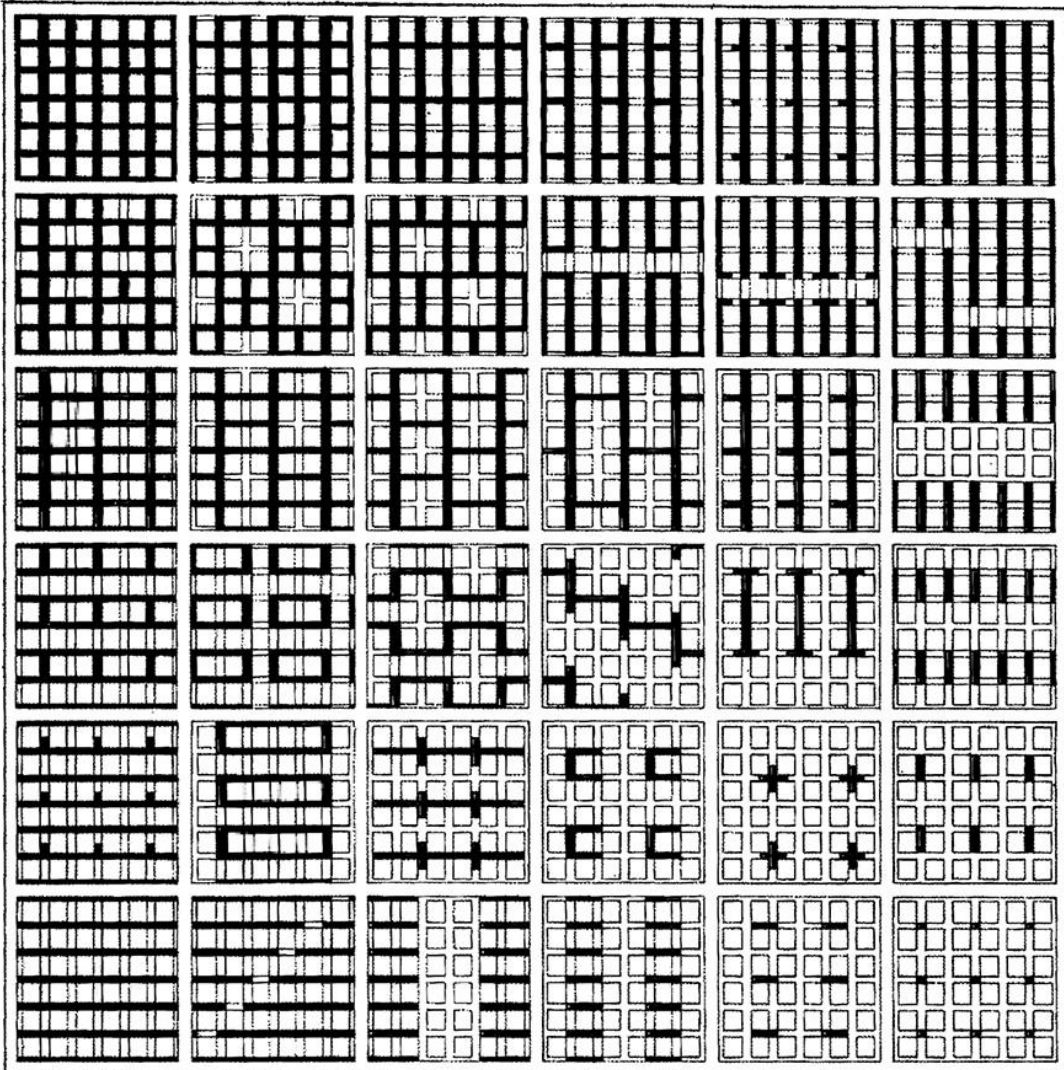


Fig. 5 "Dense City" de Oswald Ungers, 1970

A cidade contemporânea traduz-se por uma mobilidade crescente, pela “ocupação e apropriação do espaço territorial, caracterizado pela diversidade e contínua mudança, alimentada pela heterogeneidade e aculturação”²⁴.

Por aculturação define-se a adaptação de um indivíduo a uma cultura diferente com a qual está em contacto contínuo, adotando esses valores culturais. É parte integrante do estudo da influência da cultura no desenvolvimento pessoal analisada pelo Culturalismo²⁵. No urbanismo, segundo Jean Lacaze, esta doutrina “valoriza-se pelas formas arquitetónicas herdadas do passado que têm como função reproduzi-las.”²⁶

O modo como a cidade contemporânea se exprime e se relaciona entre si “é resultado de um conjunto de fatores que se traduzem numa mobilidade crescente quer a nível do indivíduo, quer a nível da própria arquitetura e forma urbana.”²⁷ O desenraizamento em relação ao lugar e, obrigatoriamente, uma constante reapropriação, teve início com os primeiros seres viajantes em busca de um melhores condições de segurança e alimento.

Em prol da satisfação das necessidades humanas e sociais das comunidades, as cidades cresceram e transformaram-se em estruturas complexas e difíceis de administrar. Assim, “resulta um confronto de múltiplas mensagens e ideais dispersos no significado urbano, sendo, por vezes, impossível definir os traços culturais que melhor exemplificam e provem a cidade.”²⁸

A arquitetura atual detém o grande desafio de “saber progredir utilizando todas as disponibilidades da ciência e tecnologia sem esquecer a memória”²⁹, isto é, “outorgar a cada obra o seu papel sem cair em mitificações mecânicas nem em fundamentalismos historicistas”³⁰. A qualidade do que é histórico, defende a importância da história para compreender a cultura e a realidade. A opção generalizada da tecnologia e a capacidade de transformação do indivíduo devem ser conjugadas assim com a reflexão histórica, a consciência do valor dos símbolos e o respeito da arquitetura pela envolvente.

Sendo a pós-modernidade, a vertente cultural da sociedade pós-industrial, “interliga-se estreitamente com o fenómeno da globalização, uma vez que o consumismo pretende a inserção de todas as culturas num mecanismo único com difusão dos princípios estético-estilísticos através dos meios de comunicação e da indústria da cultura.”³¹

²⁴ Manuel Gausa, “Repensando la movilidad”. Revista Quaderns d’arquitectura i urbanisme n.º218, 1998 pp.48-53

²⁵ Culturalismo: estudo da influência da cultura no desenvolvimento pessoal e cultural; Aculturação: processo de um indivíduo se adaptar a uma cultura diferente;

²⁶ Jean-Paul Lacaze, “A cidade e o urbanismo”, p.128

²⁷ Manuel Gausa, op. cit, loc. cit;

²⁸ Boaventura de Sousa Santos, “Globalização: Fatalidade ou utopia?”, p.454

²⁹ J. M. Montaner, “Depois do movimento moderno arquitetura da segunda metade do século XX”, p.258

³⁰ Ibidem, loc. cit;

³¹ “Pós-modernismo” em “Artigos de apoio Infopédia” [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. [consult. 2016-08-25]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/\\$pos-modernismo](https://www.infopedia.pt/$pos-modernismo)

É assim “uma nova realidade empírica do fim do séc.XX”³² e as consequências no modelo social que definem a globalização. Importante será compreender que se, se conseguir compreender a respeitar a diversidade cultural nesta nova era globalizada, pode levar a uma comunidade global marcada pela unidade no pluralismo.

Existe a tentativa de homogeneização, por parte da globalização, e a necessidade simultânea de contrariar esta ação de forma a diversificar e pluralizar estes processos universais, o que torna a globalização um teste entre o universal triunfante e o particular resistente. Neste contexto, ficou famosa a máxima “pensar global e agir local.”³³

Apesar de os modelos se alterarem, ainda “subsiste a procura de um ideal, introduzindo os conceitos de historicidade e individualidade nos modelos globais.”³⁴ A introdução da ênfase da história no estudo das cidades “como estudo comparativo dos planos urbanos e dos fatores históricos na evolução urbana, atribui-se a Marcel Poete e Pierre Lavedean, pelo qual Aldo Rossi a considerou uma das contribuições mais completas para o estudo da cidade.”³⁵ Presentemente, a preservação e a expansão das cidades “revestem-se de uma importância suprema, pretendendo este ideal casar o velho com o novo e assim dar lugar à variedade.”³⁶

Segundo António Ramalho, “o estudo do ‘significado físico-formal e psicológico’ dos espaços urbanos, contribui de forma inequívoca para a avaliação do grau de democratização do território urbano e respetiva ‘segurança passiva’.”³⁷ Seguidamente opina que “carecem de uma efetiva aplicabilidade nos instrumentos de planeamento físico das cidades, no propósito de prevenir com eficácia a emergência de fenómenos localizados de ‘exclusão urbana’; em larga medida comprometedores da sustentabilidade local e, evidentemente, dos níveis de qualidade de vida mais desejáveis das respetivas populações.”³⁸

Não obstante as diferenças regionais, sociais, religiosas e individuais, uma metrópole e uma paisagem é feita por esses ‘pequenos mundos’. Contudo, os planos das estratégias de intervenção devem ser flexíveis, admitindo as mudanças da estrutura social e o uso de exploração adequada do território ou local.

³² Boaventura de Sousa Santos, “Globalização: Fatalidade ou utopia?”, p.434

³³ Frase original atribuída ao ativista e urbanista Patrick Geddes em 1915, é hoje usada em vários contextos, incluindo no planeamento, ambiente, educação, matemática e negócios;

³⁴ Ibidem, p.183

³⁵ Andréa de O Tourinho” A Arquitetura e a Geografia Urbana na construção do Urbanismo moderno e contemporâneo”

³⁶ Helen Rosenau, “A cidade ideal”, p.182

³⁷ António Ramalho, “Urbanismo retratos urbanos”, p.51

³⁸ Idid., loc. cit.

Capítulo 3 - Sociedade globalizada

3.1 Cidade, lugar de inovação e confronto cultural

O processo de mudança no modelo contemporâneo está ligado à composição social e cultural da população que se altera a um ritmo crescente. Devido às exigências de uma maior mobilidade social, a constituição de uma família comum, diverge para outro tipo de agregado familiar. Marcada pela mobilidade, “a nossa existência pós-moderna é hoje pontuada por múltiplas separações e ambivalências, por múltiplas transições e «passagens»³⁹”.⁴⁰

Em consequência, “passamos a procurar nos passos por onde vamos a caminho, passos que são de desassossego, do que no enraizamento que nos garanta uma origem, um nome, um fundamento e um território.”⁴¹

Para além disso, a origem, o fundamento e o território outrora, “não passam hoje de estilhaços e fragmentos, (...) de que a sociedade moderna é um tecido ‘poli-contextual’, pelo que não possui um centro particular.”⁴² Especificamente quanto à acelerada mobilização da época, Ernst Junger⁴³ descreve “a mobilização total (...) é, em tempo de paz como em tempo de guerra, a expressão de uma exigência secreta e constrangedora à qual nos submete esta era das massas e das máquinas.”⁴⁴

Para que se coloque corretamente a questão do futuro das cidades, é preciso começar por identificar as causas de mutação e interrogarmo-nos sobre os desafios atuais que elas comportam. Segundo Lacaze, um deles é a demografia, que dá uma primeira série de informações. A criação e o desenvolvimento das cidades “estiveram muitas vezes ligados, na história, aos movimentos migratórios, ora provocados por um crescimento rápido da população, ora saídos da vontade de povoar ou de repovoar determinadas regiões.”⁴⁵

A população tem um papel fundamental na formação da cidade, compreendendo-se a vida que nela existe para além das regras urbanísticas, bem como as interações entre os diferentes indivíduos, do mais diversos extratos sociais.

A expansão urbana pode afetar a vivência na cidade, podendo refletir-se em termos de segregação, onde a divisão por extratos sociais se pode revelar na formação de bairros muito diferenciados.

De maneira a acompanhar o ritmo da sociedade, a forma de habitar na era da globalização tem vindo a ser o reflexo do momento efémero, sofrendo transformações, tornando-se mais versátil, assume-se como um objeto de incríveis e constantes mudanças podendo adaptar-se ao ritmo de cada um.

³⁹ Walter Benjamin livro “Passagens” (1989)

⁴⁰ Moisés de Lemos Martins, Dicionário crítico em Côm-Cultura “Moderno e pós-moderno”

⁴¹ Ibid., op. cit., loc. cit.

⁴² Ibid.

⁴³ Ernst Junger, filósofo alemão (1990)

⁴⁴ Moisés de Lemos Martins, op. cit., loc. cit.

⁴⁵ Jean-Paul Lacaze, “A cidade e o urbanismo”, p.73

3.1.1. Diversidade intercultural

O período pós 2ª Guerra Mundial desencadeou alterações sociológicas que possibilitaram novas abordagens no desejo de uma sociedade igualitária, com as mesmas facilidades e movimentação livre. Neste âmbito torna-se significativo contextualizar e evidenciar a importância da diversidade cultural na arquitetura da atualidade, bem como compreender os hábitos e as alterações no modelo social contemporâneo. Dentro dessa existente diversidade cultural, proclamada nos processos de ‘hibridação’ que foram dinamizados pela adaptação e queda das fronteiras culturais tradicionais, resulta o “multiculturalismo na coexistência de uma pluralidade de culturas.”⁴⁶

A cultura contemporânea “é dotada de diversidade cultural, processo dinâmico de adaptação e deslocação, entendida por processos de hibridação.”⁴⁷ A multiplicação desses processos é o resultado da queda das fronteiras interculturais e interdisciplinares como o multiculturalismo e a transculturalidade crescente.

Essa congregação deriva da “coexistência de diferenças culturais”⁴⁸ que remete para o multiculturalismo, baseado na etnicidade, gênero ou religião. Fundamentado na impureza intrínseca a qualquer cultura, dada a experiência histórica de cruzamentos consoantes, “é um dos maiores desafios das democracias ocidentais na atualidade, encarar a especificidade identitária no reconhecimento jurídico na igualdade de direitos dos cidadãos, culturalmente distintos entre si.”⁴⁹

Apela-se, assim, às instituições públicas e à arquitetura que sirva de instrumento para por em curso uma perspectiva de “incentivo à utilização de meios culturalmente persuasivos de modo a fomentar os elos de comunicação entre os diversos grupos sociais.”⁵⁰

Nessa coexistência de pluralidade de culturas da contemporaneidade, o relevo do multiculturalismo opõem-se pelo transculturalismo, que se distingue por enfatizar a mistura de culturas diversas. O primeiro conceito “estabelece fronteiras de reconhecimento e institucionalização das múltiplas culturas que coexistem entre si (reconhecimento da diferença cultural)”⁵¹, enquanto que o transculturalismo, salienta a fluência dessas fronteiras culturais.

Este último, reforça a procura “para além de uma visão estritamente culturalista, ao superar o conceito da cultura como ‘modo de vida particular’ de determinada comunidade. Deixando de constituir uma particularidade, ‘o modo de vida’ do transculturalismo é de cariz

⁴⁶ Cláudia Álvares, “Multiculturalismo” em “CulturaDicionário crítico”. Disponível em: www.arte-coa.pt

⁴⁷ Wolfgang Welsch, “Transculturality: The Puzzling Form of Cultures Today, in Mike Featherstone”, Scott Lash (ed.), *Spaces of Culture - City - Nation - World*. Sage Publications, London, Thousand Oaks and New Delhi 1999, pp.197-198

⁴⁸ Cláudia Álvares, op. cit., loc. cit.

⁴⁹ Idem, “Transculturalismo”, loc. cit.

⁵⁰ Ibid.

⁵¹ Ibid.



Fig. 6 Linguagem 'diversificada' de uma das fachadas na Leipziger Platz, Berlim 2016

globalizado dada a influência de padrões globalmente hegemónicos no que toca às práticas consumistas da atualidade.”⁵²

Existe outra corrente de opiniões que defende que a globalização só diversifica, como é o caso de Jean-François Revel, “a globalização não uniformiza, diversifica (...) a reclusão esgota a inspiração.”⁵³ De facto os indivíduos têm cada vez mais acesso às diversas realidades que o mundo tem para oferecer. Assim, é um processo de carácter contraditório e complexo, que padroniza os comportamentos, ao mesmo tempo que promove a heterogeneidade. Dependendo de cada momento histórico ou sociedade específica, indica tendências maiores para a uniformização ou diversificação. No entanto, os aspetos da vida contemporânea, se uniformizados aliam-se à globalização, questionando-se por isso se protagoniza a homogeneização ou a diversificação.

Se num primeiro momento parecia inequívoco afirmar que o processo de globalização faria desaparecer as culturas locais, atualmente verifica-se o contrário. Esta promove a identidade cultural e incentiva a produção local, torna os indivíduos mais preocupados e interessados em relação à defesa e preservação pelo que a sua cultura tem de único ou particular. Contribuí para os “fluxos interculturais globais, processo de globalização cultural.”⁵⁴

Berlim é um exemplo de uma cidade cosmopolita, criativa, excitante e inclusiva, aberta à inovação e modernidade, onde a história convive com a arte, a cultura, o boémio e a tecnologia (fig.6). Caracteriza-se pela valorização da diversidade cultural e promoção da inclusão social, através do desenvolvimento económico, social e cultural. De acordo com a organização das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura (UNESCO) “a diversidade é uma dimensão cultural da economia criativa.”⁵⁵ A “Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural” entende que garantir o intercâmbio entre identidades culturais, “é a diversidade um importante fator na promoção do desenvolvimento económico, social e de crescimento intelectual.”⁵⁶ E relata a análise da “natureza e a manifestação da diversidade cultural em relação à globalização, ao diálogo intercultural, aos direitos humanos e à governança democrática”.⁵⁷ Em síntese, a cidade exerce um papel de governação democrática, na medida em que estabelece um programa humanista e contemporâneo na adoção de políticas públicas locais para “conter impactos negativos da globalização sobre a diversidade cultural, através do desenvolvimento sustentável cultural e urbano da União Europeia.”⁵⁸

⁵² Angela Mc Robbi, “The uses of cultural studies”, pp.148-50

⁵³ Jean-Paul Revel, “Obsessão Antiamericana: Causas e inconsequências”, p. 135

⁵⁴ Alexandre Melo, “Globalização Cultural”. Coleção O Que É, Quimera Editores, Lisboa 2002, p.38

⁵⁵ UNESCO, “Creative Cities Network 2004”

⁵⁶ Idem, “Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural”, CTL.2001/WS/9, (2001), Artigo 1

⁵⁷ Idem, Relatório Mundial, “Investir na Diversidade Cultural e no Diálogo Intercultural” 2009

⁵⁸ Jornal Oficial da União Europeia, “Conclusões sobre a arquitetura: contributo da cultura para o desenvolvimento sustentável”, (2008/C 319/05)



Fig. 7 Torre de David no centro da cidade de Caracas, na República Bolivariana da Venezuela.

3.1.2 Gentrificação

As razões fundamentais para apoiar os princípios do desenvolvimento sustentável cultural são os contributos da produção cultural e artística no fortalecimento económico, enriquecimento cultural e coesão social. O conceito sustentabilidade, inclui também o capital cultural tangível e intangível de uma comunidade, região ou nação é algo que deve ser preservado para as gerações futuras.

No entanto, as transformações urbanísticas podem “conduzir a um esvaziamento funcional e demográfico de áreas urbanas centrais, se não suportarem uma estratégia racional e coerente de distribuição das funções e equipamentos de escala geral pela rede urbana.”⁵⁹ Evitar a possível escassez de humanização das zonas densas nas metrópoles, tornou-se uma das condições entre os urbanistas e sociólogos, para fazer com que as zonas centrais não se terciarizem excessivamente, ou que os bairros residenciais não fiquem marginalizados e segregados dos grandes equipamentos culturais e sociais ou da malha de serviços comerciais.

Um dos tipos de segregação urbana descrito como talvez “a mais alta favela do mundo”⁶⁰ (fig.7), é o exemplo de segregação vertical de um edifício de escritórios corporativos inacabado, no centro da cidade de Caracas, cuja construção foi interrompida e abandonada pela crise financeira na Venezuela em 1994. Foi ocupada gradualmente a partir de 2007, proporcionando abrigo para mais de três mil moradores que formaram uma cooperativa de habitação, num regime organizado próprio onde reivindicaram os seus direitos. Atualmente, está a ser desocupado por falta de condições de segurança e não só, por iniciativa do governo em troca de uma habitação nova. O governo “começou o acolhimento dos ex-moradores de ‘Torre de David’, e o futuro da construção, seja como um conjunto habitacional ou seja como prédio comercial, é incerto.”⁶¹

Trata-se, portanto de zelar pelo equilíbrio urbano e lutar por uma cidade a favor das necessidades humanas. E não só isso, se a cultura do espaço construído, livre e público é mais recente, (iniciada no séc. XIX) durante a segunda metade do séc. XX assistiu-se ao aparecimento de uma nova cultura do espaço público, que outorga um novo papel ao espaço livre na cidade, que começa a recompor-se na atualidade. Adquire-se, conseqüentemente uma relevância sobre o centro face ao contexto histórico, em que se assiste a uma progressiva transferência de funções para outras áreas mais periféricas. Contudo, sem que se verifique uma estratégia de substituição revitalizadora dos vazios urbanos, como um novo

⁵⁹ OASRS, Ordem dos arquitetos secção regional do sul, “Concurso biblioteca municipal e e museu do brinquedo de Torres Vedras” (22-02-2016)

⁶⁰ Joshua K Leon, ArchDaily Brasil - Notícias “Cidades radicais, soluções radicais: Livro de Justin McGuirk encontra oportunidades em lugares inesperados”

⁶¹ Ibidem, loc. cit.



Fig. 8 “A nova fronteira urbana”: 1 - Desinvestimento nas disponíveis/lotação habitação urbana: um prédio abandonado e reabilitação baseado na comunidade (community-based rehabilitation) em Nova Iorque; 2 - Motim “Gentrification is a class war, fight back” em Tompkins square park, Nova Iorque em 1988.

modelo de urbanismo no centro da cidade, que possa minimizar os efeitos negativos do processo de “gentrificação”⁶².

No mundo capitalista avançado, existiam importantes cidades, como Londres e Paris, precursoras do pós-guerra, numa tentativa de dinamizar um determinado bairro contribuindo para o aparecimento da gentrificação. Este processo foi replicado em diferentes formas e em menor escala, noutras cidades como Berlim, Edimburgo e Madrid. No entanto, apesar de ser um fenómeno atual de aprimoramento de locais, cada vez mais comum nas grandes cidades, a sua prevenção acompanha uma fragmentação da sociedade, catalisadora sobre um processo que depende da sustentabilidade do desenvolvimento urbano-económico e político.

Neil Smith considera a gentrificação como sendo apenas um resultado da vontade dinâmica da nova classe média, revelando-se como parte de uma mudança muito maior na economia política e na cultura do final do século XX. Em “*The new urban frontier*” (livro escrito pelo geógrafo e académico Neil Smith em 1996) confronta o termo ‘fronteira’ desmistificando o seu uso e explora as interconexões das políticas urbanas, padrões de investimento, expulsão e o fenómeno dos sem-abrigo. Examina a globalização e o conseqüente desenvolvimento desigual à escala local e global (fig.8).

Faz ainda uma referência aos conflitos que a gentrificação trouxe, como uma ocorrência decididamente má, “como produto das mudanças económicas e políticas nos mercados locais e globais”⁶³, que têm sido vigorosamente empreendidas pelo lado investidor de interesses de capital. Estes interesses revanchistas (do termo francês *revanche*) estão a retomar a cidade, regenerando-a e reintroduzindo-a com a sensibilidade da classe média. Este processo “corrompe comunidades da classe trabalhadora, desaloja famílias pobres, e converte bairros inteiros em enclaves burgueses.”⁶⁴

Assim, o processo de gentrificação foi-se infiltrando com otimismo, trazendo benefícios a paisagens hostis, para a indústria do turismo, no papel da dinamização do mercado imobiliário. As receitas do turismo podem contribuir para a recuperação económica de um país, no investimento na reabilitação urbana, sendo este “um motor de reabilitação urbana do património arquitetónico”⁶⁵ e, um impulso da economia na criação de emprego. No entanto, a aparente ausência, tanto de uma estratégia de planeamento, como da avaliação dos seus impactos, a par da quase inexistente regulamentação do processo, tem

⁶² Gentrificação ou ‘enobrecimento’, refere-se à melhoria social cultural e económica de um bairro ou, e maior escala de uma região inteira. O termo foi cunhado em 1964 pela socióloga britânica Ruth Glass para descrever o fluxo de pessoas da classe média que deslocou moradores de classe baixa de bairros urbanos. Paula Transcheit, “*Placemaking x gentrificação: a diferença entre revitalizar um espaço público*”.

⁶³ Neil Smith, “*The new urban frontier*”, p.92

⁶⁴ *Ibid.*, p.17

⁶⁵ Diário da República n.º248/2016, Série I de 2016-12-28. Disponível na Internet: <https://dre.pt/home/-/dre/105637671/details/maximized?serie=1>



● Apartamento ● Quarto PRIVADO ● Quarto PARTILHADO

Fig. 9 Exemplos de cidades dominadas pelo turismo: 1 - Fotografia da fachada de um edifício em Veneza, um exemplo que, apesar de não estar recuperada, o seu edificado continua a defini-la como cidade atrativa; 2 - faixa colocada sobre um edifício recuperado direcionado a investidores estrangeiros, de modo a promover a compra de apartamentos no centro de Lisboa; 3 - Mapa de alugueres *Airbnb* (Alojamento local *online*) ativos em Lisboa: apartamento, quarto privado e quarto partilhado.

consequências avassaladoras, ignorando “os efeitos colaterais e a sua responsabilidade na gestão dos interesses da cidade e dos seus habitantes.”⁶⁶

Assiste-se a um incentivo e facilitação das “dinâmicas mais agressivas de mercado imobiliário de investimento”⁶⁷ de acompanhamento impossível para a maioria dos atuais residentes sem capacidade económica, forçada a deslocar-se para bairros cada vez mais periféricos. A consequente subida de preços da habitação resulta, também da “pressão exercida pela atividade turística, nomeadamente através do redirecionamento da oferta imobiliária para habitantes temporários.”⁶⁸ Realizam-se obras para transformações em Hotel, *Hostel* ou apartamentos turísticos, que tinham usos anteriores de habitação permanente, provocado eventualmente pelo “fenómeno do alojamento local por reserva *online*”⁶⁹ (fig.9.3).

Apesar dos efeitos nefastos que esta transformação está a gerar, não deve ser vista como ameaça. O crítico urbano Matthew Yglesias defende que “a precaução gera um medo excessivo do progresso e atrasa projetos necessários para comunidades. (...) os avanços poderão aumentar o valor dos terrenos, mas não precisam desalojar os habitantes. (...) A maneira como são executados os projetos é o que determinará os resultados.”⁷⁰ Refere também que a tomada de conhecimento acerca da gentrificação, enfatiza a importância de “criar espaços para todos, espaços que conectam os locais, ao invés de dividi-los. Os bairros precisam ser identificáveis e manter as suas características naturais, aquilo que o tempo se encarregou de construir.”⁷¹ Logo, declara que evitar a gentrificação é evitar que se apague essa história. No panorama atual a situação é exemplificada em algumas cidades, como Veneza (fig.9.1), Berlim ou Lisboa, onde o centro está a transformar-se num lugar esvaziado de habitantes permanentes em prol do turismo (fig.9.2). O fenómeno do alojamento local contribui em Lisboa, como tem contribuído em diversas cidades, para a subida dos preços de arrendamento e para a escassez na oferta. Em paralelo propõem um conjunto de possíveis medidas concretas para conter este fenómeno noutras cidades, no qual “só a sua regulamentação poderá alterar esta situação, como por exemplo a realização de uma nova lei restritiva do alojamento local, à semelhança de outras cidades (Ex: Barcelona, Paris, Londres, São Francisco).”⁷² Só é permitido alugar apartamentos ou quartos, em Berlim e Nova Iorque, quando aí moram os proprietários e sem que tal implique a saída dos habitantes permanentes. Conclui-se que o planeamento de uma cidade deve ser discutido e delineado para benefício dos seus habitantes. Parece fundamental estudar e debater algumas medidas, utilizar o empreendedorismo desta mudança para conduzir a cidade numa direção que seja vantajosa e enriquecedora para todos, não cedendo a interesses económicos de especulação que negligenciam e afetam os habitantes que definem e sustentam a cidade.

⁶⁶ Ana Bigotte Vieira et al, *ArchDaily* Brasil - Notícias “Quem vai poder morar em Lisboa? Da gentrificação e do turismo à subida o preço de habitação: causas, consequência e propostas” (2016)

⁶⁷ Ana Bigotte Vieira et al, op.cit., loc. cit.

⁶⁸ Ibidem, loc. cit.

⁶⁹ Ibid., op. cit., loc. cit.

⁷⁰ Paula Transcheit, *ArchDaily* Brasil Notícias “*Placemaking* x gentrificação: a diferença entre revitalizar um espaço público” (22-07-2016)

⁷¹ Ibidem, loc. cit.

⁷² Ana Bigotte Vieira et al, op. cit., loc. cit.

3.2 Segregação sócio urbanística

3.2.1 Aspetos fundamentais

É a partir do bairro que melhor se revela a sociabilização que se traduz na mobilidade territorial, moldado pela sociedade, por uma mudança social cada vez mais efémera. Este facto tem repercussões na forma de habitar, onde a flexibilidade arquitetónica e a capacidade de adaptação do indivíduo tornam-se fundamentais no ordenamento do território. A realidade construída (arquitetura) deve estar preparada para suportar as constantes mudanças sociais, à escala do bairro e da cidade, o que é um desafio emergente.

Devido à amplidão das destruições e bombardeamentos aéreos da 2ª Guerra Mundial, impôs-se o empreendimento de programas importados de reconstrução das cidades. Em Inglaterra, na Alemanha e nos Países Baixos, “essa reconstrução é pensada e executada em termos de urbanismos, com uma visão global e a longo prazo e, ao mesmo tempo, uma grande preocupação em respeitar o modo de vida dos habitantes.”⁷³ No entanto, as cidades tiveram que acolher à pressa milhões de operários vindos dos campos, para acompanhar o crescimento económico do pós-guerra, logo seguidos de grandes fluxos de imigrantes.

Os bairros construídos para os recém chegados à cidade, e especialmente os grandes edifícios de habitações sociais, sofrem o desfavor assinalado: a partida de inúmeras famílias para as periferias que “desencadeia um efeito cumulativo de segregação social, de marginalização da população, de degradação rápida do espaço e de desvalorização dos bens imóveis.”⁷⁴

Define-se, assim por segregação social a “tendência dos grupos sociais para se agruparem em determinadas partes da cidade. Leva a efeitos cumulativos perigosos, quando traz consigo a concentração crescente de populações marginalizadas ou de grupos étnicos particulares nos bairros degradados.”⁷⁵

O despontar da crise económica em 1973, mudou radicalmente os dados dos problemas urbanos, com intuito de recuperar os espaços urbanos tornados obsoletos, pelas consequências diretas ou indiretas desta crise. Esta imbricação de problemas sociais “obriga a criar ações corretoras chamadas «política da cidade». A falta de propriedade aparente do termo pretende significar uma falta de reinserção dos habitantes e de ligação do bairro à totalidade da cidade.”⁷⁶

A dificuldade no controlo local, desliza facilmente para a exclusão ou para a expulsão dos indivíduos indesejáveis, de acordo com Kevin Lynch. “O controlo local dos subúrbios, se amplamente exercido, tem como consequência encarcerar os grupos de mais baixos

⁷³ Jean-Paul Lacaze, “A cidade e o urbanismo”, p.42

⁷⁴ Ibid., p.65

⁷⁵ Ibid., p.131

⁷⁶ Ibid., pp.66-67

rendimentos na zona interior da cidade, ou afastá-los para alguns sectores de expansão menos favorecidos. Os custos das habitações aumentam neste espaço restrito de manobra.”⁷⁷ Um instrumento-chave para a qualificação e desenvolvimento dos territórios construídos é a regeneração e a revitalização urbana ligadas à promoção de desenvolvimento turístico, comercial e energético, bem como a qualificação ambiental e coesão social. A União Europeia considera que o ‘desenvolvimento urbano sustentável’ representa “uma oportunidade de criação, inovação e renovação das práticas e linguagens arquitetónicas, e de reapropriação e reinterpretção das práticas tradicionais.”⁷⁸

Em Portugal de acordo com a DGOTDU (Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano) poder-se-ão definir os termos ‘regeneração e revitalização’ como “um conjunto de medidas que visam transformar a base socioeconómica obsoleta de certas áreas urbanas, tornando-as mais sustentáveis através da atração de novas atividades e empresas, da modernização do tecido urbano, da melhoria do ambiente urbano e da diversificação da estrutura social.”⁷⁹ E ‘reestruturação’ quanto à “forma de intervenção no tecido urbano existente, que tem por objetivo a introdução de novos elementos estruturantes do aglomerado urbano ou de uma área urbana.”⁸⁰

Um exemplo subversivo de planeamento arquitetónico inclusivo, é o complexo de habitação social no Chile, projetado pelos arquitetos ‘Elemental’. Verificar-se-á o esforço de contornar situações contrárias e de privilegiar o uso das ferramentas da regeneração e a reestruturação. Segundo a ONU, as projeções do ‘Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos’ (ONU-HABITAT) existiam 111 milhões de moradores nas favelas nos países da América Latina em 2010 e mais de 900 milhões em 2017 em todo o mundo de acordo com o ‘Relatório Habitat III’ conferência sobre “Moradia e desenvolvimento urbano sustentável”⁸¹ “Os mercados privados claramente não podem fornecer moradia universal de forma eficiente e os governos são muitas vezes hostis em relação aos pobres.”⁸² A única alternativa “é a ação coletiva a nível popular (...) o atelier Elemental maximiza os escassos subsídios do governo através da construção de ‘meias casas’ em que os residentes podem reformar, melhorar ao longo do tempo.”⁸³

⁷⁷ Kevin Lynch, “A boa forma da cidade”, p.237

⁷⁸ Jornal Oficial da União Europeia, “Conclusões do Conselho sobre a arquitetura: contributo da cultura para o desenvolvimento sustentável”, (2008/C 319/05)

⁷⁹ DGOTDU, 2011 p.28

⁸⁰ Idem, “Decreto regulamentar n°9/2009 de 29 de maio”

⁸¹ O Globo, “Mais de 900 milhões de pessoas vivem em favelas diz relatório da ONU” (19-10-2016)

⁸² Joshua K Leon, ArchDaily Brasil - Notícias “Cidades radicais, soluções radicais: Livro de Justin McGuirk encontra oportunidades em lugares inesperados”

⁸³ Ibid., loc. cit.

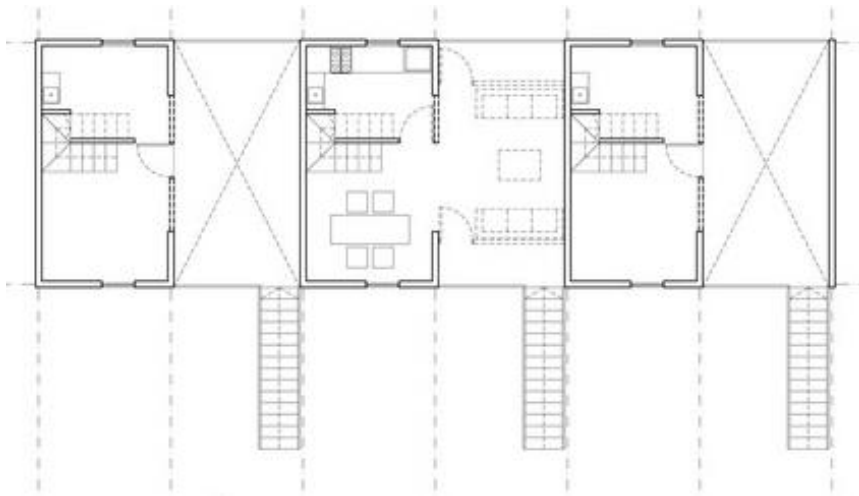


Fig. 10 Casas Quinta Monroy: 1 - projetadas em 2003 em Iquique, da região Tarapacá do Chile; 2 - Planta do segundo piso, da esquerda para a direita: módulo unidade inicial duplex seguida por uma unidade duplex ampliada e outra unidade inicial duplex.

3.2.2 Um caso exemplar: Casas quinta Monroy

Atualmente, a 'Elemental' possui seis projetos de habitação social semelhantes, em fase de desenvolvimento, expande-se em vários países como na América Latina, além da Nigéria, na África. O arquiteto Alejandro Aravena tornou-se mundialmente conhecido após ser consagrado com o prêmio de arquitetura Pritzker. "A trajetória do arquiteto chileno merece tal reconhecimento principalmente por ser sempre envolvido no âmbito social (...) pelo método construtivo inovador que utiliza, de inspiração para muitos arquitetos."⁸⁴

No caso as casas 'Quinta Monroy' o desafio foi acomodar "100 famílias que durante os últimos 30 anos ocupavam ilegalmente um terreno no centro de Iquique, uma cidade no deserto do país."⁸⁵ O custo desse terreno com área de 5000 m² era elevado, em relação ao montante que um projeto de habitação social geralmente pode remunerar. Assim, o problema do projeto foi "evitar a erradicação dessas famílias para a periferia"⁸⁶, que são áreas normalmente marginalizadas e distantes.

A utilização de uma doação escassa permitiu, a construção de um modelo habitacional unitário com 36 m² e reproduzir-se para alcançar uma densidade suficientemente alta, isto é, através do "uso mais eficiente do solo, reduz-se o tamanho do lote obtendo mais eficiência num amontoado."⁸⁷ O projeto conseguiu um conjunto de diferentes tipologias que permitem a expansão de cada moradia, pelo menos para o dobro da sua área original (fig.10). Os proprietários podem transformar "dinamicamente a solução simples de uma casa habitacional."⁸⁸ Trata-se de garantir que a habitação subsidiada seja como um bem imobiliário, que se valorize com o tempo.

Mais que controlar a outra metade da área dos conjuntos de construção espontânea, existiu a necessidade dos arquitetos precaverem a permeabilidade suficiente, e emoldurar a própria estrutura para as expansões que acontecerão. Estes concluíram que para "evitar a deterioração do entorno urbano com o tempo e por outros, procurámos fazer o processo de ampliação o mais fácil possível."⁸⁹ As instalações sanitárias, cozinha, escadas e paredes divisórias, estão projetadas para o estado final (uma vez ampliado), ou seja, para uma habitação de 70 m².

Entre o espaço público e o privado introduziu-se o espaço coletivo, um atributo comum, de acesso restrito que "dá lugar à sociabilização, atividade chave para o êxito de entornos frágeis"⁹⁰, num terreno que "está bem localizado, imerso na rede oportunidades que a cidade oferece (trabalho, saúde, educação, transporte)."⁹¹

⁸⁴ Alejandro Aravena, tradução por Vitor Delaqua. *ArchDaily* Brasil, Projetos - habitação de interesse social, "Quinta Monroy/ELEMENTAL"

⁸⁵ *Ibid.*, loc. cit.

⁸⁶ *Ibid.*, loc. cit.

⁸⁷ ELEMENTAL, site oficial do escritório em housing "Quinta Monroy"

⁸⁸ Alejandro Aravena, op. cit., loc. cit.

⁸⁹ *Ibid.*, loc. cit.

⁹⁰ *Ibid.*, loc. cit.

⁹¹ *Ibid.*, loc. cit.



Fig. 11 “Entrada de uma casa em Kopenick, Berlim”

II ENQUADRAMENTO PRÁTICO: BERLIM NA PÓS-MODERNIDADE

Capítulo 4 - A cidade resiliente

4.1 Condição de (im)permanência

O movimento das cidades é indissociável do fator tempo, sendo que a mobilidade “é a chave do planeamento, tanto do ponto de vista social, como organizativo (...) não está só relacionada com caminhos e estradas, mas sim com o deslocamento em geral e preocupações de uma comunidade fragmentada e móvel.”⁹²

A ‘teoria da permanência’ considera que as cidades permanecem sobre “eixos de organização, mantendo as posições dos seus traçados, crescendo com a direção e o significado dos eixos mais antigos.”⁹³ Sob o ponto de vista da teoria do conhecimento, a diferença entre o passado e o futuro, consiste no facto de que “o passado é, em parte, experimentado agora, e que, sob o ponto de vista da ciência urbana, pode ser este o significado a dar às permanências.”⁹⁴

Tais subsistências, ao longo do tempo adquirem personalidade própria, proporcionando uma função infrangível na estruturação da imagem da cidade. Geralmente, estes eixos permanecem no tempo e no espaço por estarem dotados de uma contínua vitalidade, contudo afirma A. Rossi que às vezes destroem-se por fatores que lhes retiram essa mesma vitalidade, como por exemplo, “a ocorrência de insegurança urbana ao nível do não edificado (...), ou ainda pela emergência de alterações sociais ao nível do edificado, entre as quais a ‘gentrificação’⁹⁵ que estarão intimamente relacionadas com as respetivas diferenças culturais, as quais intervêm na organização do ambiente urbano.”⁹⁶

O fator tempo exprime a realidade de uma cidade fragmentada, que opera por diferentes períodos temporais com agentes e atividades diferentes. Tem de ser explorado, com o objetivo de tornar as cidades mais adaptáveis, sendo que as mudanças aplicam-se tanto à sua morfologia como ao seu metabolismo. A constante mudança reflete-se no urbanismo e na arquitetura, por isso, é urgente adaptar as novas atividades e necessidades dos habitantes aos programas e usos dos espaços, sejam eles novos projetos ou de reconstrução. Jean-François Lyotard foi um dos primeiros pensadores a denunciar não só a identidade, mas também outros conceitos “como história, memória, tradição como condições de construções artificiais, cuja meticulosa linearidade e delicada coerência resultam do discurso ideológico que os sustenta”⁹⁷.

⁹² Alison e Peter Smithson, “*The Charged void*”, p.51

⁹³ António Leite Ramalho, “Urbanismos: Retratos urbanos”, p.45

⁹⁴ Aldo Rossi, “A arquitetura da cidade”, p.75

⁹⁵ António Leita Ramalho, op. cit., loc. cit.

⁹⁶ Aldo Rossi, op. cit., p.99

⁹⁷ P. Baía, et al, “Berlim: Reconstrução crítica”, p.44



Fig. 12 “Museu Neues” (1997-2009) do Arq. David Chipperfield localizado na ilha dos museus, Berlim.

A razão mais importante que sustenta a noção de preservar e conservar a herança histórica, parece ser pedagógica, visto que, os artefactos físicos ensinam os observadores sobre paisagens, pessoas, eventos e valores do passado, dando substância à 'memória cultural'. O carácter de 'monumentalidade' pode ser atribuído a uma área urbana, um edifício - objeto, um conjunto de edifícios, uma obra de arte. Este aspeto transporta consigo uma referência, um significado, uma origem e atribui respeito, tradição, uma carga emocional.

O testemunho dos monumentos continua a ser válido em virtude das transformações e adaptações que naturalmente sofrem no tempo histórico-social, voltando assim “a confirmar o seu carácter de validade temporal, que quanto mais dura mais tende para uma possível eternidade.”⁹⁸

O planeamento urbano das cidades pode incorporar nas suas estratégias a capacidade de adaptação dos seus espaços interagindo com os tempos de utilização. Uma cidade resistente e adaptável “tem de explorar a escala urbana-arquitetónica, criando a relação entre os espaços e o tempo, tornando-se ao mesmo tempo resiliente.”⁹⁹ A resiliência urbana, é a capacidade de um espaço recuperar uma função depois de experimentar um trauma. A cidade de hoje tem de ter a capacidade de se regenerar depois de experimentar traumas, adaptar ao ritmo do desenvolvimento rápido ou lento e revitalizar o uso dos espaços.

A exemplo de uma situação resiliente materializada, sob o auxílio de ferramentas de um plano arquitetónico e urbanístico do espaço urbano, é o Museu Neues (fig.12) em Berlim, que após sua revitalização e reinvenção “mostra o nível de sensibilidade que o design contemporâneo pode ter nas restaurações, com as mais avançadas tecnologias atuais utilizadas para fornecer informadas nuances no mais ínfimo detalhe, para preservar as camadas de história da arquitetura num edifício, no domínio da arquitetura contemporânea.”

⁹⁸ Kevin Lynch, “A imagem da cidade”, p.30

⁹⁹ Júlio Soares, Dissertação “Cidades Adaptáveis”, p.19

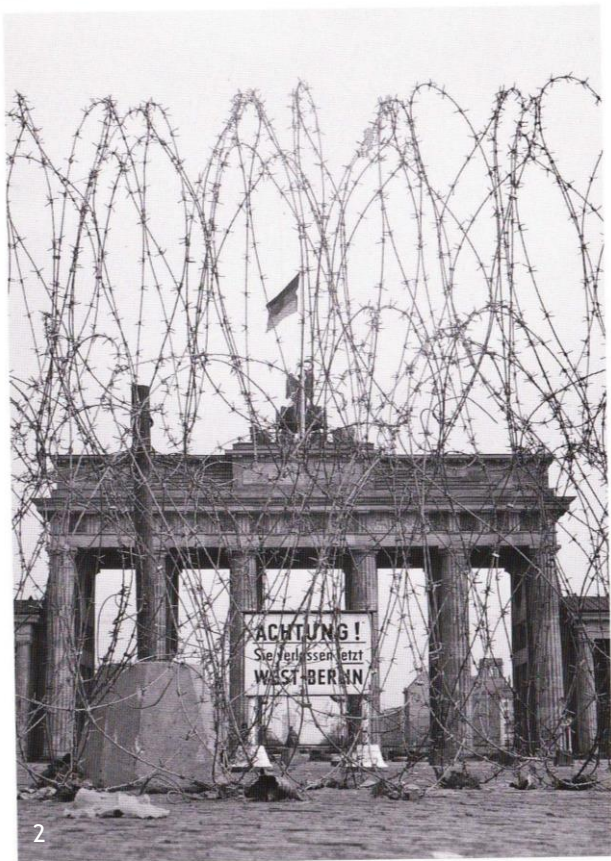


Fig. 13 Desfigurada Berlim: 1- Vista aérea da cidade de Berlim tirada de um avião bombardeiro, aliado durante a 2ª Guerra Mundial, Fevereiro 1945; 2 - A Porta de Brandemburgo (*Brandenburger Tor*) 1961.

4.2 À procura de identidade

4.2.1 Cidade ‘palimpsesto’

A construção da cidade no tempo traduz-se pelo ritmo de desenvolvimento rápido ou lento do uso dos espaços e pela sua capacidade de se regenerar e adaptar a novas situações, isto é a resiliência urbana. Conforme as vulnerabilidades inerentes a mudanças experienciadas, quer por riscos naturais, quer por causas subjetivas, a cidade atual explora a aptidão de se recuperar após um trauma, na interação mutável entre os espaços e o tempo.

De acordo com o tempo a cidade “cresce sobre si mesma; adquire consciência e memória de si própria. Na sua construção permanecem os motivos originários, mas ao mesmo tempo a cidade esclarece e modifica os motivos do seu próprio desenvolvimento.”¹⁰⁰

Tais riscos podem ter causas naturais, tecnológicas ou sociais; ser previsíveis ou inesperados, ter consequências devastadoras ou locais na dinâmica urbana. O planeamento urbano das cidades pode explorar estratégias responsáveis e sustentáveis, considerando a prevenção, a mitigação e a capacidade de regeneração das cidades, face aos eventos que as podem ameaçar. Vincula-se um processo sobre o desenvolvimento urbano como uma nova visão de reformulação e incorporação de um vetor de positivo avanço social, interagindo com os espaços e tempos de utilização.

Têm portanto tempos diferentes, as simples alterações ou as transformações urbanísticas, como “fenómenos particulares, acidentais como as guerras ou as expropriações, podem abalar em pouco tempo, situações urbanas que pareciam definitivas. Em todas as modificações encontram-se em campo muitas das forças que se aplicam à cidade; estas forças podem ser de natureza económica, política ou outra.”¹⁰¹ Ou seja, uma cidade pode transformar-se com a sua riqueza económica que impõe fortes mudanças no modo de viver, ou pode ser destruída por uma guerra, como por exemplo a destruição de Berlim. Concilia-se assim que esta é uma cidade resiliente em toda a sua conjuntura.

Após as destruições da guerra a atenção foi invocada para os problemas urbanos. Berlim surge como um caso paradigmático de cidade confrontada com a destruição (fig.13). “Uma cidade que viveu e continua a viver num confronto eterno com a dimensão trágica e fatal do tempo. O peso da presença de memória (...) enquanto elemento dramático de permanência fatal de uma cultura.”¹⁰²

A tensão que se criou e se cria entre áreas e elementos, é dada pela diferença dos factos urbanos existentes num certo lugar.

¹⁰⁰ Aldo Rossi, “A arquitetura da cidade”, p.31

¹⁰¹ Ibid., p.203

¹⁰² Pedro Baía, “Tragic new Berlin”, pp.16-17

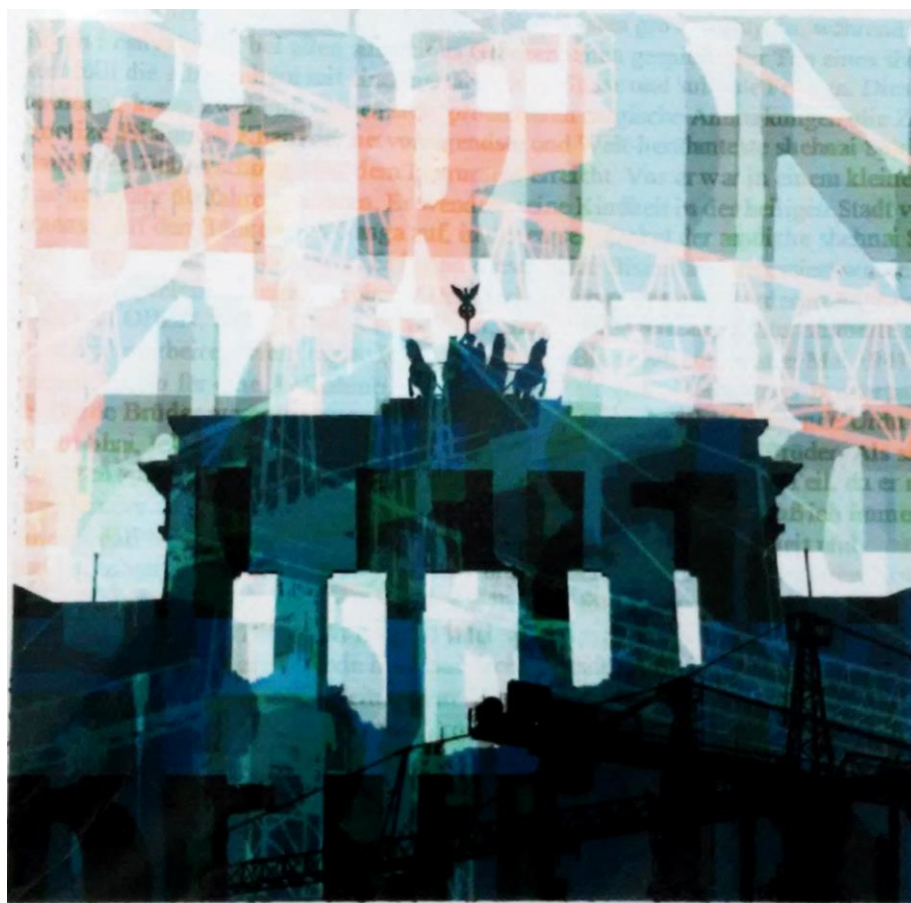


Fig.14 Serigrafia representação da Porta de Brandemburgo sobreposição de guias que simbolizam o carácter da cidade.

A essência berlinense é de caráter múltiplo e heterogêneo no encontro de fragmentos. Deve ser medida não só em termos de espaço mas também em termos de tempo onde, de acordo com os ‘processos de transformação’ retratados por Rossi, “estes referem-se quer ao processo histórico, onde estão presentes fenómenos de permanência, (...) quer em sentido puramente cronológico, onde são verificáveis factos urbanos ocorridos em tempos sucessivos.”¹⁰³ Neste sentido surge uma percepção plena de como são sublimes certas partes periféricas de grandes cidades em transformação, não só como também Berlim, que revelam aspetos totalmente imprevisíveis, “dão-nos a imagem concreta de uma cultura em transformação, de uma modificação da própria estrutura social, mediante uma fruição estética que está na própria natureza dos factos.”¹⁰⁴

*“Berlin as palimpsest, a disparate city-text that is being rewritten while earlier texts are preserved, traces restored, erasures documented - all of this producing a complex web of historical markers that point to the continuing heterogeneous life of a vital city ambivalent about both its built past and its urban future.”*¹⁰⁵

Huysen, encara-a como ‘cidade palimpsesto’, um testemunho físico de várias épocas, que permite a leitura de outras realidades. De facto alcança-se a ‘leitura’ sobre experiência das consequências práticas do planeamento urbano e das teorias arquitetónicas desenvolvidas ao longo do século XX, considerando-a como um “‘laboratório urbano’ e uma ‘cidade-texto’, como lhe chama Andreas Huyssen”¹⁰⁶, filólogo (fig.14). Rossi afirma também que as cidades “são texto desta história (...) como ponto de vista do próprio fundamento dos factos urbanos e da sua estrutura determinados, o elemento histórico é proeminente.”¹⁰⁷

Nos anos após a guerra, Berlim “assiste ironicamente a uma destruição massiva do tecido urbano (...) por motivos ideológicos e económicos muitas estruturas e edifícios, que poderiam ter sido salvos.”¹⁰⁸ A construção em 1961 do ‘Muro de Berlim’ provocou um rasgo profundo na malha urbana, dando continuidade a demolições, principalmente no centro da cidade. Pedro Baía considera que houve uma tensão originada, portadora de uma serena violência que permaneceu e, ainda hoje se verifica numa paisagem de vazios urbanos, de terrenos expectantes e de edifícios devolutos. Contudo, a “ruína pode significar o fim do velho, ou o início de algo novo.”¹⁰⁹

Perante a cidade destruída nesta situação de intervenção, “a memória assume-se não por aquilo que é, pelo que resta, mas pela memória que esses restos ecoam, a nostalgia daquilo que foi, do tempo passado e da história perdida. Na cidade, as cicatrizes evidenciam-se como contínuas projeções de memórias, levantando questões que tocam o horror e a utopia.”¹¹⁰

¹⁰³ Aldo Rossi, “A arquitetura da cidade”, p.137

¹⁰⁴ Ibid., p.138

¹⁰⁵ Andreas Huyssen, “Present pasts: Urban palimpsests and politics of memory”, p.81

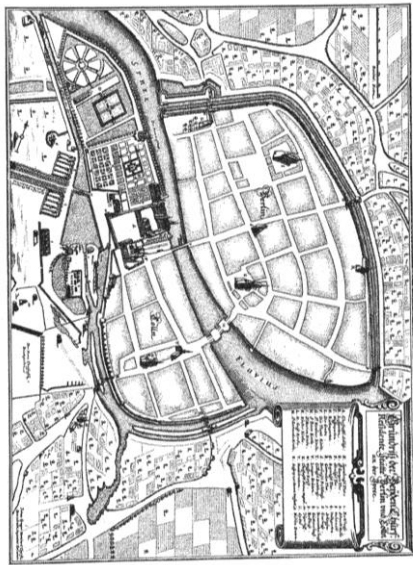
¹⁰⁶ Pedro Baía, “Tragic new Berlin”, pp.12-13

¹⁰⁷ Aldo Rossi, op. cit., p.187

¹⁰⁸ Pedro Baía, op. cit., pp.12-13

¹⁰⁹ Hell Schonle, et. al, “Ruins of modernity”, (2010) p.xiii

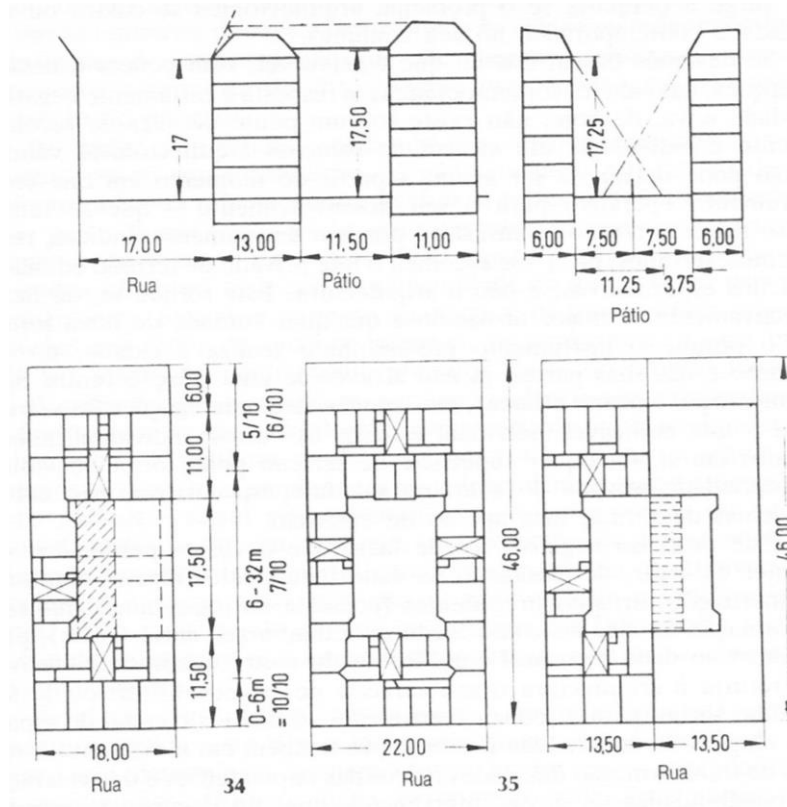
¹¹⁰ M.Oliveira, “Memória da cidade destruída - Problemática da intervenção contemporânea” 1998, p.83



1



2



3

4

Fig. 15 Plantas berlinesas: 1 - Planta da cidade Berlim em 1652; 2 - Planta da cidade de Berlim em 1802; 3 - Esquemas demonstrativos do regulamento para a construção de 1897 (dir.) e possibilidade de articulação do quarteirão edificado segundo o regulamento de 1925 à esquerda (esq.).

4.2.2 Apropriações arquitetônicas

A Monarquia, a primeira guerra mundial, as revoltas, o fascismo, a segunda guerra mundial o estalinismo, o plano Marshall e a guerra fria, “todos usaram Berlim como palco principal e deixaram vestígios em forma de arquitetura.”¹¹¹ Uma cidade “não é mais do que a coleção de objetos físicos que a compõem, isto é, o produto da sua própria história materializada em formas arquitetônicas.”¹¹²

De seguida, pontuam-se cronologicamente numa síntese essas apropriações arquitetônicas face à situação política:

- Durante séc.XVII denominada Brandemburgo; novo planeamento pós-guerra: grelha geométrica composta por longas linhas retas (fig.15.1);
- Início séc.XVIII, Berlim como capital do reino da Prússia; tipologia habitacional - ‘*Mietkaserne*’ quartéis de aluguer, transposição civil da tipologia quartel;
- Séc. XIX, ‘Escola de Berlim’ neoclassicismo tardio, Schinkel inspiração parisiense; centro da ciência arte e arquitetura, ideias humanistas; regulamento de construção 1897/1915; sucessão de pátios que levam ao interior de quarteirão;
- Primeira extensão de Berlim:
 - edifícios na periferia do quarteirão, jardins dentro do quarteirão, o *Berliner ‘Hofe*’ isto é os pátios berlineses foram inventados (fig.15.3);
 - expansão do ‘*Mietkaserne*’ até 8 pátios interiores, os quais ventilavam metade das instâncias do edifício, muitas outras estavam privadas de luz e ventilação; contudo prevenia a extinção de incêndios 5,34 x 5,34 m mínimo (fig.15.4);
- Início séc. XX, modelo urbano do capitalismo monopolista
 - villas coloniais (Hermann Muthesius - trouxe o movimento “Arts and Crafts” inglês exerceu uma influência para o subsequente Modernismo da Bauhaus Modelos cidade-jardim, determinam a paisagem urbana de Berlim até hoje;
 - expressionismo arquitetónico iniciado na ‘*Deutscher Werkbund*’ (Associação alemã de artesãos - arq. e urbanista da República de Weimar Bruno Taut e Arq. expressionista Eric Mendelsohn); proclama-se a união da arte com a indústria, o caminho da standardização em detrimento da ornamentação;
 - Evolução a partir da cidade ‘*laissez-faire*’, transformação para metrópole, enorme crescimento demográfico e industrial; Neobarroco Sanssouci em contraste com a miséria das *Mietkaserne*, extrema polarização;

¹¹¹ P. Baía, et al, “Berlim: Reconstrução crítica”, p.36

¹¹² Jean-Paul Lacaze, “A Cidade e o Urbanismo”, p.8



Fig. 16 TÍTULO: 1- *Zeppelinfeld Stadium* Arq. Albert Speer para os eventos de propaganda Nazi durante o terceiro Reich, em Nuremberg na Alemanha 1935-1937; 2- Hitler a chegar a Berlim depois da ocupação austríaca em 16 de Março 1938; a comitiva dirige na avenida *Wilhelmstrasse*, que estava repleta de multidões, no fundo está o Ministério da Aviação do Reich Hitler; 3 - Edifício sede da Bauhaus, em Dessau 1926; 4 - Panorama de edifícios construídos em painéis de *planteubau*, Berlim 1971

- logo após a 1ª Guerra Mundial, a maior metrópole industrial na Europa ‘Cidade Weimar’; construção maciça de habitações sociais
 - modernismo da Bauhaus ‘*Walter Gropius*’ (fig.16.3);
- Ideologia Nacional - socialismo, ‘Capital de Reich’
 - Hitler sobe ao poder, com o Ministro de propaganda Josef Goebbels, desenvolve uma estrutura de campanha e divulgação política (fig.16.2)
 - durante a década de 40, a revolucionária Bauhaus dirigida, neste momento, por Mies van der Rohe entra em confronto, ideais opostos, encerra as portas e abandona o país; Hitler e a ordem física, monumentos neoclássicos e ideais urbanísticos de Albert Speer (fig.16.1);
 - fim da 2ª Guerra Mundial, antiga capital do Reich tornou-se no maior campo contíguo de ruínas da Europa, cidade desfigurada;
 - Guerra Fria, a cidade é dividida em dois estados: Berlim Leste padrão urbanístico e estético do realismo socialista, painéis de ‘*Plattenbaue*’ - edifícios em pré-fabricado RDA (fig.16.4); Berlim Oeste, monumental neoclassicismo;
 - Na década de 50, a RFA adere à NATO; URSS (União das repúblicas socialistas soviéticas) a União Soviética convida a RDA, fundados assim dois sistemas políticos e económicos diferentes - a República Federal Alemã (RFA), a oeste, e a República Democrática Alemã (RDA), a leste;
 - *Interbau*, exposição de construção para a zona leste;
 - a RDA dá início ao projeto do Muro, atinge uma extensão de 155 quilómetros: atravessa o centro da cidade (43 km) e delimita a fronteira entre Berlim Ocidental e a RDA (112 km).
 - Estas referências emergiram nos anos setenta, no contexto de debate sobre a renovação urbana nesta cidade. Foram parte integrante no programa da “Exposição Internacional de Construção” na IBA, baseada em 12 princípios importantes, levado a cabo no bairro de Kreuzberg.
 - Destruição do Muro e manifestações artísticas através de murais e grafitis, no final da década de 80: Entre duas realidades políticas opostas, comunista a Leste, capitalista a Oeste. A cultura ‘*underground*’ encontra, “neste ambiente de ‘anormalidade social’, um campo produtivo, ou melhor, um escape (...) a partir de situações-limite, como fuga ou confronto a uma realidade tensa, como necessidade de expressão.”¹¹³

¹¹³ P. Baía, *et al*, “Berlim: Reconstrução crítica”, p.45-46



1



2

Fig. 17 Muro de Berlim: 1 - Mapa representativo do limite do muro na divisão da cidade de Berlim entre a parte oeste (ocidental) e a parte leste (oriental) e os respetivos 'checkpoint' postos militares na fronteira; 2 - Crianças brincam ao lado do Muro, na Berlim ex-RFA, 1962.

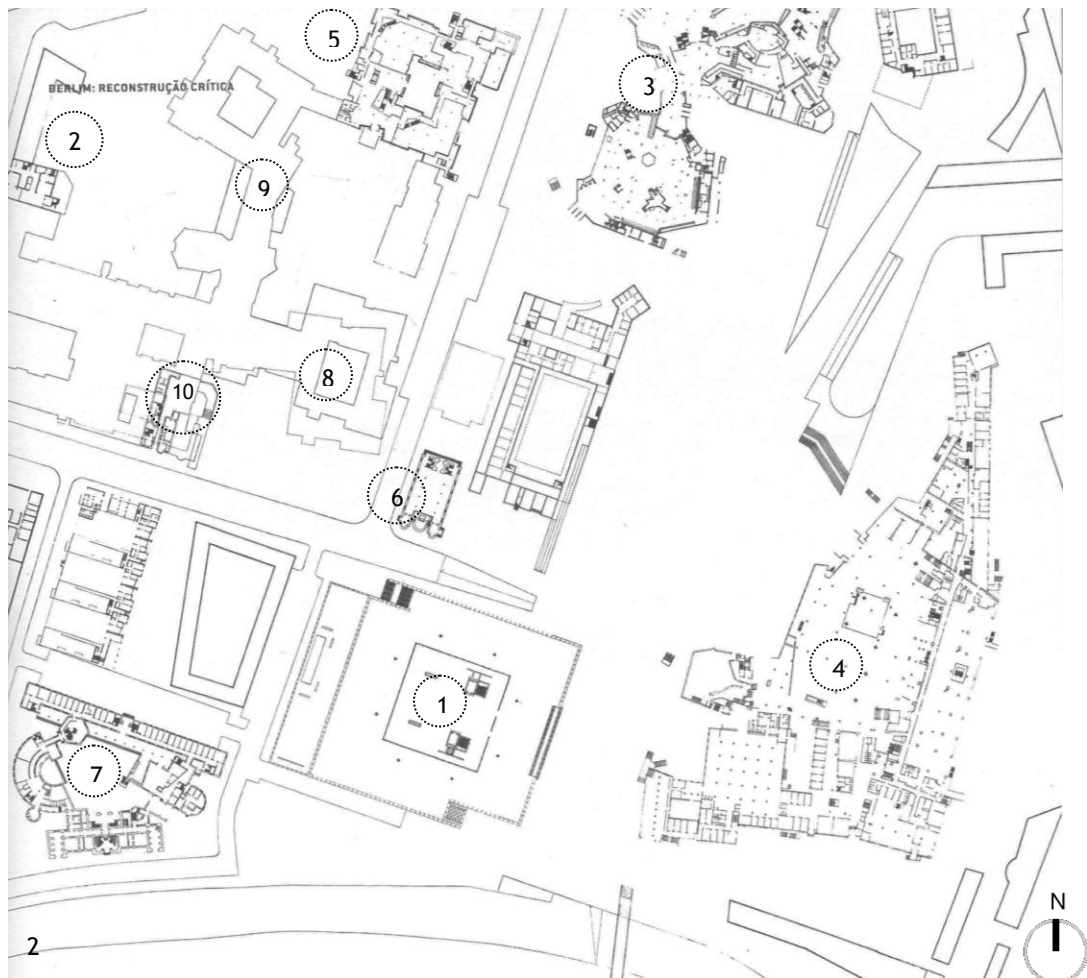


Fig. 18 Kulturforum INTERBAU: 1 - Neue National Gallery pelo arq. Mies van der Rohe; 2 - Planta de implantação do “Kulturforum”: (1)Neue National Gallery; (2)Museus Estatais de Berlim; (3)Filarmónica; (4)Biblioteca de Berlim; (5)Museu de Artes Decorativas; (6)Igreja de S.Mateus; (7)Centro de Ciência Social de Berlim; (8) Biblioteca de artes; (9)Galeria de arte “Gemalder”; (10)Museu “Villa Pirey”.

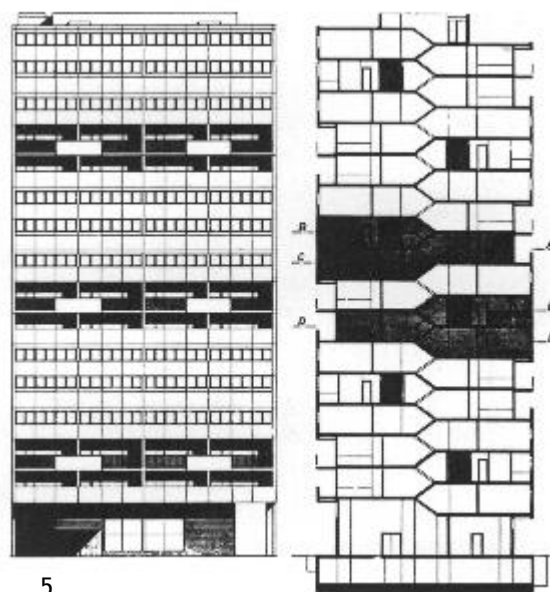


Fig. 19 Habitação INTERBAU: 1 - Vista panorâmica do plano urbano de Hansaviertel, no parque Tiergarten, (1) luciano baldessari; (2) Bakema e Broek; (3) Gustav Hassenpflug; (4) Raymod Lopez e Eugene Beaudonin; (5) Ego Eiermann; 2 - Fachada Oeste arq. Le Corbusier; 3 - planta módulo unitário T1 duplex; 4 - Fachada Sul arq. Bakema & Van de Broek (dir.); 5- Desenhos técnicos alçado frontal e corte transversal (esq.).

4.3 Programas da ‘Reconstrução Crítica’

4.3.1 INTERBAU 1957

A mítica experiência urbana de Berlim foi alvo de ‘reflexão crítica’, uma maneira de repensar os modelos de planeamento urbano. Desde o fim da 2ª Guerra Mundial, Berlim sofreu três períodos de reconstrução (*Interbau, IBA e Media Spree*).

A partir de 1945, a cidade em ruínas oferece o terreno livre para os pensamentos utópicos modernistas. Com objetivo de “condicionar o processo de demolição definitiva dos edifícios atingidos, uma vez que a guerra é por eles considerada como uma oportunidade de regeneração urbana.”¹¹⁴ O regime soviético de Estaline (1927-53) impõe aos países socialistas da Europa de Leste uma arquitetura tradicionalista, de estilo neoclássico construída com as características placas pré-fabricadas ‘*plattenbau*’.

Consequentemente em 1957, a RFA apresenta um projeto onde se refletem várias abordagens modernistas, revelador de um pluralismo livre. Surge, assim, o desenvolvimento de uma ‘Exposição Internacional de Construção’, a ‘Interbau’ (a IBA’57 - *Internationale Bauausstellung Berlin* - Exposição Internacional de Arquitetura) na parte de Berlim Ocidental, que consistiu maioritariamente por uma enorme variedade de projetos habitacionais e culturais, na área de ‘Hansaviertel’ (fig.19) e o ‘Kulturforum’(fig.18), respetivamente. Atualmente, Hansaviertel, é “considerada uma área com bastante qualidade de vida, um mundo à parte, onde o verde das árvores impera, numa tranquilidade contrastante do resto da cidade. Na realidade, esta área segue o modelo segregacionista do Movimento Moderno - autoexcluindo-se da cidade real, não contamina, nem se deixa contaminar.”¹¹⁵

Uma vez que a maioria dos bens culturais da cidade tinham sido perdidos pela divisão do Muro, e Berlim-oriental tinha a histórica ‘Ilha dos Museus’ como seu centro cultural, surge a ideia de um ‘fórum cultural’ para abrigar um conjunto novo de edifícios culturais, construído de 1950 a 1960 na borda de Berlim Ocidental. Os planos para o fórum foram concebidos pelo arquiteto Hans Scharoun que “representa uma nova geração de arquitetos que pretende humanizar a negatividade moderna, aceitando a desordem e a fragmentação.”¹¹⁶ Os edifícios distinguem-se por uma arquitetura modernista inovadora de desenho orgânico. Atualmente situam-se no cruzamento comercial reconstruído da ‘*Potsdamer Platz*’. O ‘*Kulturforum*’ constitui “um bom exemplo da Berlim cidade palimpsesto. Fragmentos dispersos que espelham as mutações do tempo, desde a expressionista e poética ‘*Philharmonie*’ (Hans Scharoun) até ao nostálgico regresso à ordem absoluta do moderno, com a ‘*Nationalgalerie*’ (Mies van der Rohe).”¹¹⁷

¹¹⁴ Vázquez, “*Potsdamer Platz, Metrópoli y arquitectura en transición*” p.161

¹¹⁵ Pedro Baía, “*Tragic New Berlin*”, p.64

¹¹⁶ *Ibid.*, pp.57-58

¹¹⁷ *Ibid.*, p.66



Fig. 20 Planta de implantação dos novos edifícios (re)construídos desde 1990, em Berlim

4.3.2 IBA 1979 a 1989

De 1979 a 1989 decorreu a exposição IBA que é considerada por Lampugnani (arquiteto e consultor de Kleihues) sucessora da *Interbau* de 1957, mas com um espírito diferente, “enquanto a *Interbau* é realizada com vista a construir ‘a cidade do amanhã’ numa área urbana claramente delimitada, a IBA pretende lidar com a cidade real e integrar a exposição nas contradições inerentes a Berlim.”¹¹⁸

Na época, Berlim foi uma entidade em construção constantemente afetada por processos de destruição e ampliação. Josef Paul Kleihues, um dos diretores da IBA (*Internationale Bauausstellung*) e da secção Neubau, propôs uma estratégia que chamou de ‘*Kritische Rekonstruktion*’ (Reconstrução Crítica). Tratava-se de reconstruir o tecido histórico, as suas tipologias e a sua escala, mas com uma arquitetura contemporânea.”¹¹⁹ A vontade de reconstruir criticamente Berlim, de regressar à sua história, aos seus dilemas, às suas polémicas, reavaliando e debatendo os seus resultados, foi uma alusão direta ao conceito de planeamento urbano ‘Reconstrução Crítica’ que constituirá um princípio fundamental no futuro planeamento urbano da cidade.

Em 1982, Klaus Pascal Schoning escreve o texto “*Wall City*” onde salienta “que os responsáveis da IBA devem assumir a presença do Muro, devem apresentar propostas imbuídas de uma forte carga social, política, ideológica, económica, histórica e estética, a questão coloca-se como lidar com a presença da ‘memória do Muro’.”¹²⁰ A exposição teve como principal objetivo experimentar novas estratégias de intervenção na cidade existente, procurando um amplo debate sobre as formas de intervir em contextos urbanos consolidados. A abordagem da IBA, face a estruturas espaciais consolidadas, foi um programa de melhoria do tecido urbano, que se baseia na conciliação do velho com o novo remetendo a espacialidades passadas e que simultaneamente, incorpora novas correntes definições de espaço e uso públicos. (fig.20) Também contribuiu para uma reviravolta do resultado no planeamento urbano de Berlim oeste, “especialmente em Kreuzberg, uma área da cidade que foi revitalizada, dada à sua localização fronteira com Berlim leste, tendo sido poupada da demolição total.”¹²¹

¹¹⁸ Pedro Baía, “Tragic New Berlin”, p.69

¹¹⁹ P. Baía, et al, “Berlim: Reconstrução crítica”, p.47

¹²⁰ Pedro Baía, op. cit., pp.68-69

¹²¹ P.Baía, op.cit.



Fig. 21 “Keith Haring a pintar o Muro de Berlim”, fotografia de “*Der Himmel uber Berlin*” filme de Wim Wenders, (1987).

A 'Reconstrução Crítica' enquanto planeamento urbano da IBA, pode ser resumida em algumas regras fundamentais e 'prescrições arquitetónicas'¹²²:

- cumprir o traçado urbano antes da guerra de Berlim; "o tecido urbano histórico e respetivos eixos, alinhamentos e praças devem ser respeitado ou reconstruído"¹²³;
- manter o perímetro e alinhamento dos quarteirões berlinenses; deve-se construir um edifício por lote, com carácter urbano, cuja dimensão máxima permitida é a dimensão do quarteirão;
- "cumprir a cércea de 5 a 7 pisos (18 a 22 metros); a cércea máxima dos edifícios deve ser de 22 metros (altura dos beirados) sendo permitido, acima deste limite, pisos recuados segundo um ângulo de 60 e cércea máxima de 30 metros (altura das cumeeiras) "¹²⁴;
- grandes quarteirões devem ser divididos de modo a proporcionarem quarteirões de dimensões menores.

A imagem desta cidade distingue-se, então, por uma estética do inacabado ou expressão dos materiais sem acabamento. Paredes laterais e alçados posteriores de edifícios desnudados por quarteirões fragmentados e completamente abertos, habitualmente ocultos por outros edifícios. Logo, em exposição ficavam as empenas cegas, que acabaram por ser aproveitadas para a exaltação de valores artísticos de comunicação através do desenho livre, o grafiti (fig.21).

Quanto ao Muro, a grande superfície em branco, virada ao ocidente ofereceu uma oportunidade única de manifestação política, que "constitui, por si só, uma violação do limite estabelecido. Uma simples pintura assume assim um significado de resistência, de revolta, de indignação."¹²⁵

¹²² Consultado em Pedro Baía, "*Tragic New Berlin*", p.100

¹²³ STMMANN, H., "Urban design and architecture after the wall" in AAVV, BALFOUR, A. (ed.), *World Cities - Berlin*, 1995, p.51;

¹²⁴ AAVV, STIMMANN, H./ BURG, A. (ed.s), *Downtown Berlin Mitte, Building the Metropolitan Mix*, 1995, p.13;

¹²⁵ Pedro Baía, "*Tragic New Berlin*", pp.49-50

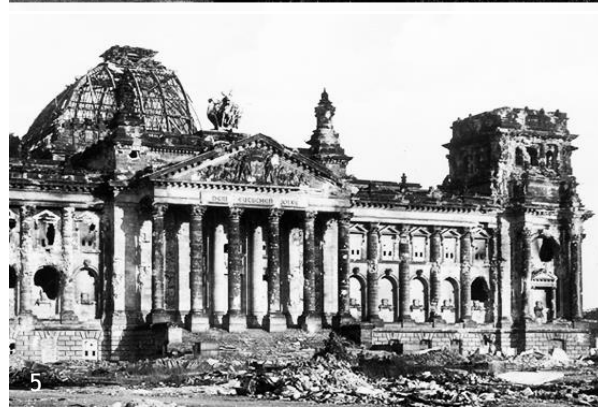


Fig. 22: 1 - Museu Judaico de Arq. Daniel Libeskind, 2 - Postdamer Platz; 3 - Memorial e Museu do Holocausto de Arq. Peter Eisenman; 4 - Cúpula do 'Reichtag' (Parlamento) de Arq. Norman Foster; 5 - O 'Reichtag' antes e após a renovação.

A IBA foi dividida em dois departamentos: a ‘Altbau’-IBA (reabilitação) coordenada por Hardt-Walther Hamer e a ‘Neubau’-IBA (construção de raiz) coordenada por Josef Paul Kleihues; ambos com problemas distintos mas procuraram “preservar a área residencial das zonas mais degradadas do centro urbano, preservando o tecido social e urbano original.”¹²⁶

O objetivo da ‘Altbau’ consistiu “na reabilitação da área de Kreuzberg, com uma população maioritariamente composta por jovens, artistas e emigrantes de origem turca.”¹²⁷ Este bairro, constituído por edifícios do séc. XIX, que não foram destruídos pela guerra, “sofrem apesar de tudo um elevado estado de degradação física e social provocada pela proximidade do Muro.”¹²⁸

Hardt-Walther Hamer pretendeu melhorar as condições dos edifícios, definindo como prioritária a manutenção da coexistência típica de Kreuzberg, e a reabilitação e aumento do número de equipamentos, com vista a melhoria das condições e qualidade de vida dos habitantes deste bairro. Estes envolveram-se no processo Altbau, com a tomada de decisões, incentivadas e motivadas pelo processo do ativismo político desta comunidade. O Arq. Álvaro Siza sobejamente conhecido, devido ao sucesso alcançado através do processo de projeto desenvolvido no SAAL (serviço de apoio ambulatorio local), foi convidado a participar nesse envolvimento.

Como reação ao Movimento Moderno, a Neubau surgiu como um conjunto de medidas que privilegiam a reconstrução do tecido histórico anterior, através de uma linguagem contemporânea, mantendo a sua forma urbana. Dedicava-se à construção nova cuja intervenção teve lugar em quatro áreas urbanas, onde os sinais da guerra são ainda visíveis. Josef Kleihues pretendeu o confronto de diferentes abordagens no sentido de dotar a paisagem urbana com uma maior variedade de edifícios concebidos por diversos arquitetos com práticas, nacionalidades e gerações diferentes. Algumas obras emblemáticas da ‘Nova Berlim’ são: a reconstrução da Potsdamer Platz (fig.22.2); o Museu Judaico do Arq. Daniel Libeskind (fig.22.1) e o Monumento do Holocausto do Arq. Peter Eisenman (fig.22.3) que “são literalmente o desenho das cicatrizes de Berlim, agora já sobre a forma de memorial”; o ‘Reichtag’ (o Parlamento) renovação do Arq. Norman Foster (fig.22.5) e uma nova cúpula que oferece a “oportunidade de ‘usufruir um esmagador panorama de conjunto da cidade de Berlim’, uma experiência de domínio pan-óptico e plenitude de visão.”¹²⁹ (fig.22.4); o edifício que ficou conhecido como ‘*Bonjour tristesse*’, de Álvaro Siza “é o monumento mais eloquente da tentativa de apaziguamento do ‘edifício’ contextual, é a negação de qualquer heroicidade, moderna ou nacionalista, uma espécie de normalidade.”¹³⁰

¹²⁶ Pedro Baía, “*Tragic New Berlin*”, p.70

¹²⁷ Ibid., loc. cit.

¹²⁸ Ibid., loc. cit.

¹²⁹ P. Baía, *et al*, “Berlim: Reconstrução crítica”, p.50

¹³⁰ Ibid., op. cit., pp.42-43



Fig. 23 Media Spree: 1 - Fotografia aérea das margens do rio Spree e algumas novas intervenções (*Eierkühlhaus* (armazém de frio de ovos) no *Osthafen* (Porto a leste) e o *Eisfabrik* (Fábrica de gelo), bem como a *East Side Gallery*); 2 - Planta de localização do desenvolvimento urbano representadas a laranja e amarelo, nas margens leste e oeste do rio Spree em Kreuzberg e Friedrichstain, respetivamente.

4.3.3 “Media Spree”

A área situada entre as margens leste e oeste do rio Spree, integrada nos bairros Kreuzberg e Friedrichshain, respetivamente, foi principalmente ocupada pela indústria e comércio entre o séc. XIX e XX. Albergadas pelos antigos portos de ‘East Harbour’ e de ‘Osthafen’, com extensas instalações de armazenamento cereais e bens, os edifícios foram usados pela ‘Wehrmacht’ (Forças Armadas Alemãs) entre 1939 e 1945. O porto serviu como um centro de expedição de mercadorias, tanques e outras munições que foram atendidos na antiga garagem de autocarros e atual espaço de eventos da ‘Arena-Berlim’ no parque *Treptower*. Mais de 150 trabalhadores estrangeiros e prisioneiros de guerra trabalhavam nas instalações do antigo porto.

Grandes porções dos edifícios foram destruídas após a guerra e até 1947, foram apreendidas e usadas pelos soviéticos durante a época da Guerra Fria. Esta área ficava no meio da zona fronteiriça entre Berlim-ocidental e oeste, o que impossibilitava o desenvolvimento comercial. No lado da RDA, partes dos edifícios industriais foram transformadas em torres de vigilância para a segurança das fronteiras.

O Muro de Berlim desenvolveu-se paralelamente ao longo da margem norte do rio Spree, que marcava a fronteira oficial.

Após esse período uma seção da parede cerca de 1,3 km de comprimento da parede, não foi demolida, mas sim projetada e pintada por artistas desde 1990, conhecida agora pela “’*East Side Gallery*’ a mais longa galeria ao ar livre do mundo”.

A reestruturação de toda esta área começou lentamente. As renovações da estação de comboios de ‘*Ostbahnhof*’ começaram em 1998, reabrindo em 2000, e muitas propriedades não utilizadas foram compradas por investidores. Iniciou-se, em 2002, um processo decisivo com a aprovação Senado de Berlim, um plano de desenvolvimento dos terrenos, e o avanço do projeto denominado por “*Mediaspree*” (fig.24).

Integrante no processo da Neabau-IBA, foi uma grande oportunidade para a antiga Berlim-oriental e a ‘Nova Berlim’.

Atualmente este representa um dos maiores projetos de investimento imobiliário na cidade, com o objetivo estabelecer “empresas de telecomunicações e de média ao longo de uma secção das margens do rio Spree, bem como implementar uma renovação urbana da área circundante (...) a maior parte dos imóveis deverão ser convertidos em edifícios de escritórios, *lofts*, hotéis e outras novas estruturas.”¹³¹

¹³¹ *Senate department for urban development and the environment, archive “Development of berlin’s waterfront locations, the banks of the spree in kreuzberg and friedrichshain”*

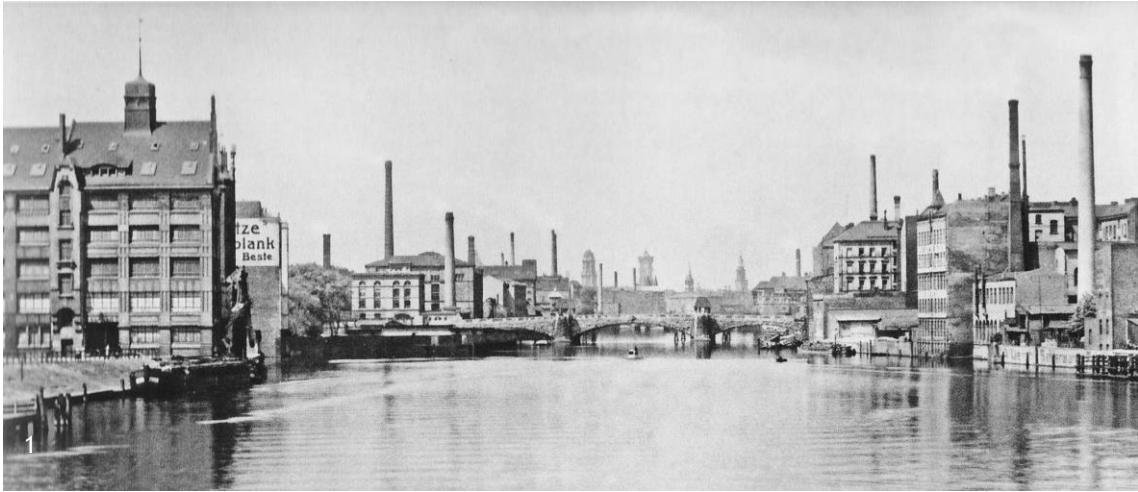


Fig. 24 Rio Spree: 1 - Margem Leste Rio Spree Livro Kreuzberg 1989; 2 - Estação de comboios Osthan (2012); 3 - Antigo porto Der Osthafen 1913; 4 - Margem Leste Rio Spree Da esq para a direita "VSI Spreepeicher" "2c Spreequartier"; Universal Music; Hotel "Nhow Berlin"; Coca-cola Gmbh;

No âmbito dos objetivos da ‘Neabau’, perspectiva-se então um projeto complexo para colocar Berlim na rede das cidades globais. Trata-se de uma ambição difícil “o atraso de Berlim, apresenta um forte contraste desde o pós-guerra no mercado global (...) a Alemanha assume um enorme investimento financeiro na estratégia da nova capital.”¹³²

Assim a ‘Nova Berlim’ surge num ambiente recente de grande expectativa, “transformando-se num impressionante cenário de construção (...) uma rede imensa de guias desenha a *skyline* da cidade, marcando uma época no seu imaginário.”¹³³

Por outro lado e de acordo com o exposto, desenvolve-se também uma crítica à política de gentrificação contemporânea centrada em Berlim, que é no entanto exemplificada por este processo ‘Mediaspree’. Revela-se uma condição paradoxal dos seus objetivos que visam centralizar a cultura musical ao longo do rio Spree, através da homogeneização do tecido urbano. Compreende-se segundo esta visão uma sensibilidade “nostálgica de um tecido urbano baseado em princípios históricos, que o projeto Mediaspree elimina o carácter heterogéneo da área proporcionada pela sua natureza ‘palimpséstica’, oferecida pelas suas características de ruína, prejudicando ou dificultando assim o esforço criativo.”¹³⁴

¹³² Pedro Baía, “*Tragic New Berlin*”, p.90

¹³³ *Ibid.*, loc. cit.

¹³⁴ Stuart Bacon, Dissertação “*Ruinous Heteropia*”, p.77



Fig. 26 Mapa dos limites dos distritos da cidade de Berlim e especificamente os limites entre os bairros Kreuzberg e Friedrichshain.



Fig. 25 Vista aérea da margem sul do rio Spree e a ponte *Oberbaum* que une o bairro Kreuzberg e Friedrichshain; observa-se à esq. o vazio conhecido por 'Cuvry-Brache'.

Capítulo 5 - O Bairro de Kreuzberg



Fig. 27 Ambiente do bairro Kreuzberg-Leste: 1- Vão de entrada para um 'Hofe'; 2- Paredes grafitadas; 3- empina cega grafitada; 4- Multiculturalidade, população de diferentes nacionalidades; 5- Portas grafitadas dos edifícios;

5.1 Situação atual

5.1.1 Caracterização morfológica

Durante o RDA, este bairro fez parte da antiga Berlim-ocidental, dividida a partir dos bairros 'Friedrichshain' e 'Mitte', e pelo rio Spree, bem como pelo Muro de Berlim. O leste de Kreuzberg assistiu fortemente aos dois eventos de guerra, em grande parte bombardeado e reconstruído.

Entretanto, foi mais afetado pelos planos de desenvolvimento dos anos 50 a 70, transformando-se num bairro ao longo dos anos demasiado denso e habitado, e por consequência semelhante a uma favela. Visto a existência de alojamento barato em Kreuzberg leste "a classe burguesa não se instalou nestas áreas"¹³⁵, atraído por estudantes, artistas e ativistas bem como radicais políticos e imigrantes.

Na Alemanha nos anos 70, era inegavelmente visível a discriminação oficial e cultural de habitação pela qual o movimento migrante '*Kanak Attak*' expressava a desfaçatez em direção à "cultura do diálogo" que se tornou num tema mais utilizado do multiculturalismo como resposta. Ou seja, "as mudanças sucessivas das políticas de imigração e debates de integração afetavam a vida dos 'trabalhadores turcos convidados' que preenchiavam a escassez de trabalho da Alemanha Ocidental"¹³⁶ (fig.27.4).

J.P. Lacaze define a ocorrência da "voga do urbanismo participativo (...) forma de uma contestação dos mecanismos de poder, confirmando assim o papel essencial dessa maneira de analisar os problemas da cidade."¹³⁷ Assim, as associações de habitantes adquiriram "o hábito de contestar os projetos preparados pelos especialistas e pelos eleitos"¹³⁸, tornando-se ativas no sistema decisório.

Em 1973, "os turcos formaram a maior porção da população imigrante na Alemanha (23 %), seguido por iugoslavos (17 %) e os italianos (16%). Pouco antes da queda do Muro, 12,5 % da população de Berlim Ocidental de dois milhões, (...) metade dos quais eram supostamente turcos."¹³⁹ Na borda do Muro de Berlim, o Senado tinha denominado ao bairro de Kreuzberg por '*The German Harlem*' como um bairro turco, assim caracterizado por alguns jornais. A população "era composta por quase 50% de estrangeiros, que eram predominantemente turca (...) e ocupas alemães, que ilegalmente habitavam os edifícios abandonados."¹⁴⁰

¹³⁵ Pedro Baía, "*Tragic New Berlin*", p.45

¹³⁶ Esra Akcan, "*A building with many speakers*", p.91

¹³⁷ Jean-Paul Lacaze, "A cidade e o urbanismo", p.61

¹³⁸ Ibid., loc. cit.

¹³⁹ Esra Akcan, *ibid.*, p.92

¹⁴⁰ Ibid., pp.95-96



Fig.28 Espaços verdes e pátios interiores dos quarteirões a preto, área Kreuzberg-leste, Berlim.

Contrariamente delineou-se um conjunto de estratégias urbanas e arquitetónicas para melhorar a situação habitacional da população emigrante, integrado no programa da Altbau. Entrelaçar o planeamento físico com o planeamento social, de modo participativo para zelar pelos direitos dos inquilinos, e assim promover a paz e democracia.

“Quem queria conhecer Berlim tem que conhecer Kreuzberg também. E encontra uma bizarra espécie de caos, desenvolvimento urbano empilhado: novos edifícios da IBA ao lado de velhos e gastos cortiços pisos de fábricas e garagens atrás de velhos edifícios que foram extintos.”¹⁴¹

O estado atual do bairro Kreuzberg “manteve a sua distinta identidade sendo oficialmente um bairro único com o seu vizinho ‘Friedrichshain’ a norte-oriental.”¹⁴² Existe agora “uma comunidade emigrante de 100.000 turcos”¹⁴³. De modo oposto aos outros bairros populares de Berlim, a originalidade da zona é dada pela mistura de habitação de carácter industrial transformada e pelo existente pequeno artesanato. Salienta-se assim uma cultura imigrante do leste de Kreuzberg, bem como uma lendária vibração boémia e um sentimento do “ ‘Wall Power’, um poder *underground*, alternativo ao crescente materialismo consumista.”¹⁴⁴

Tal como a própria cidade de Berlim, Kreuzberg é um bairro de contrastes. Espaços bem diferentes de Berlim Leste, como o de Berlim Oeste. Dentro dos seus limites, a leste permanece um ambiente de atitude ‘punk’ e artística onde se misturam com a grande população de imigrantes da área. Evidentemente, para oeste um certo nível de gentrificação tem-se assumido, mas apesar de o aumento dos preços Kreuzberg Oriental “parece confortável exatamente onde se situa como uma meca alternativa, as ruas cobertas de grafiti, pontilhada com lojas de música e barracas Kebab em igual medida.”¹⁴⁵ A área tem muitos pontos atrações turísticas importantes, como o ‘Museu Judaico’, o ‘Checkpoint Charlie’ e a sul o icónico antigo ‘aeroporto Tempelhof’.

Logo Kreuzberg é um dos bairros com maior densidade de construção em Berlim e, ao mesmo tempo, o mais bem fornecido por espaços verdes e equipamentos e serviços sociais de todo o tipo (oferta de restauração multicultural, comércio e bares alternativos).

A configuração da interioridade de alguns quarteirões junto ao rio, exprimem a métrica dos ainda existentes ‘pátios berlinenses’. Manteve-se alguma forma urbana de Berlim (século XIX) de edifícios de cinco pisos, dispostos em torno de uma rede de pátios internos e espaços comuns. Este são espaços comunitários com jardins delimitados por empenas cegas, indicam as ausências que compunham o anterior tecido urbano. Atualmente, estes espaços desempenham funções de apoio, de carácter doméstico: ponto de recolha de lixos,

¹⁴¹ Marianne Suhr, “*Urban Renewal Berlin: experience, example, prospects*” (1991), p.56

¹⁴² *Local Life*, “*Kreuzberg District in Berlin*”

¹⁴³ Pedro Baía, “*Tragic New Berlin*”, p.45

¹⁴⁴ *Ibid.*, loc. cit.

¹⁴⁵ *Local Life*, op. cit., loc. cit.

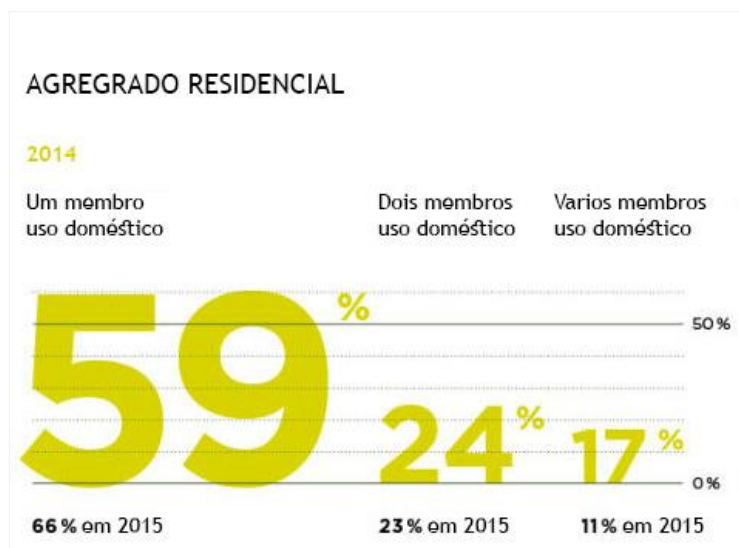
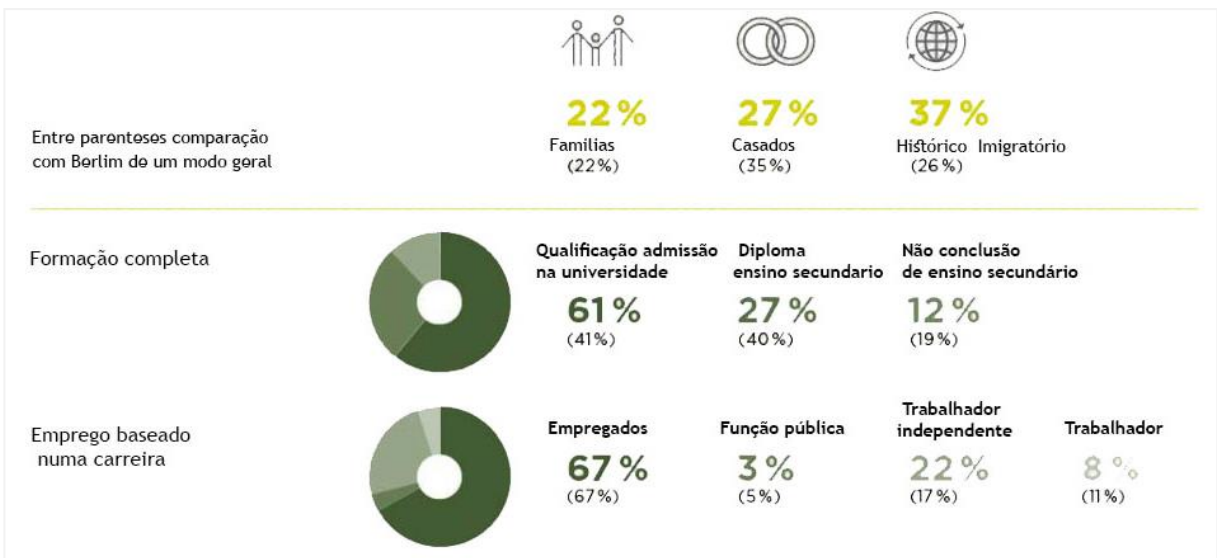
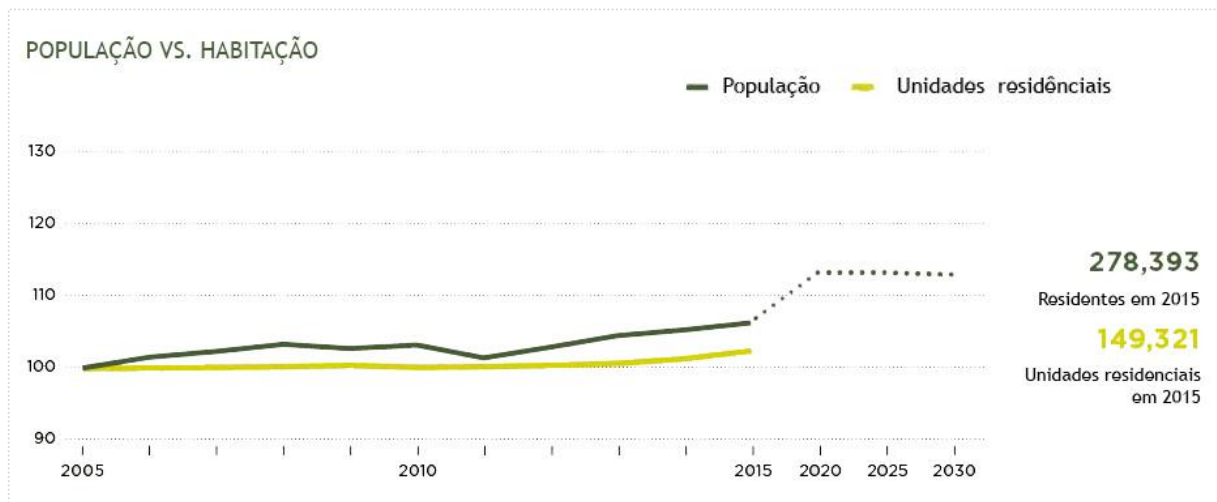


Fig.29 Dados estatísticos do Departamento de estatística de administração do Senado de Berlim, para o desenvolvimento urbano e meio ambiente, indexado do inventário populacional e habitacional, entre 2005 a 2015.

estacionamento de bicicletas, entrada para os acessos verticais e à diversa sucessão de pátios, de grande densidade construtiva (fig.27.1).

De acordo com análise e descrição anterior, verifica-se que na área de estudo existe uma diversidade de edifícios de entretenimento na margem leste e na margem oeste serviços como restauração, edifícios de culto como igrejas, comerciais, industriais e habitacionais. Também observa-se uma ponte viária e férrea, que unifica ambos os lados, outrora limitados pela 2ª Guerra Mundial.

De acordo com o mapa da fig.28, confirma-se que existem diversos acessos que transpassam a linha férrea e se unem à estrada principal na rua de Schlesische e a zona de estudo, localizada na rua Cuvry.

Segundo, o ‘Departamento de estatística de administração do Senado de Berlim’, para o ‘Desenvolvimento urbano e meio ambiente’, procedeu-se a um estudo indexado do inventário populacional e habitacional, entre 2005 a 2015, tendo-se verificado o seguinte:

- No Gráfico ‘população vs. habitação’, o crescimento da população abrandou, visto que praticamente quase nenhum espaço habitacional está disponível. No entanto, está previsto um novo surto de crescimento de 6.7% em 2020, que irá manter a situação no mercado imobiliário (fig.29);
- No gráfico ‘agregado residencial’, a proporção de um utilitário doméstico está a cair precipitadamente, mas ainda mantém um nível elevado. Fazendo uma comparação do número de elementos do agregado familiar de 2005 a 2014 (fig.29), conclui-se que existe uma necessidade crítica de habitação.

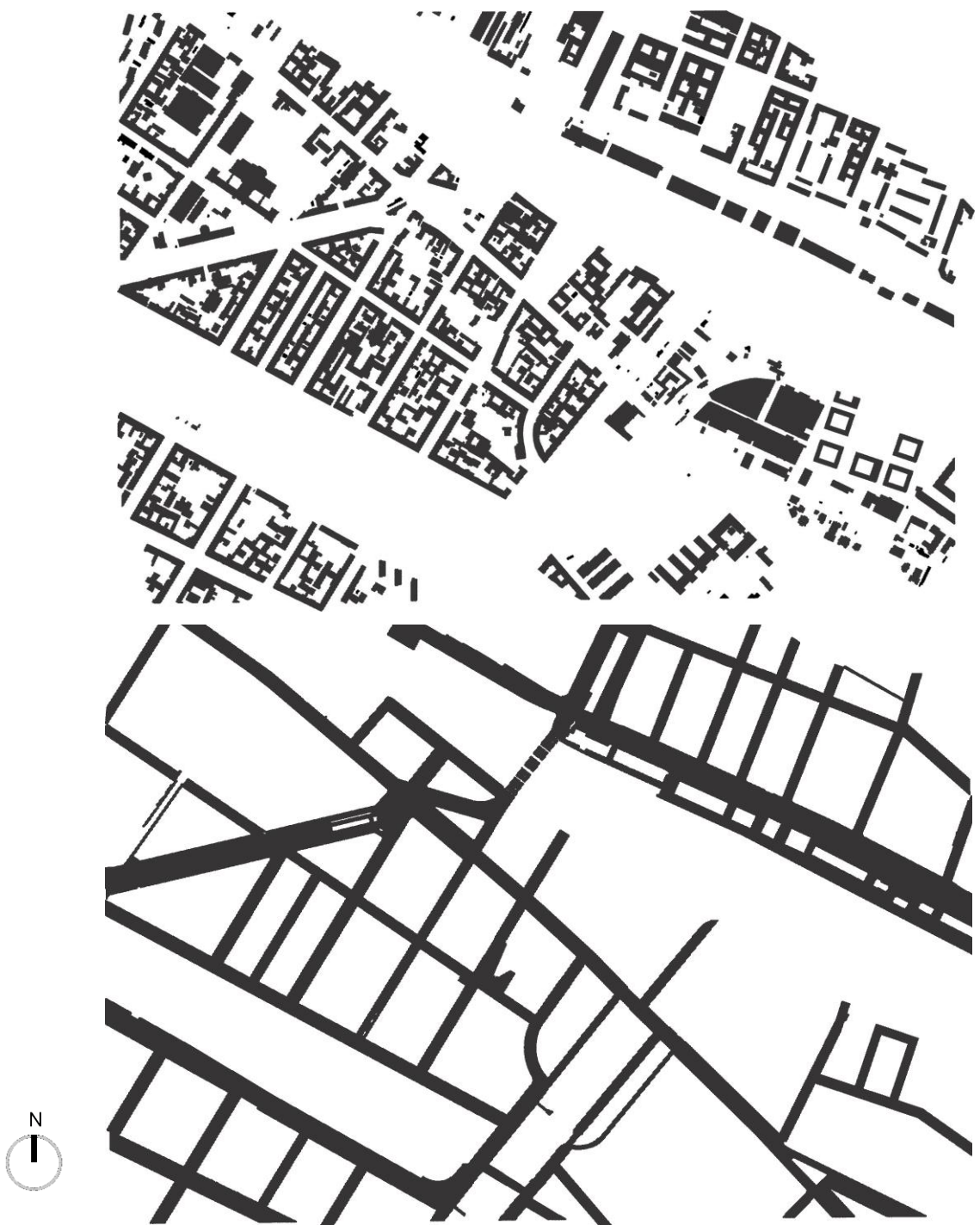


Fig.30 Cheios e vazios entre o edificado e as várias vias, área Kreuzberg-leste, Berlim.

5.1.2 Vazio expectante

Berlim como palimpsesto “implica vazios, elegibilidades e coisas apagadas, mas também oferece uma riqueza de restos e memórias, restaurações e novas construções.”¹⁴⁶ Na complexa relação contemporânea entre o desenho construído da cidade e os acontecimentos como experiências individuais ou coletivas espontâneas, vão-se anexando e preenchendo os espaços vazios. Neste sentido a “presença de vazios urbanos, de terrenos expectantes, de edifícios abandonados, passa a ser uma das imagens de Berlim (...) assombrada por um passado de destruição.”¹⁴⁷

Lugares aparentemente sem rumo, face ao poder homogeneizante da sociedade capitalista; a cidade planeia-se face ao aparecimento de um modo espontâneo dos vazios. Estes espaços desocupados, sem função e portanto residuais “têm a capacidade de adaptação a diferentes vazios urbanos ou terrenos baldios começaram a ser encarados como potenciais de acolhimento e resposta aos modos de vida emergentes e alternativos ao da cidade.”¹⁴⁸

Caracterizam-se por espaços públicos informais, “dinâmicos de reinterpretação temporal do espaço público que ocupam, que se põem em funcionamento segundo a ocasião.”¹⁴⁹ Existe portanto, uma nova abordagem do espaço público, “...a presença da ausência se faz sentir, mas abre simultaneamente portas para novas e mutáveis apropriações.”¹⁵⁰ Ignasi Solá-Morales questionou “como pode atuar a arquitetura no ‘*terrain vague*’ para que não se converta num agressivo instrumento dos poderes e das razões abstratas?”¹⁵¹ Respondendo da seguinte forma “é através da escuta atenta dos fluxos, das energias, dos ritmos que o passar do tempo e a perda de limites estabelecem.”

Para o presente estudo interessa-nos a dialética interior-exterior, tanto como público-privado, uma vez que o vazio em estudo situa-se no limite de um quarteirão. São pouco correntes os espaços espontâneos, lugares serenos, ocultos e sem função numa cidade como Berlim. Sublinha Wim Wenders que “as zonas mais atrativas são as que ninguém fez nada, considero qualidade de vida de uma cidade com possibilidade em existir essas lacunas de planeamento”¹⁵² (fig.30).

Com base no trabalho ‘Os espaçamentos ilegítimos ou a condição suburbana do Vazio’ desenvolvido por Cristina Cavaco, consideram-se relevantes dois tipos: o ‘vazio expectante’ também denominado por ‘*terrain vague*’ da contemporaneidade, “um espaço intersticial, normalmente uma grande área vaga ou vazia, no interior do espaço urbano consolidado, que se encontra em estado de obsolescência, mas em que este estado se contrapõe a uma certa promessa de oportunidade em potencial.”¹⁵³; e o ‘vazio interior coletivo’ como “espaços

¹⁴⁶ A. Huyssen, “*Present Pasts: Urban Palimpsests and Politics of Memory*”, p.49

¹⁴⁷ Pedro Baía, “*Tragic New Berlin*”, p.16

¹⁴⁹ Rem Koolhaas, et al. “*Mutaciones*” (2000), pp.427/428

¹⁵⁰ Ignasi de Solá-Morales, “*Territorios*”, (2002) p.126

¹⁵¹ Ibid., loc. cit.

¹⁵² Wim Wenders, “*Quaderns d’Arquitectura i Urbanisme - n.º177*” (1988), p.52

¹⁵³ Cristina Cavaco, “Os espaçamentos ilegítimos ou a condição suburbana do vazio” (2007)



Fig.31 “vazio interior coletivo”: 1- ‘Hackeschen Hofe’ 2016; 2- Quarteirão desfigurado, Berlim

privados que reinterpretem os valores espaciais tradicionais da cidade herdada.”¹⁵⁴

Habitualmente são grandes superfícies comerciais, espaços interiorizados que simulam um ambiente exterior, de ruas e praças, como por exemplo os ‘hofes’ berlinenses comerciais. São vazios híbridos que “procuram recriar a ambiência exterior sem perder o sentido de resguardo que só um espaço interior pode garantir.”¹⁵⁵

Define-se, portanto o quarteirão como vazio expectante compreendendo-o como um vazio intersticial, “um espaço descaracterizado e impessoal, em que se torna evidente a contradição entre o seu estado obsoleto e o seu grande potencial regenerador de uma urbanidade desaparecida.” Para Lamas o quarteirão é uma unidade morfológica da cidade, é “um contínuo de edifícios agrupados entre si em anel, ou sistema fechado e separado dos demais, (...) delimitado pelo cruzamento de 3 ou mais vias e subdivisível em lotes.”¹⁵⁶

Enquanto elemento operativo do bairro, também se concebeu um novo conceito para o quarteirão berlinense, em que o interior é como um espaço público apropriável, e com menor densidade de construção, ou seja, os pátios interiores denominados *hofes* (fig.31).

Por outro lado, consideram-se algumas noções poéticas vinculadas ao vazio, que para o Arq. Rem Koolhaas “ao mesmo tempo é uma mistura de oportunismo e de poesia, no sentido de (...) o que é significativo é que tanto dos nossos esforços sejam mal direcionados e que tentemos, com uma energia incrível, recuperar ou ressuscitar áreas da arquitetura que não são mais legítimas ou válidas.”¹⁵⁷ Isto é, deixar uma área vazia é muito mais fácil do que usar uma área e construir.

O vazio requer, assim, “uma supressão de toda a opressão, na qual a arquitetura tem um papel importante.”¹⁵⁸ É no entanto, uma qualidade importante completamente ignorada, especialmente pelos arquitetos. Rem Koolhaas afirma que cria uma aversão ao nada, mas que é muito importante que seja permitido e enfrentado, como arquitetos “somos doutrinados a nunca deixar que algo fique vazio, indeterminado ou sem solução.”

Atualmente, existe um grande renascimento do detalhamento, sendo portanto dada muita atenção “ao involucro do espaço, mas não ao espaço em si.”¹⁵⁹

¹⁵⁴ Cristina Cavaco, “Os espaçamentos ilegítimos ou a condição suburbana do vazio” (2007)

¹⁵⁵ Ibid., loc. cit.

¹⁵⁶ José Lamas, “Morfologia urbana e desenho da cidade” (2011), p.88

¹⁵⁷ Rem Koolhaas, “Conversa com estudantes”, p.61

¹⁵⁸ Ibid., loc. cit.

¹⁵⁹ Rem Koolhaas, op. cit., loc. cit.

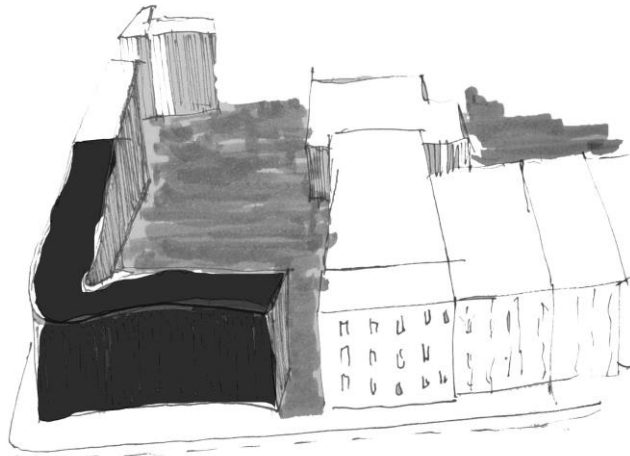
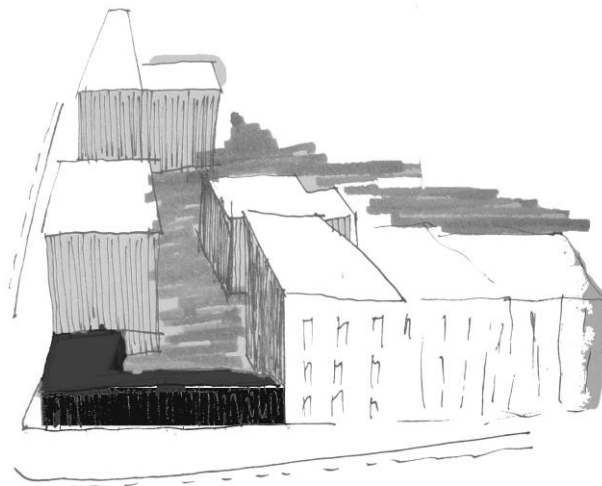
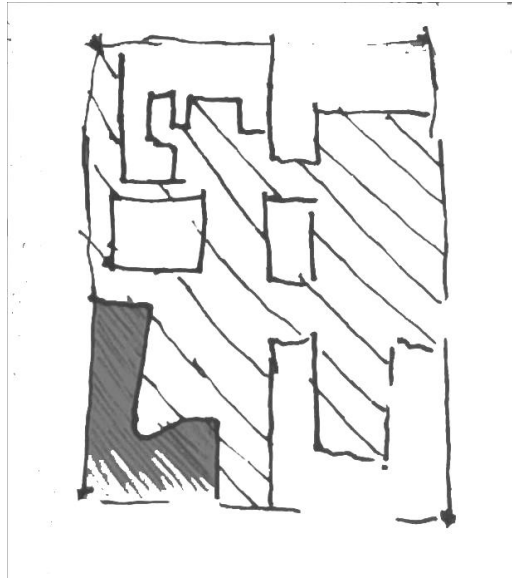


Fig.32 Esquema abstrato da planta e apropriação do edifício em gaveto 'Bonjour tristesse'.

5.1.3 Reinterpretações de quarteirões

Pretende-se neste ponto apresentar e fazer uma análise comparativa entre alguns exemplos de reinterpretações de quarteirões na cidade de Berlim, nos quais existem espaços vazios expectantes. Estes casos irão informar a proposta de reestruturação do quarteirão em Kreuzberg.

Entre as inúmeras possibilidades, os três exemplos escolhidos têm portanto, em comum a sua implantação num espaço devoluto integrante num quarteirão berlinense, ainda que seguindo critérios de diferenciação na apropriação. Os projetos ilustram os conceitos de destruição, reconstrução e reestruturação, que também estão presentes no estudo caso. A perspetiva de análise, aborda a forma como as soluções previstas reinterpretaram o quarteirão. Dois dos casos centram-se em edifícios de habitação e o terceiro de administração pública.

As soluções estão inseridas no contexto da IBA (*Altbau, Neubau, Media Spree*) descritos no capítulo 4 “A cidade resiliente”, e seguem garantidamente os critérios dos processos analisados na ‘Reconstrução Crítica’, que dentro da valorização das respetivas pré-existências, resultaram como aperfeiçoamentos das condições de habitar e irreverência de tornar emblemática a funcionalidade. Incluem uma ocupação física do quarteirão, na qual apresentam uma subversão da estrutura regular do seu interior.

Os três exemplos são: ‘*Bonjour tristesse*’ (fig.32), Quarteirão de ‘Schutzenstrasse’, e a embaixada holandesa.

Pretende-se fazer uma análise subtil, adaptar um modelo analítico gráfico e abstrato, destes exemplos como instrumento essencial de intervenção a concretizar na proposta apresentada nesta dissertação.

A - O edifício ‘*Bonjour tristesse*’ foi construído num quarteirão berlinense no bairro de Kreuzberg durante uma época em que era necessária a regeneração da cidade, ou seja na década de 80. Servindo “como uma contribuição subtil, mas marcante à identidade do pós-guerra da cidade.”¹⁶⁰ É relevante o cuidado com a solução no alinhamento da esquina do perímetro do quarteirão, uma vez que se trata de um edifício em gaveto. Este resultou de um projeto concebido pelo arquiteto Álvaro Siza que tem um lugar peculiar no desdobramento da IBA, como analisado anteriormente no capítulo 4 “A cidade resiliente” no período compreendido entre 1984-87. Antes da experiência na IBA, Siza estava a trabalhar no projeto participativo de habitação social SAAL (Serviço Ambulatório de Apoio Local), que o divulgou com o “espírito revolucionário de 1974 em Portugal, algo que reconhecidamente atraiu Hamers dirigente da Altbau, quando convidou Siza para as competições da IBA mais tarde.”¹⁶¹

¹⁶⁰ Denim Pascucci, traduzido por Eduardo Souza, ArchDaily Brasil, “Clássicos da arquitetura: Wohnhaus Schlesisches Tor (Bonjour Tristesse)/ Álvaro Siza Vieira + Peter Brinkert” (6-06-2016)

¹⁶¹ Esra Akcan, “A building with many speakers” p.102

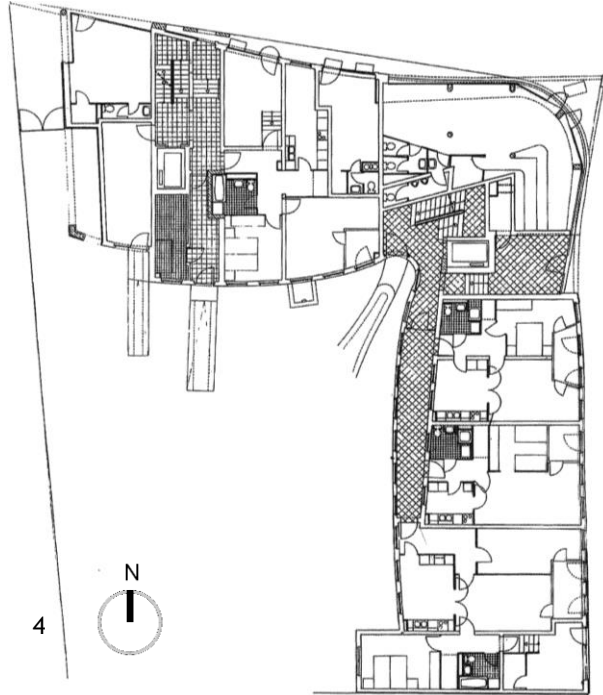


Fig. 33 Bonjour Tristesse: 1 - o estabelecimento comercial à direita na rua *Schleisische*, 1975; 2- edifício 'Bonjour tristesse' à direita; 3 - Fachada posterior do edifício; 4 - Planta do primeiro piso do edifício.

Está localizado na perpendicularidade entre a rua principal ‘*Schlesische Strasse*’ e a ‘*Flackenstein strasse*’ onde existia originalmente um espaço vazio entre os edifícios de ambos os lados, resultante da destruição da guerra que gradualmente foi ocupado por um estabelecimento comercial, com uma cércea não correspondente aos edifícios adjacentes do séc. XIX (fig.33.1). O estabelecimento foi demolido a fim de melhor atender à necessidade urgente de habitação no bairro, dando lugar a uma estrutura de sete andares que exhibe “fortemente a natureza contextual do trabalho de Siza, que é bem conhecido pela sua sensibilidade ao ambiente” (fig.33.2), num equilíbrio delicado entre o conhecimento contextual e a reconstrução crítica. Visualmente parece intrigante e contraditório, enquanto o cinza exterior é penetrado pelo padrão rígido das janelas densas, utilizado “para harmonizar com a envolvente da ordem e o ritmo típicos dos edifícios circundantes”¹⁶²(fig.33.3). A forma curvilínea “destina-se a ser uma referência para o expressionismo alemão, e, portanto para contrastar com o seu entorno.”¹⁶³ A aparência original é dada por essa justaposição característica da fachada contínua curva que conecta os edifícios adjacentes, gerando uma resolução do gaveto.

Trata-se de um edifício de uso misto que abriga funções comerciais ao nível do piso térreo e residenciais nos superiores. Inclui “quarenta e seis habitações com sete tipos distintos de um ou dois quartos que variam de 64 a 85 m², cinco lojas, e três lojas com habitação adjacente.”¹⁶⁴

No interior das unidades habitacionais Siza projetou um espaço vazio não identificado com acesso a partir da sala de estar, com uma utilização flexível, a ser preenchida de acordo com as escolhas dos residentes. Tendo em conta que a maioria dos residentes é muçulmana, e não sendo necessário a separação das mulheres, “propôs um espaço de dupla distribuição que pode ser aberta baseada na preferência do utilizador, algo criticado pelos arquitetos por ser anti funcional.”¹⁶⁵ No entanto “muitas famílias do edifício têm-no usado como um espaço para a prática religiosa ou um quarto para os filhos”¹⁶⁶ (fig.33.4). De acordo com mesma autora, este espaço vazio é uma das contribuições arquitetónicas cruciais de Siza em nome da participação ativa dos residentes na sua habitação. A denominação do projeto como ‘*Bonjour Tristesse*’ presta-se à marca de um grafiti que surgiu na parte superior da fachada frontal no final dos anos 80 “(...)e várias histórias sobre o seu autor não identificado acrescentam ao seu conteúdo enigmático.”¹⁶⁷ Os habitantes da cidade têm, evidentemente, “interpretado as suas fachadas brancas modernistas como um papel para escrever as suas próprias histórias. Quando não há uma esfera pública que represente os migrantes, as paredes sediam a suas vozes não autorizadas.”¹⁶⁸

¹⁶² Denim Pascucci, traduzido por Eduardo Souza, ArchDaily Brasil, “Clássicos da arquitetura: Wohnhaus Schlesisches Tor (Bonjour Tristesse)/ Álvaro Siza Vieira + Peter Brinkert” (6-06-2016)

¹⁶³ Ibid., loc. cit.

¹⁶⁴ Pedro Baía, “Tragic New Berlin”, p.99

¹⁶⁵ Esra Akcan, “A building with many speakers”, p.104

¹⁶⁶ Ibid., p. 106

¹⁶⁷ Ibid., p.107

¹⁶⁸ Esra Akcan, op. cit., p.109

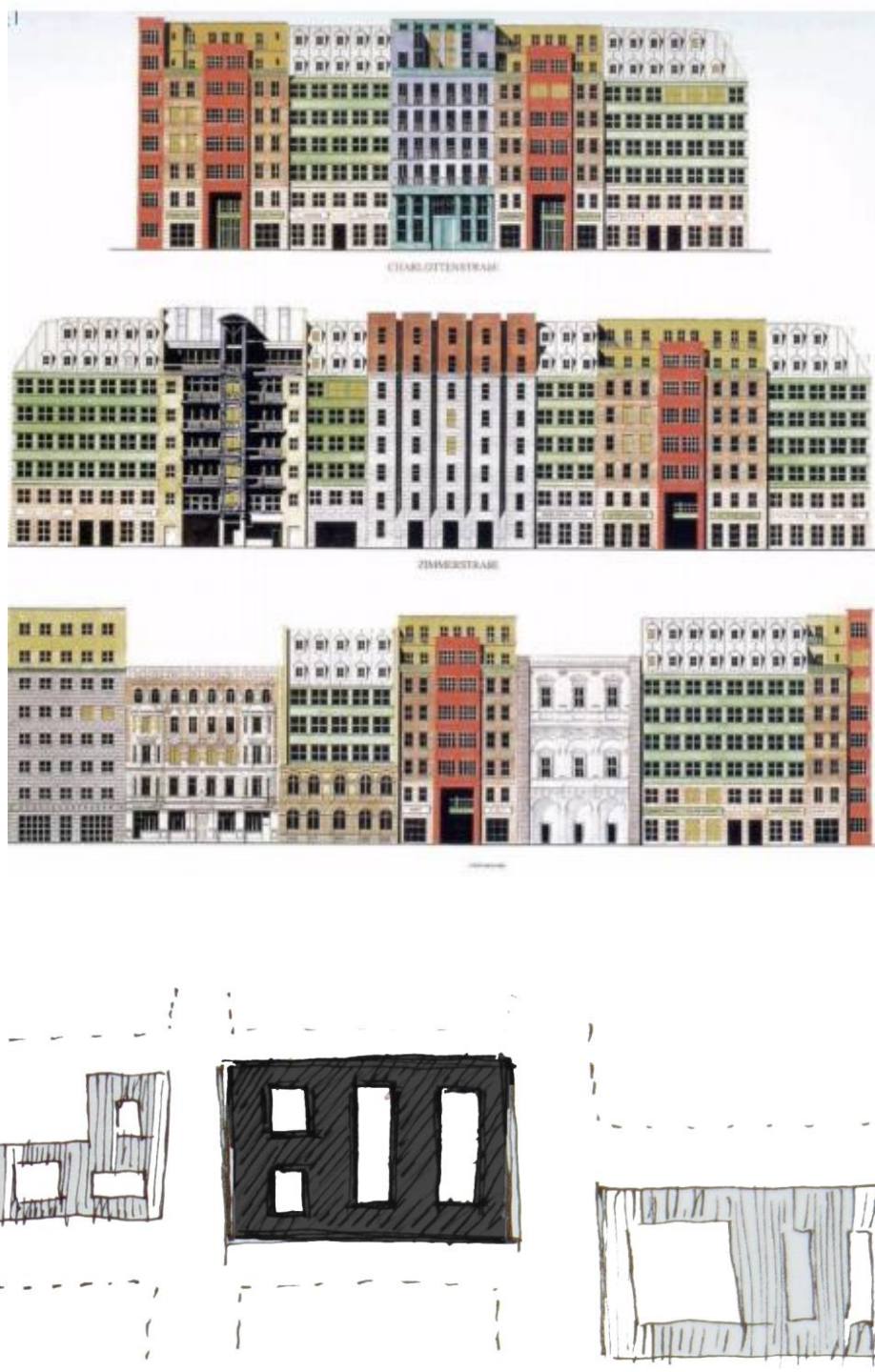


Fig. 34 Alçados rua Schützenstrasse, Markgrafenstrasse, Zimmerstrass e Charlottehnenstrasse (1994-98), em Berlin; esquema abstrato da planta de cobertura do *Quartier de Schützenstrasse*.

B- No quarteirão de '*Schutzenstrasse*' a preexistência em estado de ruína foi integrada na ampliação construtiva que se implantou de maneira a preservar a identidade e memória. Foi concluído em 1997, sendo um dos últimos trabalhos do arquiteto Aldo Rossi que foi incitado a criar uma nova arquitetura que se relacionasse com a paisagem urbana histórica. É considerado um caso de excelente contributo para a revitalização da cidade, sendo que as adversidades deixaram o terreno baldio do quarteirão, situado na área do bairro de Friedrichstadt. Consiste num quarteirão delimitado por ruas comerciais, que mantém uma certa conexão com os projetos monumentais realizados durante o período da IBA, na recuperação desta parte da cidade.

É inspirado numa colagem de ícones e arquétipos com vários outros edifícios de referência histórica. As distintas fachadas de cor intensa transmitem, assim “a sensação de ter sido projetado em diferentes momentos, por diversos arquitetos”¹⁶⁹ O arquiteto utilizou a estrutura urbana histórica na divisão dos lotes em pequenas parcelas inspirado nos quarteirões berlinense. Estes são organizados em torno de dois grandes pátios e dois menores que permitem a entrada de luz. É constituído por doze lotes com edifícios de oito pisos (dois deles pré-existent) acima da cota de soleira e quatro abaixo, sendo à semelhança do '*Bonjour tristesse*' de uso misto, residencial e comercial. A partir do exterior existem vários acessos ao interior do quarteirão, para os pátios, que cruzam longitudinal e transversalmente os edifícios.

Neste quarteirão, a articulação regular das fachadas, caracteriza-se por num exercício de multiplicidade de “formas que abundam com (...) cores e materiais, diferentes formas de janelas plástica de seções de saída e relutantes e uso frequente das águas-furtadas, (...) inspirada pelas cores da arquitetura antiga”¹⁷⁰ (fig.34).

¹⁶⁹ Pedro Baía, “*Tragic New Berlin*”, pp.106-107

¹⁷⁰ Marc Kocher, Luca Meda e Massimo Scheurer, “Unitá residenziale e commerciale, Schutzenstrasse, Berlim, 1992-1998”, Fondazione aldo rossi

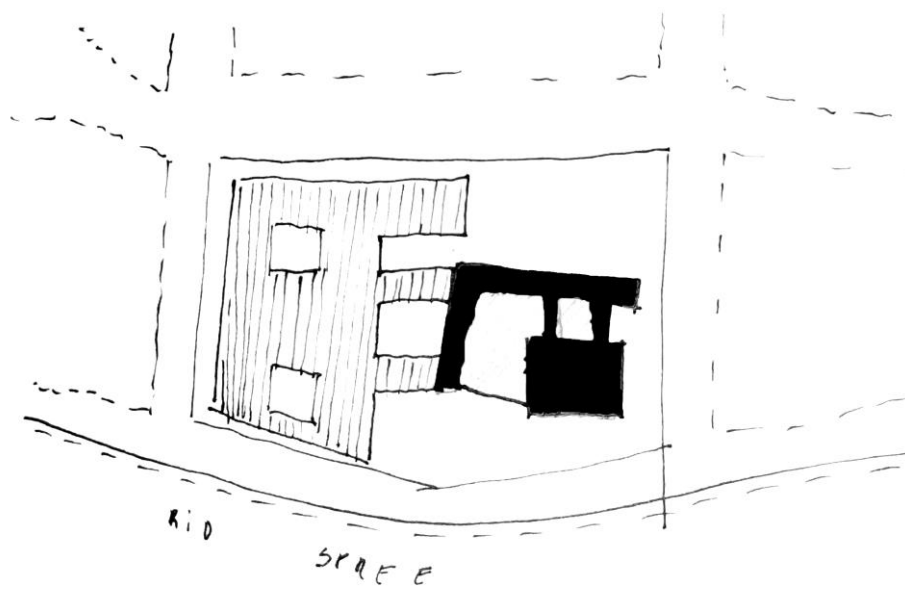
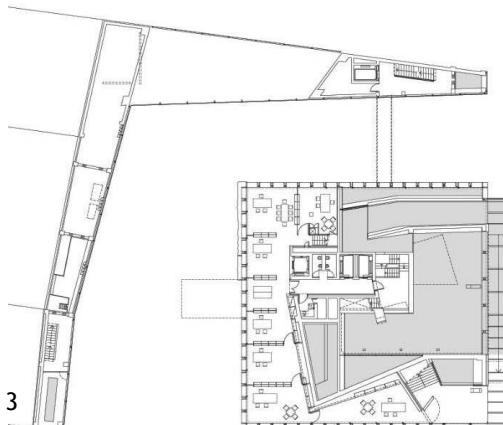


Fig. 35: 1 e 20- Embaixada Holandesa, março 2008; 3- Planta 7º piso; 4 - esquema do quarteirão com a representação da embaixada a preto.

C - O edifício da Embaixada Holandesa, situa-se num quarteirão do bairro Mitte, nas margens do rio Spree. Foi construído entre 1997-2003 e oferece uma oportunidade para refletir sobre “a dicotomia entre o antigo e o novo, com edifícios novos ocupando antigos territórios e espelhar no edifício as contradições daí decorrentes.”¹⁷¹ As regras urbanísticas à época, em Berlim exigiam que o novo edifício completasse o quarteirão de forma tradicional inspirado no século XIX. Neste caso “houve uma tentativa de encarar a questão da morfologia de uma forma séria, sem no entanto haver uma submissão do projeto a essa condição”¹⁷². As entidades responsáveis por fazer cumprir tais regras, mostraram-se abertos à proposta, permitindo a construção de “um cubo livre que se ergue num pódio capaz de fechar o quarteirão.”¹⁷³ (fig.35). Este facto possibilitou “explorar uma combinação de obediência (cumprindo o perímetro do quarteirão) e desobediência (construir um cubo solitário)”¹⁷⁴ como afirmou Arq.Rem Koolhaas.

A rua de acesso entre o ‘cubo’ da embaixada e o edifício residencial adjacente, atua como um pátio aberto de um lado para fornecer uma vista panorâmica sobre o rio Spree e o parque confinante, “sublinhando assim a importância do ‘emptiness’.”¹⁷⁵ A fim de enfatizar a diferença com os edifícios circundantes revestidos de pedra, as paredes das residências são revestidas a alumínio.

Este projeto foi distinguido em 2005 com o prémio Mies van der Rohe (‘Prémio de Arquitetura Contemporânea da União Europeia’) e a Arq. Zaha Hadid na qualidade de elemento do júri referiu à época que este edifício “constitui uma potente reconceptualização da noção de embaixada.”¹⁷⁶ Os restantes elementos elogiaram na obra “a qualidade da reflexão urbana e a inteligência do conceito desenvolvido, em especial ‘a trajetória’ interior inédita e as novas potencialidades que oferece este projeto de grande complexidade.”¹⁷⁷

Apesar de se encontrar na zona oriental, este edifício encontra-se separado pelo rio e por duas décadas do edifício ‘Bonjour Tristesse’ localizado na zona ocidental de Berlim em Kreuzberg. Pedro Baía considera que estas duas obras “evocam de forma lúcida e radical a história recente da cidade, ora cumprindo o angulo do velho quarteirão, ora expondo abertamente as suas ‘feridas’ interiores. Provam, enfim, que só poderá haver uma ‘terceira vida’ de Berlim, se ali continuar a existir liberdade para não esquecer, não apagar, não mimetizar.”¹⁷⁸

¹⁷¹ Isabel Salema, Jornal Público “Koolhaas ganha prémio Mies com embaixada em Berlim” (12-04-2005)

¹⁷² Pedro Baía, “Tragic New Berlin”, p.183

¹⁷³ Isabel Salema, op. cit., loc. cit.

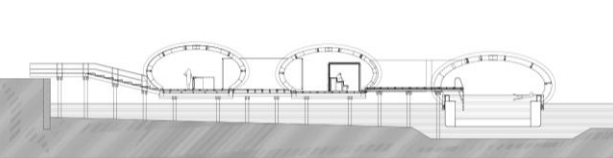
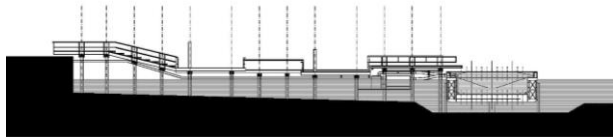
¹⁷⁴ Ibidem, loc. cit.

¹⁷⁵ Pedro Baía, op. cit., p.185

¹⁷⁶ Isabel Salema, op. cit., loc. cit

¹⁷⁷ Ibid., loc. cit.

¹⁷⁸ P.Baía, et al., “Berlim: Reconstrução critica”, p.97



1



2



Fig. 36 Badeschiff: 1 - Cortes transversais com cobertura de inverno 'Wilk Salinas'; 2- Perperspectiva com o rio,2004; 3- Verão 2010.

5.1.4 Água como elemento físico visual e simbólico

A presença do rio Spree, em Berlim não pode ser ignorada. Sendo esta uma cidade portuária ex-industrial, confere ao rio uma particular importância visto que separava a Berlim leste e oeste. Neste sistema territorial, não estamos apenas na presença de questões morfológicas. As diferentes características das estruturas de articulação implicam “determinados modos de ligação (...) determinados modos de ver (e perceber) a frente de água - a articulação física tem influência na articulação visual.”¹⁷⁹

Para além da conexão física, a integração passa também pela forma como a frente de água é apreendida nas cidades. Com efeito, não existe necessidade de estar fisicamente junto à água para usufruir das suas qualidades. A fruição da frente de água “resulta de uma correta integração das infraestruturas e dos elementos de rutura, potenciando ligações físicas ou apenas visuais.”¹⁸⁰ A exemplo de uma ligação física, a equipa de arquitetos AMP e a artista Susanne Lorenz organizaram um projeto de arte, sob a reflexão de pontes no contexto de elementos de conexão nas cidades. A intenção de “reintroduzir os berlineses ao rio, era uma tradição de banhos públicos (1906) onde havia onze áreas de natação.”¹⁸¹ Mas ao longo dos anos a poluição do rio tornou-se inadequada para esse efeito. Projetaram o ‘*Bladeschif*’ um tanque público flutuante constituído por uma praia e piscina ancorada no rio. Situado no Porto Oriental no bairro ‘*Treptow*’ vizinho a Kreuzberg permite acesso direto ao rio, complementado com uma ponte de madeira. Foi “ampliada a experiência do rio dentro da paisagem da cidade”¹⁸², (fig.36).

Assim sendo, as cidades “têm uma base para beneficiar dos seus elementos simbólicos na construção da sua identidade. E as cidades que possuem frentes de água contam com este valor adicional.”¹⁸³ Proporcionando espaços de lazer, transmitindo sentimentos de relaxamento e de repouso, a sua própria riqueza paisagística imprime uma dinâmica particular às cidades. Funciona como “espaço de descompressão, como um grande vazio, em contraponto ao cheio urbano.”¹⁸⁴ Esta articulação entre a cidade e a frente de água, “representa a concretização da complementaridade natural entre 2 elementos.”¹⁸⁵

Andreas Huyssen filólogo, da noção de ‘cidade-texto’, é “particularmente sensível ao facto de as autoridades da ‘Nova Berlim’ não valorizarem os vazios da cidade, carregados de memória, como páginas em branco.”¹⁸⁶ Considera que o “apagar da toponímia da cidade leste, dos seus momentos, faz parte de uma política do esquecimento e, ao mesmo tempo, de uma política de reconstrução de uma memória, ou seja, na busca de uma identidade desejada.”¹⁸⁷

¹⁷⁹ A. Rita Ochoa, “Cidade e frente de água - Papel articulador do espaço público”, p.271

¹⁸⁰ Idem, revista online ‘Museu de Lanifícios- UBI’ “Cidade e frente de água: ligações físicas, visuais e simbólicas”

¹⁸¹ Kyle James, *Deutsche Welle* “A pool with a view” (22-08-2004)

¹⁸² Susanne Lorenz, “*The Spreebrücke (Badeschiff)*” (2004)

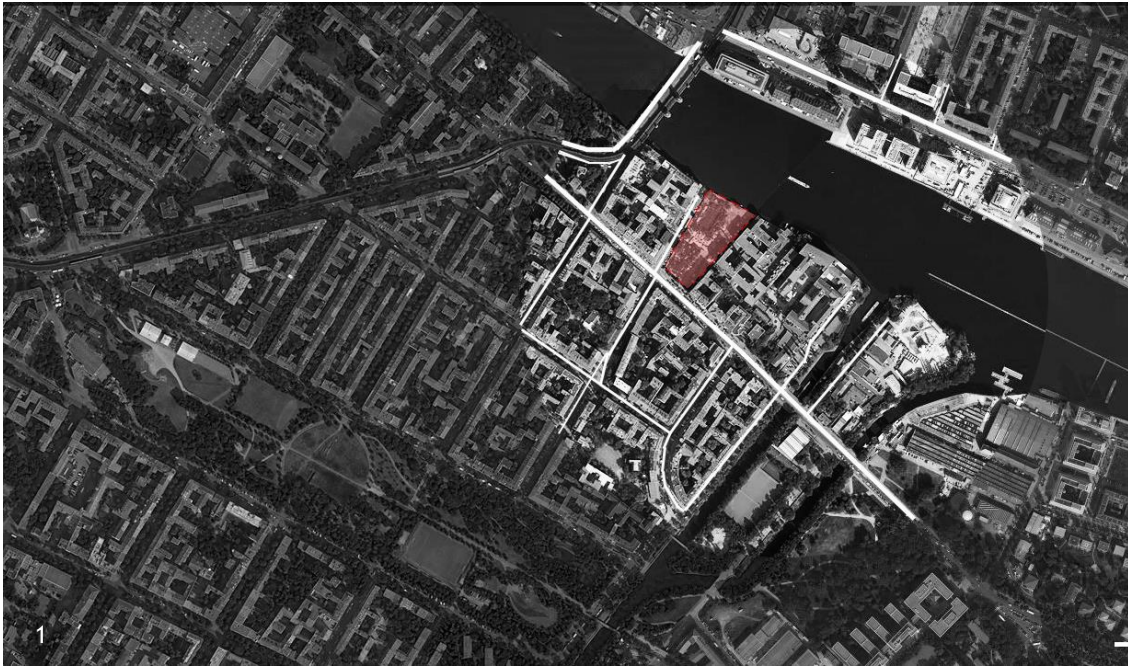
¹⁸³ A. Rita Ochoa, “Cidade e frente de água - Papel articulador do espaço público”, p.279

¹⁸⁴ Ibid., p.280

¹⁸⁵ Ibid., p.281

¹⁸⁶ Pedro Baía, “*Tragic New Berlin*”, p.112

¹⁸⁷ Ibid., op. cit., pp.115-116



2

Fig. 37 Cuvrystrasse: 1- Fotografia aérea do vazio existente 'Cuvry-Brache' assinalado a vermelho, Berlim 2010; 2- Fotografia a partir do vazio onde se observa a fábrica Industriepalast vizinha e o rio Spree adjacente, 1970.

5.2 O Quarteirão: projeto de reestruturação

5.2.1 Caracterização ‘Cuvry-Brache’ local de intervenção

Existe um local particular que se destaca na densidade construtiva do bairro Kreuzberg, onde se fazem sentir os efeitos negativos do processo de gentrificação. Localizado na esquina entre as ruas *Cuvry* e *Schlesische* (a rua principal do bairro a leste), é um terreno devoluto com cerca de 10.000m² privilegiado pelo limite e vista sobre o rio Spree (fig.37). No lado oposto das ruas, sobre o lado comprido da sua forma de trapézio, estão adjacentes três empenas cegas do edifício da antiga fábrica ‘*Industriepalast*’ (Palácio da Indústria) e o atual ‘*Hofe am Osthafen*’, cinco pátios comerciais. Conhecido em Berlim por ‘*Cuvry Brache*’, isto é ‘O baldio da *Cuvry*’, ilustrou diferentes tipos de manifestações de ocupação.

Esta área é parte de uma controversa especulação de investidores incluídos no projeto Mediaspree. Ao longo do rio foram sendo reabilitadas antigas fábricas para discotecas e ‘*lofts*’ com terraços de luxo, que se começaram a tornar incompatíveis com os residentes. A partir de 1998, o particular interesse no terreno gerou uma série de ideias para desenvolver intencionais projetos comerciais e empresariais. No entanto, na sequência de falência de um centro comercial denominado ‘*Cuvry Center*’ e à objeção elevada dos habitantes do bairro, a responsabilidade foi transferida para o ‘Departamento de desenvolvimento urbano’ do Senado. Neste espaço aberto de carácter livre ergueu-se um mural de graffiti nas empenas cegas das fábricas, em 2008, concebido pelo artista ‘BLU’ que através desta obra direccionou uma mensagem crítica contra as políticas de desenvolvimento urbano (fig.38.2). Gradualmente, iniciou-se a construção de pequenas tendas e cabanas de madeira e, em 2011 cerca de 150 indivíduos habitavam o terreno. Esta área intitulada ‘*Kreuzberger Freiflache*’ (‘Espaço livre do bairro’) foi usada como espaço de jardinagem e cultivo, mas também como lugar de expressão plástica e cultural. Tornou-se, assim, um espaço auto organizado, construída para a cooperação e integração de acesso livre ao rio Spree. Assim, o estimado ‘*Cuvry Brache*’, é “um museu ao ar livre de arte de rua que atrai milhares de visitantes, tinha sido primeiro uma espécie de acampamento de nómadas”¹⁸⁸, a “primeira favela de Berlim”¹⁸⁹ cuja sua presença foi tolerada até à autorização de uma nova proposta de construção de um edifício, estando mais tarde sob ameaça de despejo dos residentes (fig.38.1). Os investidores e os proprietários do terreno “perturbaram repetitivamente esta cultura dos residentes e dos recém chegados a Kreuzberg, num espaço alternativo desenvolvido pela área inteira do terreno.”¹⁹⁰

¹⁸⁸ Tai Schomaker © 2016 DoYouSpace “Tempelhof airfield, a user generate process”

¹⁸⁹ © 2014-2015 Reclaimyourcity, “Cuvry-Brache stays free”

¹⁹⁰ Ibid., loc. cit.

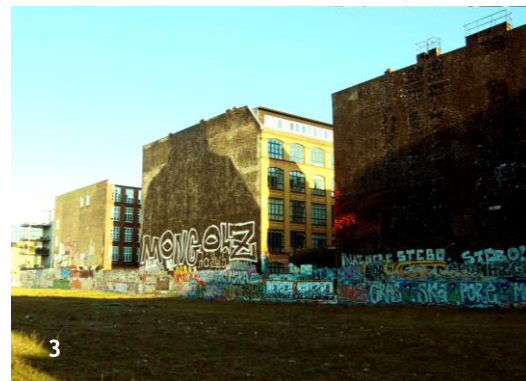
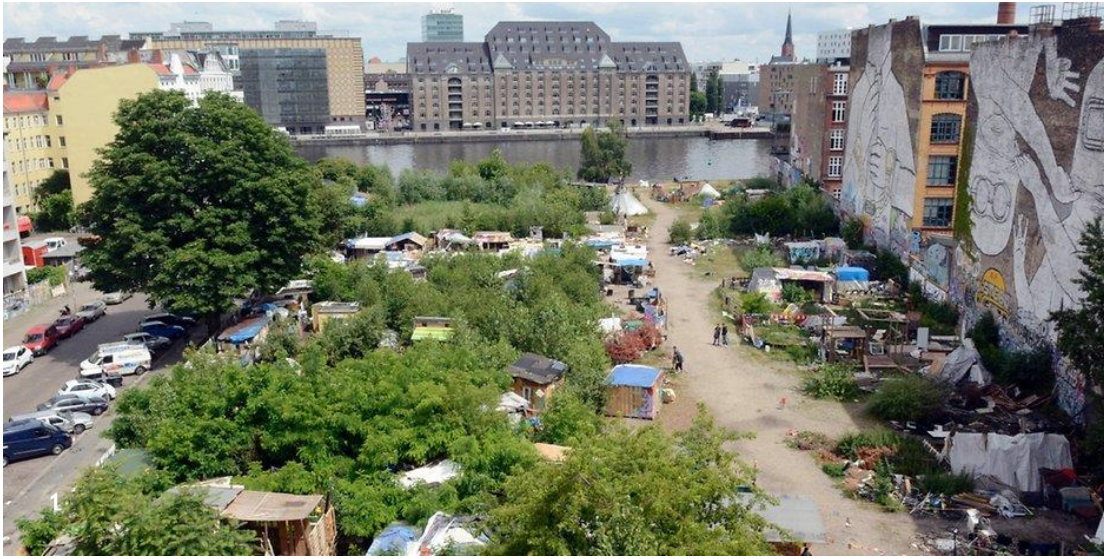


Fig. 38 Cuvry-Brache: 1- 'Kreuzberger Freifläche'; 2- Graffiti artista 'Blu' 1ª fase 2007; 3- Ambiente e graffiti 2ª fase 2010; 4- Desocupado e estado atual do terreno e do mural sem-abrigos, punks e anarquistas livres, população de várias nacionalidades.

Em 2012 os habitantes com os residentes da vizinhança exerceram uma série de eventos culturais de protesto para prevenir o despejo forçado, cuja decisão foi triunfada a não ceder à expulsão.

Este tipo de movimento contestatário frequente, “tende a substituir os critérios de decisão pela opinião dos cidadãos diretamente visados”¹⁹¹ no urbanismo participativo. Considera-se a coletividade dos cidadãos uma realidade na dinâmica da vida social. Acerca desta política de bairro Kevin Lynch refere também que as “organizações de bairro, tornam-se politicamente ativas a níveis mais elevados e mais formais na administração.”¹⁹² Parece, assim, ser “inadequado para a nossa sociedade o conceito de unidade de um bairro grande, autónomo, bem definido e rígido, com dimensões normalizadas, ao qual estão ligadas todas as relações físicas e sociais.”¹⁹³

Contudo, em 2013 o terreno foi comprado por uma empresa ao Senado para instalar um empreendimento urbano. O plano de desenvolvimento do projeto ‘*Cuvry hofe*’ foi aprovado pelo Senado, um complexo comercial e residencial de luxo com a promessa de 20% da moradia ser de baixo custo. Foi apresentada “uma petição de despejo, examinada pela polícia devido ao facto de os habitantes não querem abandonar, pois em Kreuzberg é especialmente importante preservar os habitantes alternativos como também sustentar uma infraestrutura social, caso haja miséria nas famílias.”¹⁹⁴ Dentro da arte urbana o mural existente era mundialmente conhecido na rua Cuvry e por conseguinte, o grafiti nas paredes exteriores da fábrica foram cobertas a preto que, segundo o artista “quis evitar que um investidor tira-se proveito do seu grafiti para um apartamento com uma vista sobre ele que poderia valer muito”¹⁹⁵ (fig.38.4).

Esta área na margem sul do rio, há muitos anos que se encontrava não desenvolvida, foi ocupada temporariamente e tornou-se uma espécie de aldeia e um espaço cultural livre. Porém, a existência de uma certa negligência e violência entre os habitantes foram razões suficientes para o despejo. Para uma residente temporária “o conceito foi confrontar o conforto, afinal o que precisa um individuo citadino para sobreviver?”¹⁹⁶ Houve um desinteresse pelo lixo não responsabilizado no local. Obviamente que “foi uma experiencia social mas um desastre higiénico.”¹⁹⁷ Definitivamente, acabou por ser “desocupado e devastado por uma queima que nivelou o terreno em setembro de 2014.”¹⁹⁸

Recentemente continua a existir um sentimento de indignação e o destino do terreno está pendente numa incógnita subjacente a “uma grande atenção provocada pelos visitantes e residentes que espreitam o local, com a promessa de uma Berlim livre.”¹⁹⁹

¹⁹¹ Jean-Paul Lacaze, “A cidade e o urbanismo”, p.63

¹⁹² Kevin Lynch, “A boa forma da cidade”, p.234

¹⁹³ Ibid., p.237

¹⁹⁴ Katherine Rydlink, jornal Spiegel online “*Cuvry-Brache threatens the eviction*” (5-09-2014)

¹⁹⁵ Ibid., loc. cit.

¹⁹⁶ Berliner Morgenpost “*Cuvry-brache - Die berliner und der kampf um feiraum*” (26-07-2014).

¹⁹⁷ Ibid., loc. cit.

¹⁹⁸ Isabel Herwig, Bz-berlin, “*Cuvrybrache: Investor lasst Wohnungsbau platzen*” (28-03-2016)

¹⁹⁹ Berliner Morgenpost, op. cit., loc. cit.



Fig. 39 Quarteirões na Schlesische Strasse: 1 - Engelsflugel e Wolkenriegel; 2 - Pátio n.º 4 do Hofe am Osthafen; 3 - Interior da renovação Hofe am Osthafen; 4 - Edifício anterior ao “CuvrySpeisher” ; 5 - Edifício CuvrySpeisher.

5.2.2 Edificado adjacente

Na margem direita do Rio Spree, no Porto Oriental em Kreuzberg, situam-se as fábricas *Industriepalast* (Palácio da Indústria) e o anterior *Reichelthof* que foram associadas a cinco pátios comerciais (“hofes” termo alemão), denominados *Hofe am Osthafen*. É um parque de negócios atual na rua de Schesische Strasse.

A primeira foi construída “entre 1907 e 1908 por Boswau & Knauer, considerada atualmente um monumento histórico, revestido a tijolo vermelho simples.”²⁰⁰ A segunda construída entre 1900 e 1907 pelo “arquiteto Max Ziegler Reichlthof, é constituído por quatro pátios “hofes” revestidos a tijolo amarelo e vermelho.”²⁰¹ Nos últimos anos o quarto pátio (fig.39.2) foi renovado e na cobertura foi acrescida uma estrutura de vidro projetada pelos arquitetos alemães Augustin and Frank que consistiu na “conversão de um armazém da antiga fábrica de 905 metros quadrados, completada em 2002-2003”²⁰² (fig.39.3).

Posteriormente em 1996 foi também construído o particularmente curioso edifício chamado Engelsflügel (asa de anjo preta) metade de madeira e tijolo escuro e sobre este em 2001 um espaço em aço e vidro a uma altura de 22m em parte sobre o rio, chamado Wolkenriegel (apanhador de nuvem). O projeto foi premiado por excelência com o “telhados de metal Architecture Award e fachadas 2002.”²⁰³ “O edifício de um andar com as dimensões 50m x 9m x 6m repousa em quatro colunas de aço acima do edifício Engelsflügel. Em contraste com a construção de tijolo preto, a pele exterior e as janelas foram concebidas em alumínio prateado/polido. A estrutura é baseada na linguagem de design da instalação portuária vizinha”²⁰⁴ (fig.39.1). A fortificação bancária da trama Schlesische Straße 28 foi atacada pela guerra e as instalações ao ar livre foram redesenhadas e criado um reboque/doca de barcos 10m de comprimento para os inquilinos.

A propriedade “CuvrySpeisher” está localizada no bairro Friedrichshain, de Kreuzberg na margem sul do rio Spree, uma área típica de ambiente urbano multicultural e criativo com excelente centro comercial e de entretenimento. Parcialmente reconstruída a metade de um edifício fábrica da década de 50 (fig.39.4), foi construído um novo como um esqueleto de betão reforçado de oito andares para fins comerciais até ao 4º piso e os superiores para escritório e uso residencial (fig.39.5). A área em desenvolvimento está a ser revitalizada “num lugar onde as condições de vida e de trabalho combinam num todo, proporcionado as condições ideais para a liquidação de empresas jovens da cena *start-up*, agências e criativos.”²⁰⁵

²⁰⁰ Os inquilinos do Palácio industrial listados incluíram uma inspeção, o Escritório da delegacia de polícia 79, a empresa para a produção de anilina e a costura ‘Singer & Co. Aktiengesellschaft’, entre outros.

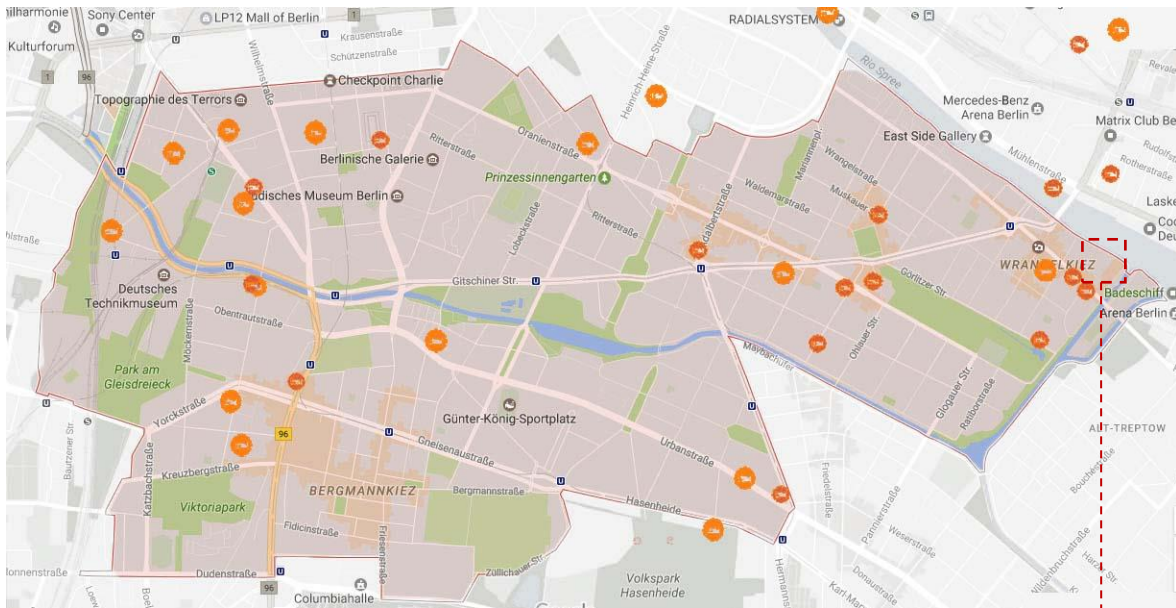
²⁰¹ Inicialmente era uma cervejaria, um centro da empresa distribuidora de alimentos, fábrica de piano e seguidamente uma empresa de construção naval Deutsche Inarswerke. Semper Primus 1st Infantry

²⁰² Augustin und Frank architekten, “Remise Schlesische Strasse 28, Berlin Kreuzberg” (2003)

²⁰³ Ruiken & Vetter Dipl. Ing. Architekten, “Wolkenriegel” (2001)

²⁰⁴ Berliner Hoefe website, “Hofe am Ostafen”

²⁰⁵ SHS architects, Victoria Hoefe “Der Cuvryspeicher”



- Limite distrito Kreuzberg
- Hostel/hotel Existentes
- Canal Fruterabe
- Espaço Verde

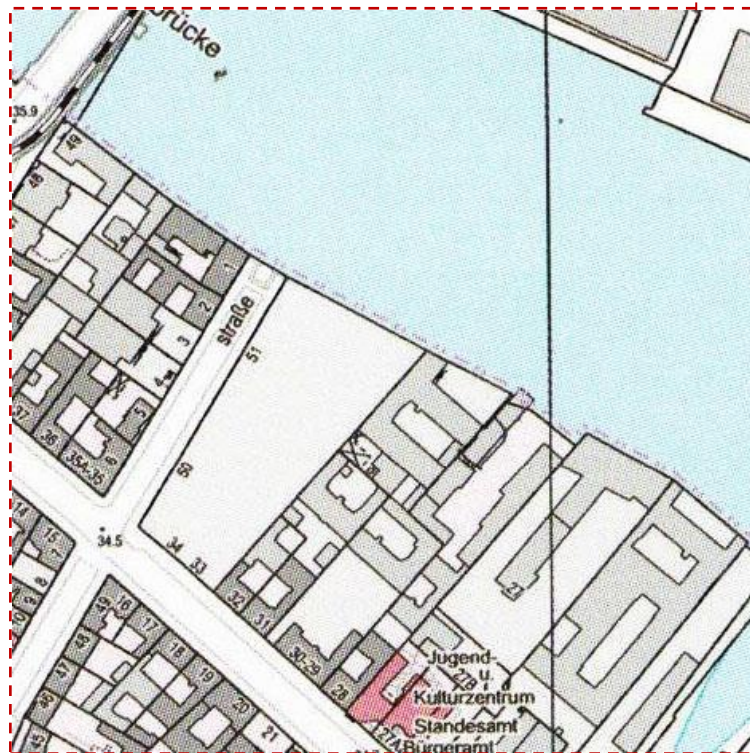


Fig.40 Mapa de localização de Hostels no distrito de Kreuzberg, em Berlim e localização do limite do terreno do 'Curvy.brache', 2017.

5.2.3 Concurso “BUR” da ARCHmedium

Desde 2009 que a plataforma online *ARCHmedium* organiza competições de arquitetura internacionais para estudantes. Tem como objetivo fornecer a oportunidade da participação acadêmica em competições de arquitetura, design e planejamento, “nas mesmas condições que em competições profissionais (...) sem fronteiras, uma linguagem universal (...) aspira a ser um ponto de encontro multicultural, onde os participantes podem compartilhar as suas ideias e projetos.”²⁰⁶

O concurso “BUR” (*Berlin University Residences*) lançado em Dezembro de 2015 propunha o “desenvolvimento de novas formas de viver em torno da intensa cidade de Berlim, onde a tolerância, cultura e vida dos jovens são protagonistas.”²⁰⁷ O objetivo foi “redefinir os modos coletivos e residência temporária” no bairro de Kreuzberg, sendo que “o bairro ainda tem que gerar coesão social entre o local, jovens e imigrantes, (...) carece de habitação e residências para os jovens recém chegados.”²⁰⁸ O concurso afirma que os preços da habitação estão a subir e espaços públicos são necessários, não havendo “dormitórios ou albergues suficientes.”²⁰⁹ No entanto verificou-se a existência de bastantes hostels na área de acordo com o mapa (fig.40) atualizado.

O programa deste concurso exigia o seguinte: um complexo de residências temporárias para estudantes, recém-formados, famílias e viajantes, com os serviços necessários para o seu funcionamento. Impunha propostas de configuração de espaços exteriores a promover a interligação da juventude, turistas e estudantes na atividade do bairro.

Para além desses requisitos, previa também funcionalidades, tais como um hostel e uma sauna.

Contudo, de acordo com a análise da envolvente e os aspetos morfológicos e funcionais, veio revelar que tais elementos eram desnecessários face às carências de habitação. Definiu-se, assim, seguir metade do programa do concurso, na tentativa de intervir apenas parcialmente a área do terreno em estudo.

²⁰⁶ Archmedium, ‘BUR’

²⁰⁷ Ibidem

²⁰⁸ Ibidem

²⁰⁹ Ibid.

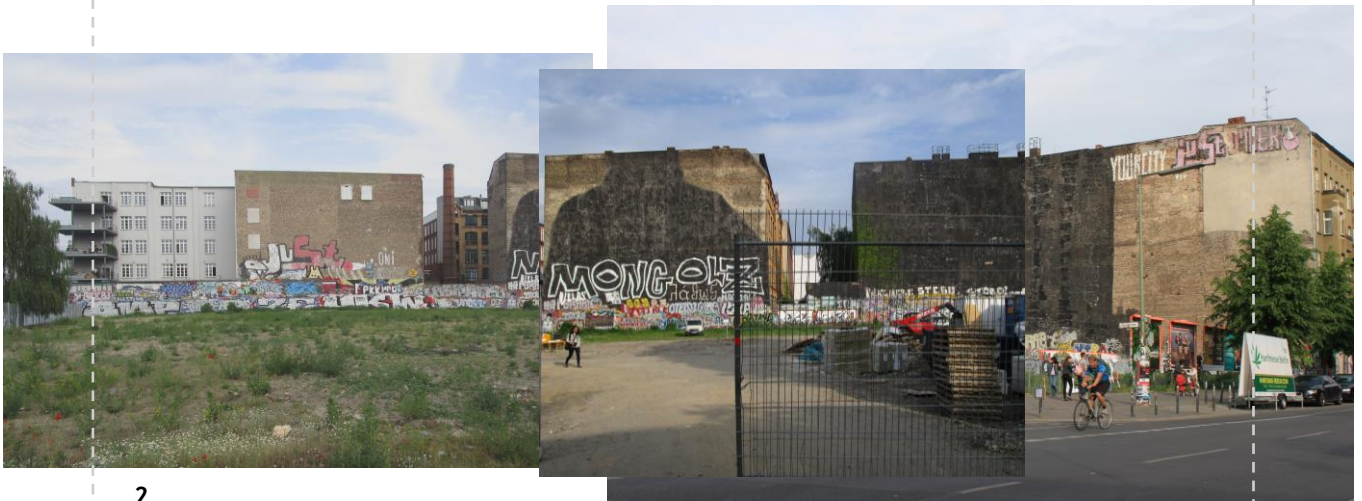
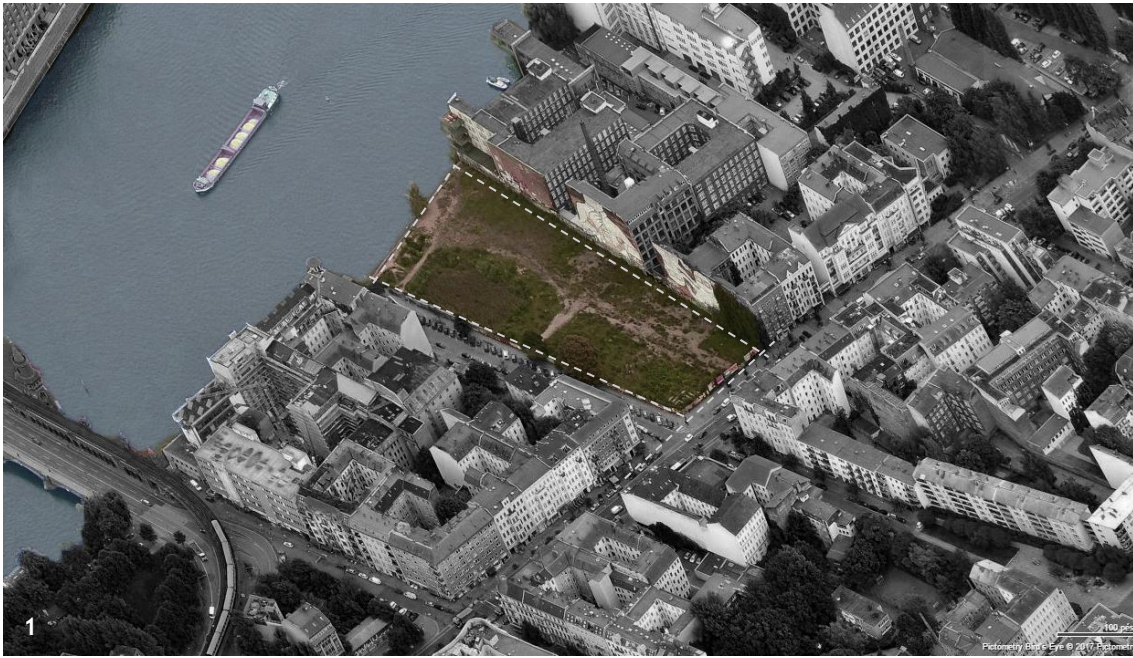


Fig. 41- 1- Vista aérea do local; 2-Foto montagem Rua Cuvry; 3-Foto montagem Rua Schlesische.

5.2.4 Descrição e justificação da proposta

Através de um estudo prévio, fase em que se entenderam as vantagens e desvantagens do programa do concurso descritas no ponto anterior, determinaram-se as principais estratégias e intenções conceptuais a desenvolver.

A procura de formas de intervir em contextos urbanos consolidados, permitiu um amplo debate sobre a construção nova, para preenchimentos dos vazios ainda existentes no tecido da cidade, ao mesmo tempo que se procede a cautelosas recuperações nas zonas urbanas antigas. O quarteirão de Kreuzberg é um dos que permanece expectante (fig.41) de uma reestruturação urbana.

O estudo e análise do processo de desenvolvimento da ‘Reconstrução Crítica’, abordado anteriormente, permitiu consolidar a importância de estratégias urbanas, na prática da conceção de um bairro sobre uma forma resiliente em relação ao território em que se insere. A reestruturação de um novo espaço surge pela preocupação da necessidade de uma área habitacional, segundo a previsão estatística, e disponibiliza uma residência de estudantes dada a localização próxima das universidades e institutos, e também ao centro urbano de Berlim.

Inicialmente, estabeleceu-se a intenção de seguir metade do programa exigido no concurso. Deste modo, procedeu-se à distribuição das funções por duas parcelas, uma que incorpora edificações e outra que se encontra livre. Com este propósito procurou-se executar uma intervenção reduzida a nível global da área, tendo como premissa dar ênfase as diferentes formas de apropriação do espaço e à manifestação tumultuosa gerada pelos ocupantes e residentes circundantes, anteriormente abordada.

De um modo geral, na primeira fase dividiu-se longitudinalmente a área de intervenção em duas partes funcionais: uma de carácter privado para dar continuidade à faixa habitacional adjacente à rua secundária de acesso e quarteirões vizinhos; e uma de utilização pública a nível de serviços e um espaço verde confinante com o limite das empenas cegas dos edifícios que compõem a antiga fábrica.

A conceção formal da proposta como um todo, teve como princípio a verticalidade, aliada à ocupação parcial a nível horizontal. Criaram-se dois volumes unificados por uma plataforma acessível entre os pisos e espaço envolvente. Dada a dimensão do programa das residências, destaca-se um volume, composto por onze pisos, de largura esguia com uma altura acentuada, de contraste à proporção urbana, a associar ao elemento da chaminé industrial existente. O segundo volume refere-se à habitação coletiva com altura inferior, mas intermédia em relação aos edifícios vizinhos.

Deste modo, erige-se uma volumetria decrescente, que começa paralelamente à frente de água (rio Spree) e acompanha o alinhamento paralelo do edificado habitacional vizinho.

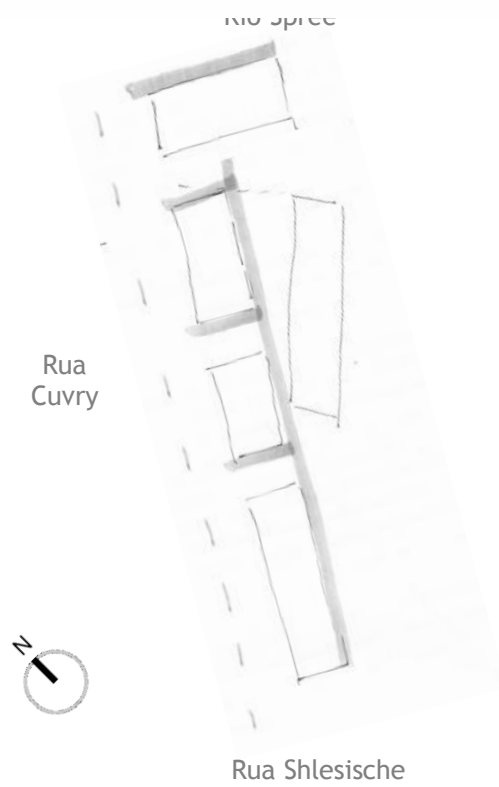
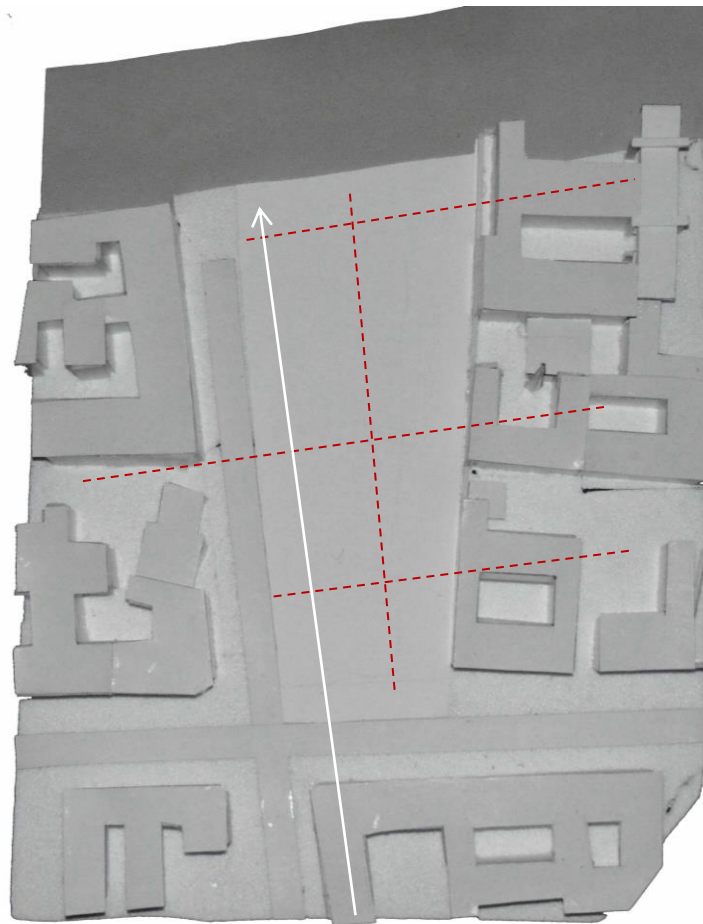


Fig. 42 Eixos de orientação de concepção do conjunto volumétrico.

Inserir-se num terreno que apresenta uma topografia sensivelmente plana, assegurando a continuidade do carácter do lugar entre quarteirões.

Definiram-se assim, os espaços de distribuição e comunicação espacial das volumetrias, entre o interior e exterior: as valências da residência de estudantes encontram-se num único volume e as habitações de aluguer agrupadas em unidades habitacionais, cujo volume foi dividido em cinco blocos, separados entre eles de acordo com os eixos pré-existentes de composição.

Estes seguem uma disposição originada pelo romper vertical das empenas cegas da fábrica '*Industriapalst*' e os vãos de acesso aos pátios abertos ao interior do quarteirão '*Victoria Muhlenwrke*'. De uma maneira subtil, faz-se alusão aos '*hofes*' berlinenses, habitualmente ocultos por outros edifícios. Estes caracterizam-se por quarteirões fragmentados completamente abertos que pela guerra ficaram semi destruídos (fig.42).

Deste modo, as valências habitacionais do programa estão agrupadas por conjuntos de paralelepípedos separados, com o intuito de evitar a criação de pátios limitados e túneis de acesso que comprometem com a segurança passiva. Com esta solução, pretende-se uma nova interpretação do quarteirão, que de acordo com as regras do planeamento urbano '*Reconstrução crítica*' da IBA, cumpre-se o perímetro urbano e respetivos alinhamentos, contudo sem necessidade de reconstruir, visto que o terreno sempre esteve expectante e disponível.

A empena cega tornou-se reconvertida num simbolismo característico, exaltando valores artísticos de comunicação através do desenho livre, o graffiti. Optou-se por zelar uma distância considerável entre as empenas cegas existentes e a proposta de intervenção, expondo uma maior área livre de zonas verdes e evitar o parcelamento acentuado do típico quarteirão urbano de Berlim.

De modo a unificar os blocos habitacionais e o da residência como um complexo agregado, definiu-se a continuidade de uma plataforma principal de acesso a ambivalências comuns (uma lavandaria, um ginásio e espaço de lazer), tendo como ponto de vista uma grande impermeabilidade à circulação e utilização pública através das lajes que compreendem o primeiro piso do conjunto através das galerias de circulação. Criou-se intencionalmente uma conexão visual entre os espaços exteriores e os edifícios em particular, para evidenciar uma nova percepção do espaço da cota de soleira do primeiro piso como ponto inicial. Pretendeu-se, também, contribuir para uma transparência visual, através de grandes vãos envidraçados nos pisos comuns do bloco de residência. O desnível de acesso exterior aos cinco blocos são vencidos por três galerias com seis caixas de escadas.

Relativamente ao programa e funcionalidade, todas as tipologias são definidas por uma repetição e distribuição de fogos que seguem uma simplicidade de traço em comprimento de

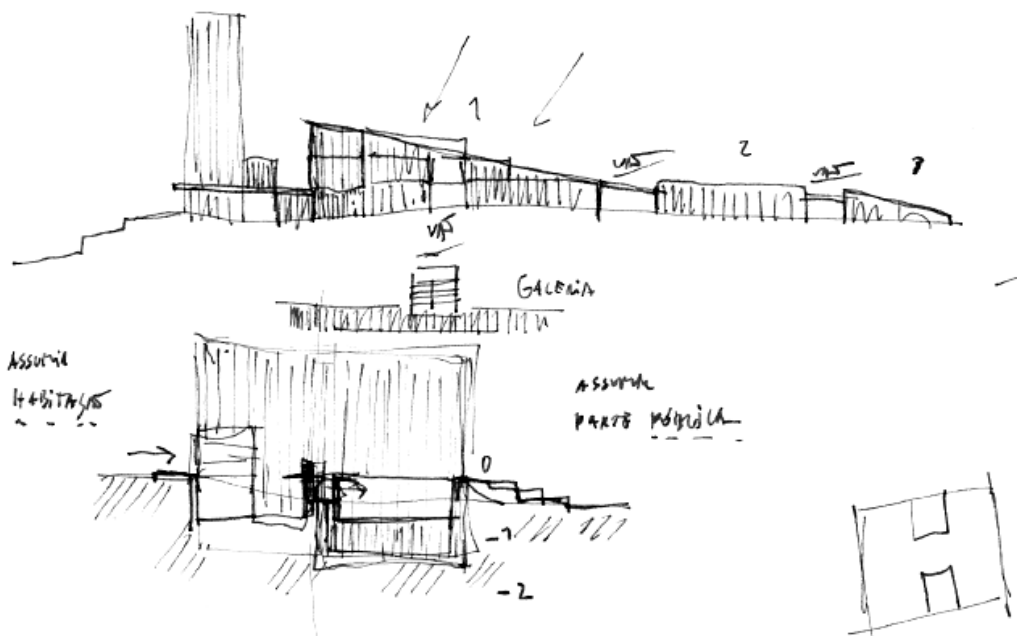
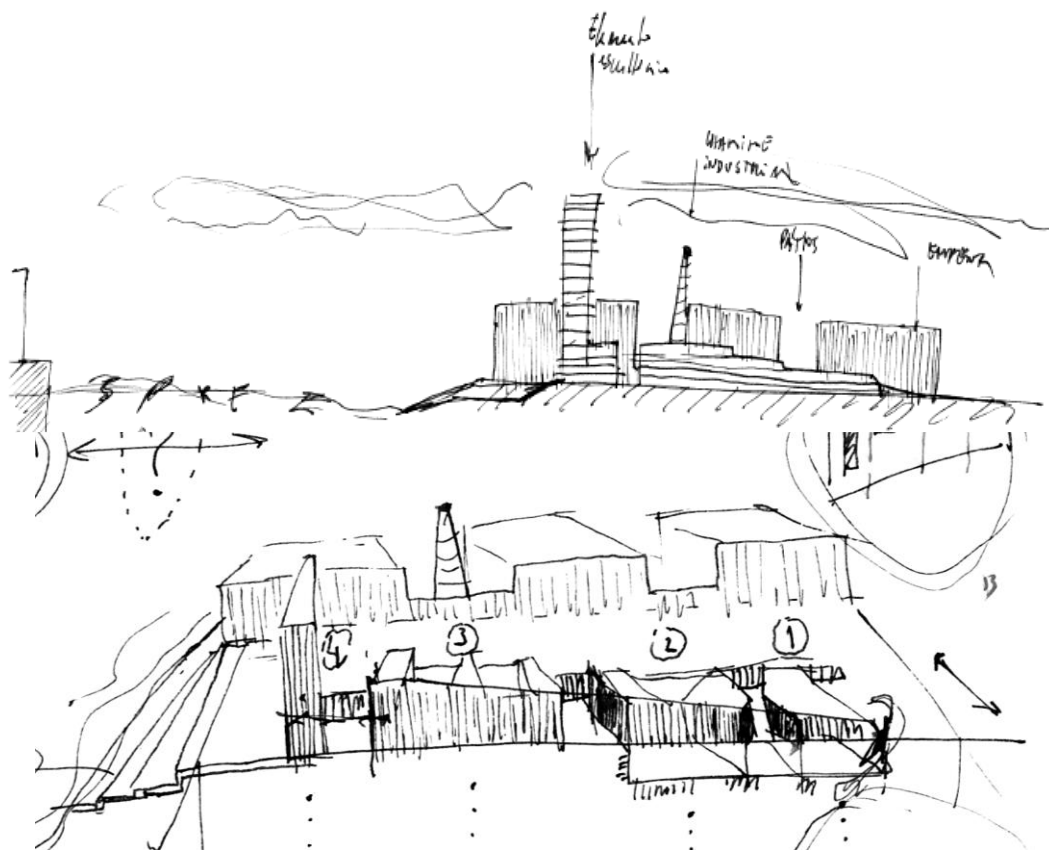


Fig.43 Esquisso de estudo da volumetria do conjunto.

modo a compreender divisões esguias e a multiplicar o número de unidades possíveis. Foram previstas para o pé direito 2,70 metros de altura, e lajes com 30 cm de espessura.

As valências interiores dos blocos de habitação foram distribuídas consoante a exposição solar sendo que a fenestração dos vãos de iluminação, são constituídos por portas-janelas. Distribuem-se pelos seguintes números de fogos habitacionais: 30 unidades de 30m²; 18 unidades de 53 m² com dois quartos e uma instalação sanitária comum; e nove unidades de 106 m². Este é constituído por dois pisos com duas instalação sanitária., três quartos, e uma divisão adicional com possibilidade de ser alugada, que permita a opcional flexibilidade de ocupação sazonal de acordo com as necessidades dos utilizadores. Esta têm acesso independente, entre o exterior e interior da unidade.

O volume do bloco da residência de estudantes situa-se na zona mais privilegiada do terreno com uma vista sobre o rio e paisagem envolvente (fig.43). Oferece uma infra-estrutura adaptável a microambientes numa variedade de agrupamento de um núcleo interligado.

Os espaços comuns, integram no primeiro e segundo piso: o hall de 82 m²; um espaço de lazer com um bar de 375 m² e respetivas salas de estudo.

O sector privado é construído por vários compartimentos que complementam áreas de uso coletivo como as instalações sanitárias comuns com 27,40 m², uma cozinha adjacente a uma zona de refeição (15m² + 33m²) por cada piso e ainda a existência de uma zona de lazer com vista privilegiada como espaço de descompressão.

Resolveram-se os acessos verticais posicionados na zona central do bloco, sendo compostos por dois elevadores e uma caixa de escadas. Para além destes foi também criada umas escadas exteriores de emergência. Perpendicularmente, estabelece-se o acesso às tipologias dos quartos por um corredor contínuo. Na totalidade estas são constituídas por 60 quartos single de 15m², 49 quartos duplos de 30m² com instalações sanitárias privativas; e por último, 16 quartos duplos de 45m² com instalação sanitária privativa e cozinha incorporada; 4 quartos são adaptados para pessoas com mobilidade condicionada.

As fachadas dos edifícios são distribuídas por vãos a assimilar a forma dos quarteirões entre os cheios e vazios característicos, mas numa posição vertical. Com os seus componentes como materiais, cores, texturas, pretende-se aproximar a população no reconhecimento de algo familiar na contextualização de um objeto novo à memória de um lugar, no caso da paisagem arquitetónica de Berlim. Adjacente a esta encontra-se uma caixa de escadas de emergência. A residência inclui ainda, um estacionamento subterrâneo com acesso ao piso superior destinado aos residentes, com disponibilidade de 100 lugares de estacionamento; no piso térreo foi previsto estacionamento adaptado para bicicletas.

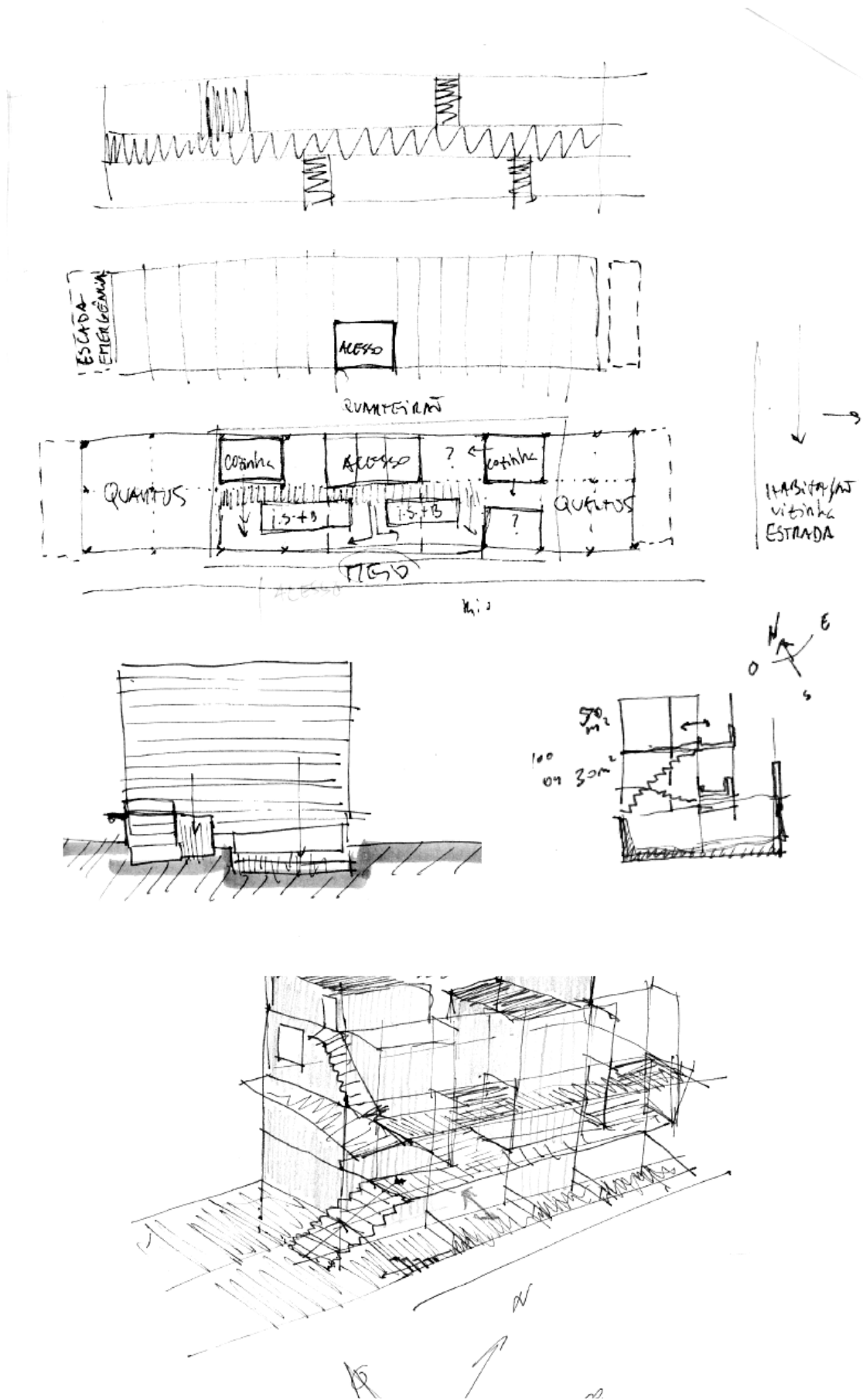


Fig.44 Esquisso de estudo da volumetria dos blocos habitacionais.

Na zona verde, as árvores funcionam como estruturas de proteção e providenciam sombra e abrigo às habitações. A área que engloba as empenas cegas laterais da fábrica '*Industriplast*' existente é limitada por vegetação natural e equipamento exterior com acesso somente pedonal.

No perfil da rua Cuvry, sugere-se um aumento de lugares de estacionamento a colocação de árvores, bem como a colocação de mobiliário urbano, nomeadamente bancos de jardim e postos de iluminação. Privilegiando, assim, os pedestres e as ciclovias na área circundante.

No contexto urbano e paisagístico da envolvente, a escala do volume do bloco de intervenção da residência ultrapassa a cércea da envolvente, o que promove a frente de água na articulação do espaço e, contribui para conceder relevo a elementos da natureza como o rio Spree. Este objetivo foi concretizado através dos lanços de escadas projetadas, que ladeiam a margem. Pretende-se ainda que o espaço seja multifuncional na adaptação de atividades como concertos, festivais, entre outros, e cativar outros públicos a gerar interação, promovendo o potencial deste espaço peculiar.

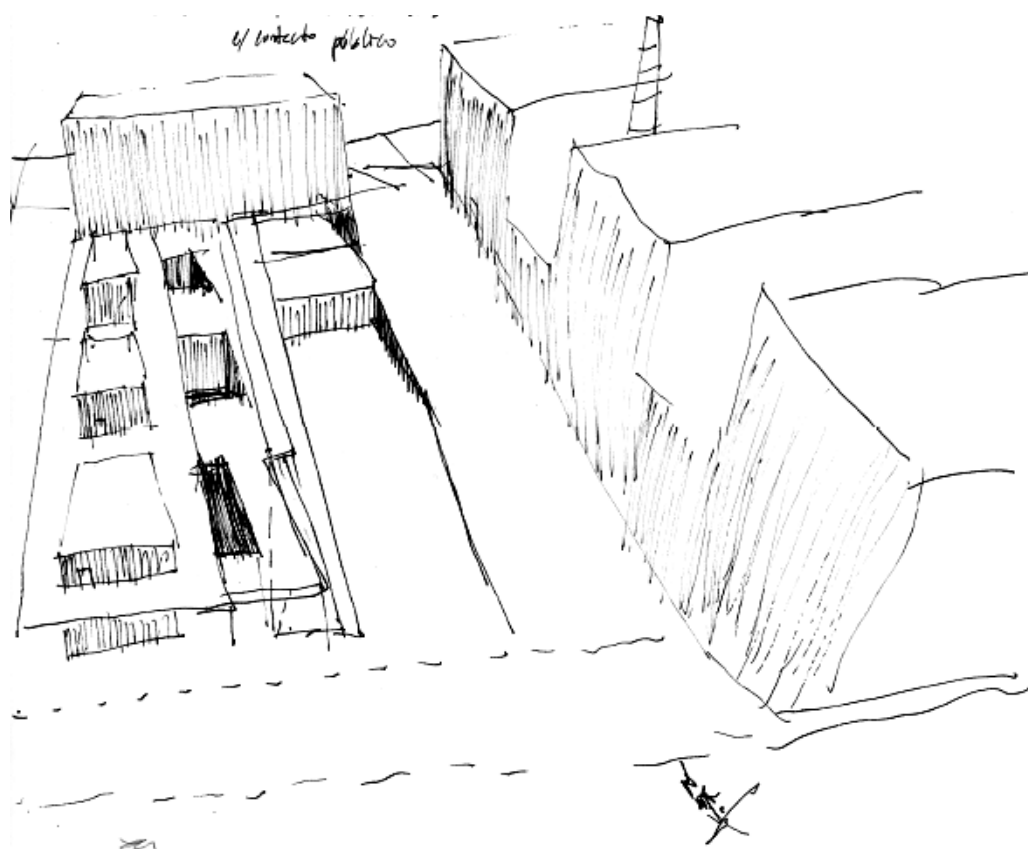


Fig. 45 Esquisso de estudo da volumetria do conjunto

Capítulo 6 - Conclusões

O estudo elaborado nesta dissertação vem confirmar a relevância da temática. Tal como foi anteriormente referido no capítulo 2, as cidades contemporâneas estão integradas num sistema espacial, formado por várias partes diferenciadas, em áreas diversas, e cada uma delas com características distintas do ponto de vista formal e histórico, correspondendo, assim, a partes urbanas complexas.

Verifica-se que determinados aspetos, como a sensibilidade cautelar do uso de ferramentas urbanísticas, como a reestruturação urbana e a recuperação, contribuem para a valorização e inovação destes espaços que, paradoxalmente, são lugares de tensão e de confronto cultural. Seguiram-se algumas etapas com o propósito de enquadrar a evolução da arquitetura a partir do movimento Moderno na cidade até aos dias de hoje, e a relação social colaborante. Conclui-se que na cidade contemporânea, a habitação urbana construída exerce uma negligência sobre o espaço público, numa colisão de fragmentos de diferentes tempos e espaços, que se entrelaçam e complementam.

Por outro lado, no capítulo 3, verifica-se que o modo como a globalização influencia a cidade é resultante de uma grande diversidade cultural, o multiculturalismo. Existe, pois, uma transição sucessiva no que respeita à diversidade cultural, acelerada pelo caráter global e tecnológico da sociedade contemporânea. No entanto, o aumento demográfico veio exigir a necessidade de adaptar a cidade ao acolhimento de grandes fluxos imigrantes, obrigando à construção de bairros e grandes edifícios de habitação social.

O aumento de fenómenos como a segregação social, acompanha essa fragmentação espacial, da qual se processa a gentrificação, associada a vantagens como a promoção da regeneração urbana. Da compreensão entre o paradoxo de valorização de um bairro e a desvantagem de deslocar a população residente para outros locais, resulta o processo de gentrificação. Este mesmo é contraditório, para se entender o lugar de cidade como um ponto de confronto cultural segregado que tem vindo gradualmente a ser causa de inúmeros problemas como o esvaziamento funcional e demográfico, no contexto hodierno.

Ficou demonstrado que numa cidade que se pretende resiliente, a condição de mobilidade dos indivíduos através do ato migratório tem evoluído de uma maneira independente, de maior liberdade, na procura de melhores condições de vida além-fronteiras. Cresce, assim, o número de indivíduos em deslocação permanente, desencadeando uma mudança no modo de habitar coletivos temporários das cidades. Consequentemente, quer na arquitetura, quer à escala da cidade, redefinem-se as expectativas perante a complexa condição da (im)permanência (a nível social e espacial), em que o tempo é o elemento definidor, da dicotomia entre centros e periferias.

No capítulo 4 referiu-se, que as transformações urbanísticas exploram a capacidade de adaptabilidade e recuperação após um trauma, na interação mutável entre os espaços físicos

e o tempo, ou seja, de pôr à prova a resiliência da cidade. Numa situação caótica como a destruição da malha urbana, em resultado de guerras ou sismos, importa preparar as cidades para os problemas, encontrando respostas que surgem como estratégias dinamizadoras.

Assim, a contextualização da cidade de Berlim serviu de modelo de intervenção em outras cidades europeias, com propostas válidas tanto para remodelação de quarteirões residenciais semi consolidados, quanto para realização de importantes obras novas, tais como o ‘Bonjour tristesse’, o “Quarteirão de ‘Schutzenstrasse’” e a Embaixada holandesa. Como se pretende demonstrar, a situação político-geográfica de Berlim representou um importante marco ao nível de planeamento urbano, denominado por “reconstrução crítica”, formalizado através da experiência prática e territorial da IBA.

A IBA, na sua génese, pretendeu reagir face ao urbanismo moderno baseado na Carta de Atenas, acusando-o da destruição da estrutura urbana de Berlim e da perda de identificação do indivíduo com a sua cidade.

Neste contexto, é um exemplo que se destaca pela sua excentricidade, espécie de caos no desenvolvimento urbano entre o velho e o novo. Em resultado de diversas relações no desenho construído e acontecimentos espontâneos, é caracterizada por uma malha urbana complexa. Caracteriza-se por uma fragmentação espacial e social à qual não é alheio o período do muro, que **tem agregado esforços e preocupações acrescidas para gerar eixos de ligação entre diferentes realidades espaciais e culturais.**

Por conseguinte, surgiu a escolha do bairro central de Kreuzberg, indissociável da reestruturação urbana, tendo em conta que é atualmente um desafio nesta matéria, a definição de medidas de intervenção arquitetónica e urbanística, **capazes de gerar maior coesão social entre o local.** O bairro é um exemplo onde carece com grande premência novas abordagens habitacionais, para projetar um futuro comum, abrindo espaço para o desenvolvimento de outras formas de viver em torno desta cidade. **Inserido numa malha congestionada inclui, paradoxalmente um quarteirão, que é atualmente um vazio urbano onde faltam, por exemplo, equipamentos aliados à habitação como residências de estudantes e a espaços públicos e se fazem sentir os efeitos negativos do processo de gentrificação.** Na discussão sobre vazios urbanos o que está em causa não são os espaços não-construídos, mas sim o que fazer dos espaços desocupados, sem função e **portanto residuais. Absento** a intervenção efémeras e com a capacidade de adaptação a diferentes pré-existências.

Esta lacuna justifica a opção projetual da solução apresentada de criar um bloco de residência de estudantes e outro de habitação, como descrito no ponto 5.2.2.

Nesta proposta foi deliberada a escolha do programa inspirada no concurso de ideias “BUR” promovido pela plataforma Archmedium em Maio de 2016. O programa deste concurso previa uma série de requisitos tais como um hostel e uma sauna. Contudo, a pesquisa analisada veio revelar que tais elementos eram desnecessários face às carências **de habitação. Pelo** que a proposta não os inclui deliberadamente.

A solução prevista tem como objetivo principal contribuir para dar resposta às expectativas da comunidade local, **nomeadamente dos imigrantes.** Por outro lado visa promover a proximidade e fluidez da população, quer do bairro e quer da cidade.

Consequentemente, alcançou-se a composição de um projeto de reestruturação do quarteirão centrado na residência de estudantes e **unidades de habitação coletiva,** dotadas de ambivalências comuns, referindo-se entre **estas últimas o ginásio, a lavandaria e o bar.** Elaborou-se uma proposta de desenho urbano para este quarteirão de modo a criar eixos de ligação com a envolvente, reforçando a proximidade do rio. Este objetivo foi concretizado através dos lanços de escadas projetadas, que ladeiam a margem, na frente de água. Estes elementos permitem ao nível da sua fruição pelos utentes a contemplação do rio Spree, contribuindo para uma perceção de calma e tranquilidade. **A área** assume-se assim como um elemento físico, visual e simbólico.

Espera-se que esta solução de projeto se possa vir a associar a uma maior resiliência para a multiculturalidade em Berlim. Neste sentido foi essencial explorar a sua parcial ocupação, numa intervenção social coerente, dando relevo a elementos da natureza como o rio Spree.

No que diz respeito a trabalhos futuros, sugerem-se as seguintes ações: desenvolver detalhadamente o projeto de arquitetura, definindo aspetos como o sistema construtivo de forma a pormenorizar a estrutura metálica mista do conjunto, **dotada de preocupações de cariz económico;** a materialização do detalhe de acabamentos arquitetónicos; **aliar as infraestruturas às acessibilidades interiores dos edifícios propostos.**

Salienta-se, por último a necessidade de apelar à importância de observar e conhecer, estudar e analisar outros casos de sucesso, outros contextos histórico, social e económico de outros locais, de modo a oferecer uma maior diversidade de conhecimentos aos resultados alcançados nesta dissertação.

Referências

Bibliográfica

AGUIAR, José (1999). “A cidade do futuro já existe hoje”. In: ATIC Magazine, Nº 24. Lisboa: ATIC, 1999 Consult.28 de Março 2016, Disponível em: [<http://mestrado-reabilitação.faa.utl.pt/disciplinas/jaguiar/Jaguiaratic.pdf>]

AKCAN, Esra (2011). “*A Building with Many Speakers: Turkish ‘Guest Workers’ and Alvaro Siza’s Bonjour Tristesse Housing for IBA-Berlin*”. The Migrant’s Time. Clark Institute, Yale University Press

AKCAN, Esra (2012). “*Architecture in Translation: Germany, Turkey, and the Modern House*”. Duke University Press

ALEXANDER, Christopher (1979). “*The Timeless Way of Building*”. New York Oxford University Press

BAÍA, Pedro et al (2008). “Berlim: Reconstrução crítica”. Circo de Ideias - Associação Cultural
AYMONINO, Carlo (1984) *O significado das cidades*, Lisboa, Editorial Presença

BAÍA, Pedro (2005). “Tragic New Berlin”, Prova Final de Licenciatura em Arquitetura orientada pelo arquiteto Jorge Figueira. Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra: Coimbra

BALFOUR, Alan (1995). “Berlin”. Londres: Academy Editions

CAVACO, Cristina Soares (2007). *Os espaçamentos ilegítimos ou a condição suburbana do Vazio*. Seminário de Estudos Urbanos - Vazios Úteis

GAUSA, Manuel. “*Repensando la movilidad*”. Revista *Quaderns d’arquitectura i urbanisme*” n.º218, 1998 pp.48-53

GUERRA, Isabel; “A Cidade Multicultural e Multiétnica, Gestão da diversidade e procura da democracia”. Separata policopiada, u.c. projeto V ano letivo 2015/2016, DECA U.B.I

GIDDENS, Anthony (2000) “O Mundo na era da globalização”. 1ª Edição, Lisboa, Editorial Presença.

GIDDENS, Anthony. (2000) “Sociologia”. 4ª Edição, Lisboa, Editorial Presença.

GRAVAGNUOLO, Benedetto (----). “*Historia del urbanismo en Europa 1750-1960*”

HAMER, Hardt-Walt (1990). “Renovação urbana cautelosa”; Departamento do Senado para Construção e da Habitação (ed.): regeneração urbana de Berlim .

HELL, Julia e SCHÖNLE, Andreas (2010). *Ruins of modernity*. Durham: Duke University Press

HUYSSSEN, Andreas (2003). “*Present pasts: urban palimpsests and the politics of memory*”. *Cultural memory in the present*. Stanford University Press

JEUDY, Henri; Jacques, Paola - *Corpos e Cenários Urbanos: Territórios urbanos e políticas culturais*, U.F. Bahia 2006

KOOLHAS, Rem (2002). “Conversa com estudantes”. Editor: Gustavo Gili

KOOLHAS, Rem, et al. (2000) “*Mutaciones*”. Barcelona: ACTAR

KRAMER, Dieter (2013). “Kreuzberg 1968-2013 Abbruch, Aufbruch, Umbruch”. Nicolai - Der hauptstadtverlag, Berlin

KUBLER, George (2004). *A Forma do Tempo - observações sobre a história dos objetos*. Vega e Herdeiros do Autor (4ª Edição)

LACAZE, Jean-Paul (1995). “A Cidade e o Urbanismo”. Flammarion, Institute Piaget

LAMAS, José M. R. Garcia (2001). “Morfologia Urbana e Desenho da Cidade”. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

LYNCH, Kevin (1981). *A Boa Forma da Cidade*. Arquitetura & Urbanismo. Edições 70 LDA

MC ROBB, Angela “*The uses of cultural studies*”. London: Sage 2005

MELO, Alexandre “Globalização Cultural”. Coleção O Que É, Quimera Editores, Lisboa 2002

MONTANER, Josep Maria (2001) *Despois do movimento moderno - arquitetura da segunda metade do século XX*. Editorial Gustavo Gili, Barcelona

OCHOA, Ana Rita (----). *Cidade e Frente de Água: Ligações Físicas, Visuais e Simbólicas*. Revista online do Museu de Lanifícios da U.B.I.

RAMALHO, António Leite (2004). *Urbanismo Retratos Urbanos*. Coleção Câmara Municipal Póvoa do Varzim “Na linha do Horizonte - Biblioteca Poveira” 21.ª Edição Compilada Caleidoscópio

REVEL, Jean-François (2002). *Obsessão Antiamericana: Causas e Inconsequências*. Bertrand Editora

ROSEMAN, Helen (1988). *A Cidade Ideal - Evolução Arquitetónica na Europa*

ROSSI, Aldo (1966). *A Arquitetura da Cidade*. Edição portuguesa Cosmos, Lisboa 2001

SANTOS, Boaventura de Sousa (2001). *Globalização: Fatalidade ou utopia?* Porto: Edições Afrontamento,

SIZA, Álvaro 1954-1976, Lisboa 1997 Editorial Blau, Editorial GG

SIZA, Álvaro - *Dentro La Città - Motta Architettura*

SIZA, Álvaro - *Imaginar a Evidência; Navegando através do híbrido das cidades; Évora - Malageira 1977*

SMITHSON, Alison; SMITHSON, Peter (2001). *The Charged void*. Nova Iorque: Monaceli Press

SMITH, Neil (1996). “*The new urban frontier - Gentrification and the revanchist city*”. London Routledge

SOLÁ-MORALES, Ignasi (2002). “Territorios”. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA

UNGERS, Oswald Mathias (1997). *The Dialectic City*, Milão. Skira Editore

VÁSQUEZ, Carlos Garcia (2000). *Berlin Potsdamer-Platz: Metrópli y Arquitectura en Transición*. Arqithesis 7. Barcelona. Fundación Caja de Arquitectos

WEBER, Rachel (2002). *Extracting Value from the City: Neoliberalism and Urban Redevelopment* ; in *Antipode*; vol. 34; Issue 3; pp. 519-540.

Documentos da Internet

ANDRADE, Sérgio C. (2008) «Berlim, a capital que se reconstrói sempre» Disponível em [<http://www.publico.pt/culturaipsilon/jornal/berlim-a-capital-que-se-reconstrói-sempre-282527>]

ÁLVARES, Cláudia. “Multiculturalismo” em “CulturaDicionário crítico”. Disponível em [www.arte-coa.pt]

ARAVENA, Alejandro, tradução por Vitor Delaqua. ArchDaily Brasil, Projetos - habitação de interesse social, “Quinta Monroy/ELEMENTAL”. Disponível em [http://www.archdaily.com.br/br/01-28605/quinta-monroy-elemental]

ARCHMEDIUM, About us. Disponível em [http://student.archmedium.com/en/about-us] [Consultado a 15-03-2016]

ARCHMEDIUM, student competition (Dezembro 2015 - Maio 2016). Disponível em [http://student.archmedium.com/competition/bur/] [Consultado a 15-03-2016]

ARCSPACE, Architecture webzine. “Quartier Schutzenstrasse - Aldo Rossi”. Disponível em [http://www.arcspace.com/features/aldo-rossi-/quartier-schutzenstrasse/]

AUGUSTIN UND FRANK ARCHITEKTEN. (2003) Remise Schlesische Strasse 28, Berlin Kreuzberg [http://www.augustinundfrank.de/english/dia/12_remise/12_dia_remise_01.html]

BACON, Stuart (----). Thesis research document: “Ruinous Heteropia - Berlin, techo and getrification”. Disponível em [https://issuu.com/stuartbacon/docs/stuart_bacon_thesis_document_illustr] em

BADGER, Emily (2013). «How Many Gentrification Critics are actually Gentrifiers themselves?», [Consultado a 1/11/2016] Disponível em [http://www.citylab.com/housing/2013/08/what-happens-when-critics-gentrification-are-gentrifiers-themselves/6468/]

BERLINER HOEFE, “Hofe am Ostafen”. Disponível em [http://berliner-hoefe.de/h%C3%B6fe-am-osthafen]

CAVACO, Cristina. “Os espaçamentos ilegítimos ou a condição suburbana do vazio”. Disponível em [https://www.academia.edu/5803613/Espa%C3%A7amentos_ileg%C3%ADtimos._A_Condi%C3%A7%C3%A3o_Suburbana_do_Vazio]

COELHO, Alexandra Prado (2009). «Obrigada, arquiteto Siza, por ter feito uma casa tão bonita», Disponível em [https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/quotobrigada-arquitecto-siza-por-ter-feito-uma-casa-tao-bonitaquot-225213]

DGTE, Novo Regime da Reabilitação Urbana - Decreto-lei 307/2009, de 23 de Outubro Portal do Ordenamento do Território e do Urbanismo [Consultado a 16/11/2016] Disponível em [http://www.dgterritorio.pt/]

ELEMENTAL, site oficial do escritório em housing “Quinta Monroy”. Disponível em [http://www.elementalchile.cl/projects/quinta-monroy/]

HERWIG, Isabel. Bz-berlin online “*Cuvrybrache: Investor lasst Wohnungsbau platzen*” (28-03-2016) Disponível em [http://www.bz-berlin.de/berlin/friedrichshain-kreuzberg/cuvrybrache-investor-laesst-wohnungsbau-platzen]

JAMES, Kyle. *Deutsche Welle* “*A pool with a view*” (22-08-2004). Disponível em [http://dw.com/p/5SxC]

KOCHER, Marc, Luca Meda e Massimo Scheurer, “*Unitá residenziale e commerciale, Schutzenstrasse, Berlim, 1992-1998*”, *Fondazione Aldo Rossi*. Disponível em [http://www.fondazionealdorossi.org/opere/1990-1997/unita-residenziale-e-commerciale-schutzenstrasse-berlin-1992-1998/]

LEON, Joshua K (2016). “Cidades radicais, soluções radicais: Livro de Justin McGuirk encontra oportunidades em lugares inesperados” *ArchDaily* Brasil. Disponível em [http://www.archdaily.com.br/br/767085/cidades-radicaais-solucoes-radicaais-livro-de-justin-mcguirk-encontra-oportunidades-em-lugares-inesperados]

LOCAL LIFE, Archive: Kreuzberg District in Berlin. Disponível em [http://www.local-life.com/berlin/articles/kreuzberg] [Consultado a 20-04-2016]

LORENZ, Susanne. “*The Spreebrücke (Badeschiff)*” (2004). Disponível em: [http://www.komat.de/susanne-lorenz/?site=realized/09_badeschiff&lang=deAu]

MARTINS, Moisés de Lemos. Dicionário crítico em C&A-Cultura “Moderno e pós-moderno”. Disponível em [www.arte-coa.pt]

MORGENPOST, Berliner “*Cuvry-brache - Die berliner und der kampf um feiraum*” (26-07-2014). Disponível em [http://m.morgenpost.de/bezirke/friedrichshain-kreuzberg/article130587358/Cuvry-Brache-Die-Berliner-und-der-Kampf-um-Freiraum.html]

NEWTIZ, Annalee (2014). «*What Gentrification really is, and how we can avoid it*» Disponível em [http://www.archdaily.com/540712/what-gentrification-really-is-and-how-we-can-avoid-it]

OASRS, Ordem dos Arquitetos secção regional do sul, “Concurso biblioteca municipal e e museu do brinquedo de Torres Vedras” (22-02-2016) Disponível em [<http://oasrs.org/noticias/84/>]

O GLOBO, “Mais de 900 milhões de pessoas vivem em favelas diz relatório da ONU” (19-10-2016) Disponível em [<http://oglobo.globo.com/sociedade/mais-de-900-milhoes-de-pessoas-vivem-em-favelas-diz-relatorio-da-onu-20313751>]

OMA Office, “*Netherlands Embassy*” Disponível em [<http://oma.eu/projects/netherlands-embassy>]

PASCUCCI, Denim, traduzido por Eduardo Souza(6-06-2016). *ArchDaily* Brasil “Clássicos da arquitetura: Wohnhaus Schlesisches Tor (Bonjour Tristesse)/ Álvaro Siza Vieira + Peter Brinkert”. Disponível em [<http://www.archdaily.com.br/br/788901/classicos-da-arquitetura-wohnhaus-schlesisches-tor-bonjour-tristesse-alvaro-siza-vieira-plus-peter-brinkert>]

PATRÍCIO, Nuno André (2016). «Arquiteto: será que o termo “social” está na moda?», Disponível em [<http://p3.publico.pt/cultura/arquitetura/19467/arquitecto-sera-que-o-quot-social-quot-esta-na-moda>]

“Pós-modernismo” em “Artigos de apoio da Infopédia” [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Consultado em [2016-08-25]. Disponível em [[https://www.infopedia.pt/\\$pos-modernismo](https://www.infopedia.pt/$pos-modernismo)]

RECLAIMYOURCITY.NET © 2014-2015, “*Cuvry-Brache stays free*”. [Consultado a 18/08/2016] Disponível em [<https://reclaimyourcity.net/content/cuvry-brache-stays-free>]

RYDLINK, Katherine. *Jornal Spiegel* online “*Cuvry-Brache threatens the eviction*” (5-09-2014) [<http://www.spiegel.de/politik/deutschland/favela-in-berlin-cuvry-brache-in-kreuzberg-soll-geraeumt-werden-a-987958.html>]

RUIKEN & VETTER, Dipl. Ing. Architekten, “*Wolkenriegel*” (2001). Disponível em [<http://www.ruiken-vetter-architekten.de/wolkenriegel.html>]

SALEMA, Isabel. *Jornal Público* suplemento Ipsilon, “Koolhaas ganha prémio Mies com embaixada em Berlim” (12-04-2005) Disponível em [<https://www.publico.pt/culturaipilon/jornal/koolhaas-ganha-premio-mies-com-embaixada-em-berlim-15320>]

SCHOMAKER, Tai © 2016 DoYouSpace, “*Tempelhof airfield, a user generate process*”. Disponível em [<http://www.doyouspace.net/tempelhof-power-a-user-generated-process/>]

SENATE DEPARTMENT FOR URBAN DEVELOPMENT AND THE ENVIRONMENT, Archive: *Development of Berlin's Waterfront Locations, The Banks of the Spree in Kreuzberg and Friedrichshain*. Disponível em [<http://www.stadtentwicklung.berlin.de/planen/stadtentwicklungsplanung/en/wasserlagen/raeume/spreeufer.shtml>] [Consultado a 5-11-2016]

SHS, architects. Victoria Hoefe, “Der Cuvryspeicher”. Disponível em [<http://www.victoriahoefe.com/673.html>]

SIMMEL, Georg. “*Les ruines: un essai d'esthétique*”. Disponível em [<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.135/3997>]

SOARES, Júlio (2013). “Cidades adaptáveis”, dissertação para obtenção de grau de mestre em arquitetura - Departamento de engenharia da Universidade da Beira Interior, Covilhã Disponível em [<https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4006/2/disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>]

SUHR, Marianne (1991) “Urban Renewal Berlin: experience, example, prospects”. Disponível em [<http://www.worldcat.org/title/urban-renewal-berlin-experience-examples-prospects/oclc/441834287?referer=di&ht=edition>]

TRANSCHEIT, Paula, *Placemaking x gentrificação: a diferença entre revitalizar um espaço público*. 22 de julho de 2016, *ArchDaily* Brasil. Disponível em [<http://www.archdaily.com.br/br/791764/placemaking-x-gentrificacao-a-diferenca-entre-revitalizar-e-elitizar-um-espaco-publico>] [Consultado a 29-10-2016]

UE, Jornal Oficial da União Europeia, “Conclusões sobre a arquitetura: contributo da cultura para o desenvolvimento sustentável”, (2008/C 319/05). Edição em língua portuguesa, C 319/13 de 13.11.2008. Disponível em [<https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/cultura-e-desenvolvimento-sustentavel>]

UNESCO, “*Creative Cities Network 2004*”. Disponível em [<http://en.unesco.org/creative-cities/content/about-us>]

UNESCO “Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural”, CTL.2001/WS/9, (2001), Artigo 1. Disponível em [http://direitoshumanos.gddc.pt/3_20/IIIPAG3_20_3.htm]

UNESCO Relatório Mundial, “Investir na Diversidade Cultural e no Diálogo Intercultural” 2009. Disponível em [<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf>]

UNESCO - Creative Cities Network 2004 - promover o desenvolvimento económico, social e cultural através de indústrias criativas. Disponível em [<http://en.unesco.org/creative-cities/content/about-us>]

VIEIRA, Ana Bigotte, et al (2016) “Quem vai poder morar em Lisboa? Da gentrificação e do turismo à subida no preço de habitação: causas, consequência e propostas”, 7 de julho 2016 ArchDaily Brasil. Disponível em [<http://www.archdaily.com.br/br/790883/quem-vai-poder-morar-em-lisboa-da-gentrificacao-e-do-turismo-a-subida-no-preco-da-habitacao-causas-consequencias-e-propostas>] [Consultado a 29-10-2016]